

Lusofonia: Língua Portuguesa a Muitas Vozes

Fernanda Manuela Campos de Sá Couto Antunes

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino do Português e das
Línguas Clássicas**

Setembro, 2011

Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Relatório realizado sob a orientação científica da
Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva,
Professora Auxiliar do Departamento de Ciências da Educação
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
e do Professor Manuel Rodrigues,
Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela Saúde, o Amor e a Vitalidade concedidas.

A minha enorme gratidão às minhas filhas Maria e Mafalda, que são o motor da minha existência; ao meu marido Ninica pelo seu apreço por mim; à minha sogra Maria Cristina que me tem dado carinho; à minha cunhada Ana pela sua boa disposição; aos meus sobrinhos Matilde, Tomás, Francisco e Margarida que com sua alegria contagiante e o seu sentido de família têm alegrado muitas das minhas horas; às minhas irmãs Alice e Paula pelos nossos momentos fraternos.

Os meus agradecimentos vão igualmente para a equipa que fez parte deste meu ano de estágio, nomeadamente os professores Maria do Carmo Soares, Leonor Sardinha, Maria do Carmo Vieira da Silva e Manuel Rodrigues que me deram apoio e ensinamentos e também endereço a minha gratidão às minhas colegas mestrandas Olinda Gil e Sandra Nabais pela sua cooperação e amizade.

Agradeço a gentileza e a boa vontade do professor Nuno Júdice, do Nuno Machado, da Alexandra Durão, da Joana Ferreira e da Ana Rita Vaz.

Finalmente, gostaria de agradecer a todos os que de alguma forma me apoiaram, dando-me energia, ânimo e inspiração, incluindo aqui a Suri, a minha cadelita e grande amiga.

RESUMO | ABSTRACT

LUSOFONIA: LÍNGUA PORTUGUESA A MUITAS VOZES

LUSOPHONY: PORTUGUESE LANGUAGE THROUGH MANY VOICES

Fernanda Manuela Antunes

PALAVRAS-CHAVE: Lusofonia, Língua Portuguesa, Diversidade, Observação, Reflexão.

KEYWORDS: Lusophony, Portuguese Language, Diversity, Observation, Reflection (ou analysis).

Este relatório incide sobre a minhas Práticas de Ensino Supervisionadas (PES) na Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes, ao longo do ano lectivo de 2010/2011. O relato e a respectiva reflexão crítica centram-se na observação de aulas e na prática lectiva ao 9ºano em Língua Portuguesa e ao Curso Livre de Latim. O tema abordado – Lusofonia: Língua Portuguesa a Muitas Vozes – constitui um ponto de partida para esse relato e reflexão.

The present thesis is based on my Supervised Classes, which took place at Pedro Nunes Secondary School, during the school year of 2010/2011. Furthermore, the reported actions and their following critical analysis are founded on those class observations and also on lecturing both Portuguese Language to the 9th grade and the elective course of Latin, open to all students. The chosen topic – Lusophony: Portuguese Language through many voices – is taken as the foundation for the referred report and analysis, being the conductive thought, through which the entire study is linked together.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO ABSTRACT.....	3
ÍNDICE	4
ÍNDICE DE FIGURAS	8
 INTRODUÇÃO	 10
I. RETRATO DA INSTITUIÇÃO COOPERANTE.....	12
1. A História do Liceu Pedro Nunes	12
2. Caracterização do Espaço Físico.....	13
3. O <i>Corpus</i> Educativo	16
4. O sistema organizacional da Escola	16
5. Considerações finais.....	17
II. TEMA: LUSOFONIA: LÍNGUA PORTUGUESA A MUITAS VOZES	18
1. Considerações Prévias	18
2. Origem e evolução da língua portuguesa	20
3. Diversidade linguística do português.....	24
4. A Lusofonia e a CPLP	29
5. A unificação da língua e o novo Acordo Ortográfico	32
6. Considerações finais	35
III. PRATICAS PEDAGÓGICAS DE PORTUGUÊS NO ÂMBITO DA PES	36
1. Caracterização da turma do 9º A	36
1.1. Distribuição por género e idade	36
1.2. Aspectos sócio familiares.....	37
1.3. Acessibilidade e deslocação à escola.....	38
1.4. Disciplinas preferidas dos alunos.....	39
1.5. Disciplinas com maiores dificuldades.....	39

1.6. Futuras profissões.....	40
1.7. Alimentação na escola	40
1.8. Ocupação dos tempos livres	41
2. Observação de aulas no âmbito da PES.....	41
3. Práticas pedagógicas	44
3.1. Metodologia	44
3.2. Enquadramento no tema do relatório.....	46
3.3. Actividades extra-curriculares promovidas pelo núcleo de estágio .	47
3.4. Actividades promovidas na primeira pessoa	49
IV. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LATIM NO ÂMBITO DA PES	51
1. Os primeiros passos.....	51
2. Metodologias e práticas docentes	52
3. Caracterização da turma do Curso Livre de Latim	54
4. Actividades extra curriculares no âmbito da PES de Latim	55
5. Reflexão crítica final	55
CONCLUSÃO.....	57
ANEXOS	i
ANEXO 1 – imagens da Instituição cooperante	ii
ANEXO 2 – diversidade de vozes na língua portuguesa.....	iv
Anexo 2.1 – recolha de textos sobre a diversidade linguística.....	iv
Anexo 2.2 – power point 1 (diversidade linguística)	viii
Anexo 2.3 – <i>power point</i> 1 - os dois estádios da língua portuguesa	x
Anexo 2.4 – <i>power point</i> 1 - influências na língua portuguesa	xi
Anexo 2.5 – <i>power point</i> 1 – dialectos do português europeu.....	xi
Anexo 2.6 – <i>power point</i> 1 - distribuição geográfica dos falantes de língua portuguesa	xiii
Anexo 2.7 – <i>power point</i> 1 – português não europeu.....	xiv

ANEXO 3 – <i>power point</i> 2 – A língua evolui, viaja.....	xv
ANEXO 4 – ficha de trabalho com texto de Mia Couto.....	xviii
ANEXO 5 – Ficha de trabalho com texto de Luis Cardoso (escritor timorense)	xix
ANEXO 6 – <i>power point</i> 3 - CPLP e Comunidade Lusófona.....	xxiii
ANEXO 7 – tabela de distribuição de notas dos alunos ao longo do ano (níveis de classificação / nº de alunos)	xxv
ANEXO 8 – ficha de biografias.....	xxvi
ANEXO 9 – planificação de aula sobre textos de carácter autobiográfico	xxix
ANEXO 10 – <i>power point</i> 4 (excerto) - Auto da Barca do Inferno	xxxii
ANEXO 11 – tabela de registos sobre o <i>Auto da Barca do Inferno</i>	xxxv
ANEXO 12 – ficha de revisão sobre o <i>Auto da Barca do Inferno</i>	xxxvi
ANEXO 13 – planificação da última aula sobre Gil Vicente (intertextualidade com <i>D. Quixote</i> , de Cervantes)	xli
ANEXO 14 – caracterização de uma epopeia	xlvi
ANEXO 15 – planificação da aula sobre o Humanismo e o início da epopeia camoniana.....	xlvi
ANEXO 16 – <i>power point</i> 5 (excerto) – Humanismo	lii
ANEXO 17 – <i>power point</i> 6 (excerto) – biografia de Luis de Camões.....	liii
ANEXO 18 – actividade “Semear Poesia”	liv
ANEXO 19 – actividade “Árvores dos poemas”	lv
ANEXO 20 – actividade “À Barca, à Barca, Houlá!”	lvi
ANEXO 21 – palestra do Prof. Doutor Nuno Júdice	lvii
ANEXO 22 – exposição de poesia em língua portuguesa.....	lviii
ANEXO 23 – colectânea de poesia lusófona - <i>28 poemas para o 9ºA</i>	lix
ANEXO 24 – montagem do panfleto sobre o Curso Livre de Latim	lx
ANEXO 25 – ficha de trabalho de uma aula sobre o teatro de Plauto.....	lxi
ANEXO 26 – ficha de treino de oralidade latina	lxiv

ANEXO 27 – ficha formativa “Do latim às línguas novilatinas”	lxv
ANEXO 28 – visita de estudo a Coimbra (Criptopórtico de <i>Aeminium</i>)	lxvi
ANEXO 29 – poema <i>Carpe Diem</i> , integrado na exposição de poesia em língua portuguesa	lxvii
ANEXO 30 – antologia poética: <i>28 poemas para o 9º A</i> (em CD ROM)	lxviii

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – distribuição da turma por género.....	37
Figura 2 – idade dos alunos.....	38
Figura 3 – idade das alunas.....	38
Figura 4 – com quem vivem os alunos.....	38
Figura 5 – nível de escolaridade das mães.....	38
Figura 6 – nível de escolaridade dos pais.....	38
Figura 7 – profissão das mães.....	39
Figura 8 – profissão dos pais.....	39
Figura 9 – tempo de deslocação.....	39
Figura 10 – meio de transporte utilizado.....	39
Figura 11 – disciplinas preferidas.....	40
Figura 12 – disciplinas com mais dificuldades.....	40
Figura 13 – ambições profissionais.....	41
Figura 14 – refeições na escola.....	41
Figura 15 – ocupação de tempos livres.....	42
Figura 16 – biblioteca de acesso público.....	ii
Figura 17 – biblioteca histórica.....	ii
Figura 18 – escadaria central.....	ii
Figura 19 – sala de professores.....	ii
Figura 20 – entrada principal.....	iii
Figura 21 – portaria.....	iii
Figura 22 – área de circulação comum.....	iii
Figura 23 – recreio.....	iii
Figura 24 – evolução da avaliação quantitativa.....	xxvi
Figura 25 – exposição de autores portugueses.....	lv

Figura 26 – pormenor “semear poesia”	lv
Figura 27 – árvore de poemas i.....	lvi
Figura 28 – árvore de poemas ii.....	lvi
Figura 29 – aspecto geral da exposição vicentina.....	lvii
Figura 30 – pormenor de palco.....	lvii
Figura 31 – Prof. Nuno Júdice.....	lviii
Figura 32 – apresentação do Prof. Nuno Júdice.....	lviii
Figura 33 – aspecto geral da exposição em língua portuguesa.....	lix
Figura 34 – pormenor de poema.....	lix
Figura 35 – Prof. Leonor Sardinha e mestradas.....	lxvii
Figura 36 – <i>ara pacis</i> (<i>Aeminium</i>).....	lxvii
Figura 37 – poema <i>Carpe Diem</i>	lxviii

INTRODUÇÃO

Ler é uma forma de estar lá

José Saramago

O mundo vive na era da globalização. Apesar de todas as inseguranças e dificuldades presentes, Portugal faz parte integrante desta irreversível realidade, caracterizada positivamente pela abertura e pelo alargamento de experiências, conhecimentos e responsabilidades, rumo à *cidadania mutidimensional* (Popovici, 2006, citado por Silva, 2011, p.86). No nosso país, as comunidades escolares são cada vez mais abertas ao exterior, ao multiculturalismo, à partilha e ao convívio directo com jovens de outros países, trazendo estes consigo a sua cultura e frequentemente uma língua materna diferente.

Numa contemporaneidade abalada por indefinições e crises, creio, no entanto, ser possível o enriquecimento de todos através “do outro”, com a aquisição dos seus saberes e da mútua troca de informações, em permanente comunicação alargada, onde a língua é um instrumento precioso, elo insubstituível de ligação entre os povos.

Nesta perspectiva, o objectivo do meu trabalho no âmbito da PES (Práticas de Ensino Supervisionadas) prendeu-se com a sensibilização dos alunos para a importância da língua portuguesa no mundo actual, sem sobranças, uma língua de forte possibilidade global, enquadrando o valor e a dimensão da comunidade lusófona num vasto universo de falantes detentores de língua oficial comum, assim como a relevância da sua criação literária, ocupando um digno lugar na literatura do mundo.

Deste modo, pretendi efectuar a valorização do português e da literatura produzida nesta língua, realçar a sua diversidade, os seus múltiplos intervenientes, apontando caminhos pertinentes de interculturalismo e cooperação entre os povos da Lusofonia. Foi objectivo também incluir a contribuição da língua e da cultura latinas que são a génese da nossa língua.

Assim, as páginas que se seguem são constituídas de actividades didáctico pedagógicas no âmbito programático do 9ºano do 3º ciclo de escolaridade, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Latim, pensadas, planificadas e leccionadas durante o meu estágio na Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes, revelador do meu humilde, mas firme empenho de contribuição para o alargamento de “janelas” junto dos alunos.

I. RETRATO DA INSTITUIÇÃO COOPERANTE

1. A História do Liceu Pedro Nunes

A Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes é uma instituição académica emblemática da cidade de Lisboa, por onde passaram muitos alunos e professores, alguns dos quais se viriam a revelar figuras proeminentes da vida nacional, em várias áreas, que vão da política à ciência, da cultura à pedagogia, entre outras. Assim, pelas salas do velho liceu, nomes como Américo Thomaz e Jorge Sampaio (ambos presidentes da República), os distintos professores universitários Barahona Fernandes (antigo reitor da Universidade de Lisboa), Delfim Santos (nosso primeiro catedrático em Pedagogia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Marcelo Rebelo de Sousa, Rui Zink, o político Álvaro Cunhal, o poeta António Gedeão (pseudónimo literário do professor de Físico-Química na referida instituição, Rómulo de Carvalho), o escritor Fernando Campos (docente de Português, Latim e Grego), o psiquiatra Daniel Sampaio, o jornalista Nuno Rogeiro, o actor Ribeirinho, o cantor Luís Represas e muitos outros.

Nascido em 20 de Janeiro de 1906, com a denominação de Lyceu Central, da 3ª zona escolar de Lisboa, teve como primeira instalação provisória, durante três meses, no palácio Valadares. A 1 de Março do mesmo ano, passou para a Rua do Sacramento, à Lapa. A 11 de Novembro de 1911, foi inaugurado o edifício que ainda hoje se mantém, projecto do arquitecto Ventura Terra, situado na Avenida Álvares Cabral (em terrenos da antiga Quinta da Estrela). Na época, foi considerado uma obra arquitectónica de vanguarda e nos nossos dias, apesar de ter sofrido obras de reabilitação e restauro, conserva muito da sua funcionalidade original, com espaços equilibrados e operacionais, constituindo-se como obra de valor histórico e patrimonial.

A presente instituição tem também uma história pedagógica de grande valor e tradição ao longo do século XX. O seu primeiro reitor foi António Joaquim de Sá Oliveira, que desenvolveu grande trabalho na área da pedagogia experimental. Por sua iniciativa, reestruturou o liceu, entre 1928 e

1930, ficou a denominar-se Liceu Normal, passando a partir daí a processar-se a vertente de formação de professores, e, portanto, a organização de estágios pedagógicos, que eram orientados pelos então denominados Professores Metodólogos. Em 1957 e 1970, foi editada a revista “Palestra”, que foi testemunho desta actividade pioneira, no âmbito da formação de docentes. Actualmente, a instituição mantém esta vertente pedagógica.

Como referência ainda a outros pedagogos importantes, citam-se os nomes de Francisco Dias Agudo¹ e o seu último reitor, Jaime da Mota. Actualmente, a Escola Secundária Pedro Nunes continua empenhada na dinâmica impulsionadora de formação de professores e mantém a sigla que preconizou o seu centenário em 2006: *tradição e inovação*.

2. Caracterização do Espaço Físico

A instituição localiza-se na freguesia lisboeta de Santa Isabel, mais precisamente na Avenida Álvares Cabral, servindo de modo directo, para além da referida freguesia, a população estudantil das freguesias da Lapa, Santo Condestável e S. Mamede. A abertura de rede do metropolitano da estação do Rato, possibilitou ainda a frequência de outros jovens provenientes de diferentes áreas residências.

Situado entre jardins e arvoredo, próximo de zonas nobres da cidade de Lisboa, a Escola Secundária Pedro Nunes, beneficiou entre Setembro de 2008 e Setembro de 2010 de obras de restauro, modernização e alargamento dos seus espaços.

Piso 0: Neste localizam-se as salas de directores de turma, da associação de pais e encarregados de educação, os serviços administrativos, o gabinete médico, o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e a biblioteca escolar de acesso público (cf. **Anexo 1.1**).

¹ Francisco Dias Agudo, reitor nos anos 60 do então denominado liceu Pedro Nunes. Autor da conhecida obra *Introdução à Vida Docente*, editado em 1955 pela livraria Sá da Costa.

Piso 1: Espaço reservado à direcção, ao gabinete do presidente do conselho geral, ao ensino especial, à sala de professores e à biblioteca histórica (cf. **Anexo 1.2**). Aqui, podemos verificar a existência de instalações originais e reabilitadas, como a escadaria central, (cf. **Anexo 1.3**) o emadeiramento, o mobiliário centenário, que conferem a este local uma ambiência confortável e antiga, onde tudo se encontra em excelente estado de conservação, arrumo e limpeza. Esta é uma parte pouco frequentada da escola, habitualmente silenciosa e vazia. A título de exemplo, refira-se que a sala dos docentes, com instalações muito requintadas apenas é utilizada para registo de sumários e que, para além disso, raramente se observa a presença de alguém (cf. **Anexo 1.4**). Assim, nesta ala esquerda do edifício, estranhamente não se sente a ambiência inerente a uma escola secundária.

Piso 1.1: Local onde se encontram o bar, a sala de convívio dos alunos, o ginásio, o refeitório, a sala polivalente e as instalações do Centro de Recursos Educativos (CRE). A entrada da comunidade educativa faz-se por uma porta lateral (cf. **Anexo 1.5**) que dá acesso directo a este espaço, após transposição de um sistema de segurança com torniquete, onde os alunos utilizam um cartão magnético. Próximos estão a papelaria, o pequeno espaço destinado à portaria, (cf. **Anexo 1.6**), o elevador e as escadas que conduzem à ala direita do edifício, correspondente à parte mais usada e “viva” da instituição (cf. **Anexo 1.7**). Esta apresenta-se ampla, reabilitada, e por aqui pulsa o verdadeiro ritmo do “Pedro Nunes”, com a sua população estudantil, os seus professores, num ambiente que se percebe de imediato ser de bastante organização.

Piso 2: Este compreende as salas de aula, o gabinete de trabalho para professores e a sala do clube de leitura. As sessenta salas de aula são, na sua maioria, amplas e arejadas. Equipadas com material informático e audiovisual, possuem quadro interactivo, as mesas e as cadeiras são novas. Os corredores que lhes dão acesso são largos, com janelas, e a circulação das pessoas faz-se de modo acessível e seguro, verificando-se a existência de algumas rampas de acesso a cadeiras de rodas e material antiderrapante nos locais de maior movimentação. Neste local, estão ainda situados os modernos laboratórios de Ciências da Natureza, Ciências Físico-Químicas, Matemática, Informática e de

Fotografia. As instalações sanitárias são bem distribuídas e espaçosas. Existem ainda dependências para arrumos.

Verifica-se, no entanto, a inexistência de um local amplo e funcional para exposições abertas à comunidade escolar e visitantes, nomeadamente um espaço com capacidade de projecções e disponível num horário alargado. Habitualmente, utiliza-se para este efeito a biblioteca e área adjacente, porém o seu espaço e horário são limitativos (abertura às 10 horas, interrupção para almoço do funcionário, das 13 horas às 14 horas e encerramento às 16.30 horas).

O espaço correspondente às áreas exteriores encontra-se bem conservado, possui pátios e alpendres (*cf. Anexo 1.8*), campo de jogos, jardim e parque automóvel com um funcionário a supervisionar as entradas e as saídas das viaturas. A escola encontra-se murada por alto gradeamento de ferro. À frente do edifício existe uma passadeira para peões e sinal advertindo a proximidade de escola.

Pelo que ficou descrito, conclui-se que a Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes possui excelentes condições físicas, um local ideal para se aprender, reestruturado de forma moderna e bem equipado, integrado num edifício histórico muito interessante, bem servido de transportes, enquadrado numa zona bonita da cidade, rodeado de árvores frondosas, próximo do Jardim da Estrela e da Basílica com o mesmo nome, concedendo-lhe tudo isto, por um lado, o carisma e quiçá o mito alcançados por gerações de alunos e de professores que ao longo de cem anos fizeram a história desta instituição, e por outro, a modernidade e a excelência de condições de espaço actuais, propícias a um bom clima didáctico - pedagógico.

3. O *Corpus* Educativo

A escola possuía, no ano lectivo de 2010 - 2011, uma totalidade de 1004 alunos, cuja distribuição por ano de escolaridade e turmas era a seguinte:

- 7ºano: 87 alunos em 3 turmas; 8ºano: 104 alunos em 4 turmas; 9ºano: 134 alunos em 5 turmas; 10º ano: 275 alunos em 10 turmas; 11º ano: 186 alunos em 9 turmas; 12º ano: 218 alunos em 9 turmas.

Como se observa, a comunidade discente tinha maior incidência no Secundário (68%), sendo que 679 alunos frequentavam este nível de escolaridade, integrados em turmas de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais, e no 3º Ciclo, estudavam 321 alunos. O horário das actividades lectivas era das 8.15 às 13.15 horas, em regime de turno único. Para além disso, os alunos podiam frequentar em regime livre o “Clube de Ciências”, o “Atelier de Artes”, “O Clube de Leitura”, existindo também actividades extra-curriculares no âmbito do Desporto Escolar.

Quanto aos docentes, eram na sua totalidade 110, os assistentes administrativos 9 e os assistentes operacionais 21².

4. O sistema organizacional da Escola³

Os principais órgãos da instituição são os seguintes:

a) O Conselho Geral - constituído por 21 elementos, distribuído por professores, não docentes, alunos, pais e encarregados de educação, elementos da autarquia e representantes da comunidade local. Este órgão máximo tem como competências prioritárias eleger o Director, aprovar o Projecto Educativo, assim como o Regulamento Interno da Escola, e os Planos Anuais de Actividades.

² Os dados apresentados foram fornecidos pela Direcção da escola cooperante.

³ Elementos retirados do “Regulamento Interno” da referida escola.

b) A Direcção - constituída pela directora da escola, professora Ana Maria Vilarinho e por um grupo de assessores, sendo a subdirectora professora Aldina Lucas e os adjuntos da direcção, respectivamente, os professores Jorge Santos, Graça Jardim e Cândida Monteiro. Esta autoridade representa a Escola, exerce o poder hierárquico e o poder disciplinar aos alunos, detém as competências delegadas pela Administração Educativa e Câmara Municipal de Lisboa.

c) O Conselho Pedagógico - constituído por quinze membros, tem como presidente a Directora escolar, corresponde ao órgão de coordenação e supervisão pedagógica e também possui funções de orientação educativa.

d) O Conselho Administrativo - tem funções inerentes a processos de carácter funcional e administrativo.

Para além destes órgãos, fazem parte do sistema organizacional da instituição: Departamentos Curriculares, Directores de Turma, Coordenadores de 3º ciclo e do Secundário, professores /tutores, Núcleo de Apoio Educativo (NAE), Centro de Recursos Educativos (CRE), Serviços de Apoio Social (SASE) e Serviço de Psicologia e Orientação (SPO).

5. Considerações finais

Pelo que me foi dado a observar, a Escola c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes é uma instituição escolar privilegiada, tanto na sua componente física (espaço totalmente reabilitado, moderno e funcional), como no seu *corpus* pedagógico, com alunos provenientes maioritariamente da malha urbana e burguesa da cidade, residindo muitos deles próximo do local. Ao longo das *Práticas de Ensino Supervisionadas* (PES), constatei que não se registavam sérios problemas de disciplina, corpo docente estável, e os restantes funcionários eficazes e solícitos. Tudo “respirava” limpeza, organização e os responsáveis pela escola manifestavam brio e empenho no sentido de promover um ambiente cordial, convidativo e responsável dentro do seu espaço.

Verifiquei, todavia que, com um sistema tão organizado como o existente, se enfrentava algum excesso de burocracia com horários algo

rígidos, iniciando-se todas as actividades às 8.15 horas e terminando às 17 horas (à excepção de reuniões de docentes que eventualmente se prolongassem). Observei, também, que muitos dos espaços, funcionalmente excelentes, se encontravam frequentemente vazios, fechados, dir-se-ia subaproveitados.

Em geral, observei que os alunos, professores e funcionários aparentavam sentir-se bem no seu “liceu”, no entanto, registei que a maioria não parecia aderir entusiasticamente a actividades fora do âmbito lectivo obrigatório, nomeadamente exposições, *workshops*, conferências. Neste domínio, a adesão era frequentemente limitada, tornando-se por vezes difícil a sua motivação e seu consequente sucesso. Após questionar alguns professores da escola sobre esta particularidade, estes referiram que, por um lado, o corpo docente não tinha por hábito desenvolver muitas actividades para além das aulas leccionadas e, por outro, os alunos não sentiam necessidade de permanecer na escola após o seu horário obrigatório, pois em geral eram alunos pertencentes à classe média/alta, com acesso a actividades desportivas, culturais e de lazer, fora do âmbito escolar.

II. TEMA: LUSOFONIA: LÍNGUA PORTUGUESA A MUITAS VOZES

1. Considerações Prévias

A conjugação do factor linguístico constitui a principal alavanca da cooperação entre os povos lusófonos e da sua afirmação perante os outros povos.

José Augusto Seabra

Quando se fala em Lusofonia e principalmente se pretende promovê-la, há que ter em linha de conta que se trata de um tema não isento de polémicas, uma realidade que exige reflexão amadurecida e uma prática que requer cautelas sob a pena de provocar equívocos. A este propósito afirma-nos Eduardo Lourenço: *O inocente tema da Lusofonia é uma selva obscura ou*

voluntariamente obscurecida pela interferência ou coexistência nele, de leituras, de intenções inconfessadas ou inconfessáveis (Lourenço, 1999, p.179).

Considero assim, que ao estudar-se as problemáticas relacionadas com a língua portuguesa no mundo, se deve fazê-lo com a consciência plena de que tal como nos diz o referido autor: *A Lusofonia não pode ser considerada um espaço de portugalidade, mas multipolar e descentrada. É a palavra portuguesa que é igualmente do outro, que pode falar ou fala português* (Lourenço, 1999, p. 189). Com efeito, ao longo das aulas em que foi pertinente esta abordagem, ao nível dos conteúdos temático, comunicativo ou do funcionamento da língua, tive sempre presente esta circunstância que procurei enfatizar, tentando fazer compreender aos alunos a **diversidade de vozes** (cf. **Anexo 2.1**) que a englobam e a sua **distribuição geográfica**, ou seja, os cerca de **duzentos milhões de falantes da língua portuguesa** que se encontram espalhados pelos cinco continentes (cf. **Anexo 2.2**). Como nos diz Gomes da Costa: *Com o mar de premeio e oceanos outros, a nossa língua configura um continente global em que as diferenças unem e as contradições nos enriquecem*⁴. (Costa, apud, Maia, 1999, p.17).

No que concerne à legitimidade da sua pertença, a afirmação *uma língua não é de ninguém, mas nós não somos ninguém sem uma língua que fazemos nossa* (Lourenço, 1999, p.132) é esclarecedora de quem são os proprietários da mesma, e foi provavelmente nesse sentido que Fernando Pessoa, pela voz de Bernardo Soares a considerou como a *sua pátria*. (Lourenço, 1999, p.132).

Assim, colocadas estas considerações prévias, pretendi sensibilizar os alunos para importância do português, uma das línguas internacionais mais faladas e globais do mundo, a pertinência de a defender, de a preservar, de a *habitar* (Lourenço, 1999, p.133).

⁴ Sobre este tema sugere-se a leitura da “Revista Camões” nº6 no artigo *Pontes Lusófonas*, editado pelo Instituto Camões.

(...) é pelas variedades produzidas pelos seus falantes, que devemos a possibilidade de imaginar, mais do que duzentos milhões de falantes, esse amplo manto de uma língua comum que é referente de culturas afins ou diversas, e que é apesar ou por causa da sua variedade, aquele espaço ideal, onde se comunicam e se reconhecem na sua particularidade partilhada, todos quantos os acasos que história aproximou (Madeira, 2003, p.26).

2. Origem e evolução da língua portuguesa

A palavra é um retrato feito a sons
Teixeira de Pascoaes

Quando se fala na origem da nossa língua, remonta-se primordialmente ao latim, a língua da Roma antiga e que chegou aquando da presença dos romanos na Península Ibérica, por volta do século III a. C. Jorge de Alarcão especifica o início da conquista de Roma na Península Ibérica em 208 a. C., com o embarque das tropas de Cneu Cipião nas Astúrias (Alarcão, 2002, p.17), concretamente à zona que se chamava então Lusitânia. A ocupação romana do Alentejo foi feita entre 202 a. C. e 139 a. C., ocorrendo intensos momentos de guerras contra os lusitanos, onde se destacou o chefe deste povo, Viriato (Alarcão, 2002, p.17). O mesmo autor refere-nos que a conquista romana desta zona do Sul da Europa, foi concluída por Augusto, em 27 a.C., tendo fundado aí centros urbanos, urbanizou as *oppida*⁵ que já existiam, fez a delimitação dos *territoria*⁶ das diferentes *civitates*⁷, colocando *terminus*⁸ (Alarcão, 2002, p. 35). Assim nos foi transmitido o latim, essencialmente por via popular, ou seja através dos soldados e colonos que aqui se estabeleceram, como nos afirma o filólogo Leite de Vasconcelos:

⁵ s.n., cidade

⁶ s.n., territórios

⁷ s.f., cidades

⁸ s.m., marcos

Uma língua segue um dos dois destinos seguintes: ou morre completamente e deixa de ser falada (...) ou se perpetua noutras por lenta e incessante transformação (...), constituindo-se depois, ramos de uma mesma árvore” (Vasconcelos, 1928, p.118).

Desta forma, o mesmo autor conclui que o latim de Virgílio não é em rigor uma língua morta (Vasconcelos, p.119). Pelo que nos toca, chamou-se Lusitânia à zona ocidental da Península Ibérica, que compreendia a Galiza, quase todo o território que hoje é Portugal, a parte de Leão, de Castela e da Estremadura Espanhola. Aqui, residiam antes da romanização, povos desde os tempos pré-históricos. Segundo o autor estudado, depois terão chegado tribos como as dos Cunetes, no Algarve, Turdetanos e Célticos na zona que é hoje o Alentejo; Turdulos entre o Tejo e o Douro, Gróvios e Brácaros, entre e o actual Minho, Seurros em Trás-os-Montes. Com a conquista romana, essas e demais tribos deixaram de ter existência autónoma (Vasconcelos, 1928, p.173). Deu-se então a sua saída dos castros, vindo das montanhas para as zonas mais baixas, aprender a língua, os costumes e a religião de Roma, surgindo hortas, *uillas*, donde nasceram directa ou indirectamente muitas povoações actuais: *Ebora* ou *Liberilias Iulia*, hoje Évora; *Olisipo* ou *Felicitas Iulia*, Lisboa; *Pax Iulia*, Beja, *Bracara Augusta*, Braga, entre muitas outras (Vasconcelos, 1928, p. 174).

A língua portuguesa, propriamente dita, esteve desde o seu início, ligada à história cultural da Península Ibérica, onde havia diversos falares regionais, sendo o principal contributo o galaico - português, falado entre o Douro e o Minho e no mais antigo centro cristão da Europa: Santiago de Compostela. Para Godinho Esteves *é difícil precisar a época em que começou a falar-se o idioma português, que evoluiu a partir do latim popular (...) falado pelos soldados e colonos romanos, dando origem ao remanço ou romance* (Esteves, 1998, p. 15). Este autor refere que a evolução continuou com a influência de povos invasores: Suevos, Godos e Árabes, a partir do início da Idade Média, por volta de 453 d.C. a que foram acrescentados termos provençais, através dos colonos vindos dessas regiões e do grego por meio do romano e do árabe (Esteves, 1998, p.16). A esta evolução progressiva da língua, juntaram-se

vocábulos eruditos, transmitidos através de textos eclesiásticos, vindos dos mosteiros, das ordens religiosas como a de Cluny e Cister, que eram grandes centros culturais da época (*idem*, p. 16).

Segundo Leite de Vasconcelos, a gramática mais antiga da nossa língua surgiu apenas no ano de 1536, quatrocentos após a fundação de Portugal, o seu autor foi Fernão de Oliveira, baseando-se este nos gramáticos clássicos, com frequentes citações de Varrão, Cícero e Quintiliano (Vasconcelos, 1928, p. 45). Igualmente, o autor de *Opusculus*, indica-nos outras que se lhe seguiram no mesmo período, sob os alvares do humanismo, como a *Gramática*, de João de Barros (1540), *Ortographia da língua portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1576). Já no século XVII, *Ortographia*, de João Franco Barreto, no século seguinte, *Compêndio*, do padre Carmelo e a *Ortographia*, de Madureira Feijó (Vasconcelos, 1928, p. 45). Estes compêndios linguísticos eram segundo o autor citado:

(...) muito imperfeitos, porque os seus autores preocupados em geral com a ideia de que a língua portuguesa se devia regular em tudo pela latina, seguiam às vezes mais a exposição dos gramáticos clássicos, do que observavam a realidade(Vasconcelos, p.15).

Hoje, sabe-se que as modificações das línguas são um processo dinâmico irregular, durante o qual, se vão dando alterações a nível fonético, morfológico, e também a nível da sintaxe e da semiologia.

(...) as línguas se alteram constantemente, assim quem não se socorrer a um vocabulário, não poderá ler com prontidão qualquer poesia dos nossos antigos Cancioneiros. Em Gil Vicente e ainda em Camões, existem muitos termos que precisam tradução (*idem*, p.114).

Neste sentido, afirmou Duarte Nunes de Leão, autor do século XIX, ao reflectir sobre a evolução da língua: *Assi como em todas as cousas humanas há continua mudança e alteração, assi he também nas lingoages* (Leão, 1864, p.12). Em todas as línguas existem pois, vários estádios que numa forma abrangente, os filólogos enquadram em duas grandes divisões: arcaica e moderna (cf. **Anexo 2.3**). *O português arcaico começou no século XII e dura*

até ao século XVI, podendo Gil Vicente e Sá de Miranda (...) estabelecer a transição dele para a língua literária moderna (Vasconcelos, 1928, p. 275).

Alguns especialistas, entre os quais Paul Teyssier, assinalam esta mudança com a publicação de *Os Lusíadas*, em 1572, para o que se considerou o português clássico, correspondente ao período do renascimento humanista no nosso país (Teyssier, 2001, p.66). Este autor refere ainda que os descobrimentos portugueses tiveram naturalmente consequências na nossa língua, sendo que as maiores foram no vocabulário. Assim, de África e da Ásia e mais tarde do Brasil, chegaram ao português grande número de palavras exóticas (Teyssier, 2001, p. 71). No final do século XVIII e início do século XIX, *pareceu ter sido uma época de transição entre o português clássico e o que se pode chamar o português moderno ou contemporâneo (idem, p.73)*. A partir daí, o nosso vocabulário enriqueceu-se com palavras respeitantes a conceitos e objectos relacionados com a técnica e a ciência, muitos dos quais se foram buscar às raízes da antiguidade clássica, o autor dá-nos como exemplos, vocábulos como: automóvel, autocarro, televisão (*idem, p.73*), referem-se ainda influências de França que nos últimos séculos teve papel preponderante na cultura europeia, registam-se algumas palavras de importação italiana, especialmente ligadas a termos musicais, como: arpejo, piano ou sonata e, sobretudo a grande influência da língua inglesa (*cf. Anexo 2.4*), esta de forma muito marcante a partir da segunda guerra mundial, em meados do século passado (*idem, p.74*). Por tudo o que ficou dito, fazem todo o sentido as palavras de João Maria André:

Cruzam-se nos nossos gestos a memória de outros gestos, mistura-se na nossa língua a Babel de outras línguas, sobrepõem-se na nossa pele múltiplos tecidos de outras peles, como páginas reunidas de livros em movimento (André, 2005, p. 105).

Refira-se por último, que em relação a este ponto supra apresentado, o mesmo foi estudado com os alunos, durante o meu período de Práticas de Ensino Supervisionadas (PES), sendo que a origem e a evolução da língua

portuguesa, fazia parte dos conteúdos programáticos do 9º ano, assim como do Curso Livre de Latim (cf. **Anexo 3**).

3. Diversidade linguística do português

A língua portuguesa tem este grande defeito e esta virtude: aceita todas as inflexões e acentos sem nunca perder a sua identidade.

José Craveirinha

A língua portuguesa tem características de universalidade, ou seja: encontra-se dispersa por todos os continentes, não é apenas restrita a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo como nos define José Augusto França: *uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre os vários povos* (França, 2007, p. 93).

Com aproximadamente duzentos milhões de falantes, o português é língua materna de alguns, língua oficial de outros (L2) e ainda em muitos casos que se relacionam com a emigração, a língua que já dominam mal, pois vem dos seus antepassados portugueses em diáspora pelo mundo. Naturalmente, dada a dimensão geográfico cultural, a língua portuguesa constitui-se de especificidades ou variações linguísticas.

Paul Teyssier, estudioso nesta matéria, agrupa - a em três subclasses: o português europeu; o português brasileiro e o português africano (Teyssier, 2001, p.90) (cf. **Anexos 2.3 e 2.7**).

O primeiro falado em Portugal continental e insular, compreende alguns dialectos ou *falares regionais* (Vasconcelos, 1928, p. 45). Este autor português refere os seguintes: interamnenense (falado entre o Douro e o Minho); transmontano, beirão, estremenho, alentejano, algarvio e ainda os falares açorense e madeirense (Vasconcelos, 1928, p. 46) (cf. **Anexo 2.6**). Para além destes, existe o mirandês, língua nacional ancestral, falada na cidade nortenha de Miranda do Douro e que para António Bárbolo Alves *vive sobretudo no seu estado natural, que é a fala umbilicalmente ligada à cultura rural, ameaçada ou*

em vias de extinção, uma língua milenária (Alves, 2007, p. 175). Alguns especialistas consideram ainda o galego, uma língua irmã do português, pelo facto da sua proveniência comum. Entre eles, refira-se o poeta galego António Gil Hernández, que nos diz: *Galiza, talvez Portugaliza, decerto Lusofonia* (Hernández, 1990, p.13).

O português brasileiro é a subclasse mais falada no mundo, corresponde à língua oficial do imenso território do Brasil, com uma população de cento e vinte milhões de habitantes, é nesta altura e pela sua dimensão, aquele que reúne mais condições para fazer do português uma língua de importância internacional.

Quando em 1532, os portugueses se instalaram para colonizar o território, este era povoado de índios. Depois, importaram grande número de mão-de-obra escrava, proveniente de África. Assim, os colonos de origem portuguesa introduziram a sua língua materna. Segundo nos refere Teyssier : *as populações de origem indígena, africana ou mestiça, vão aprendendo português, mas manejam-no de uma forma imperfeita, criam-lhe traços específicos que se vão acentuando* (Teyssier, 2001, p. 75). Paralelamente, existia a *língua geral*, o *tupi*, que se foi gramaticalizando com a presença dos jesuítas. Muitos povos indígenas, conservavam também os seus idiomas particulares, que se chamavam *línguas travadas* (*idem*, p. 76). Com muitas medidas tomadas pelos políticos, entre as quais a proibição do uso do *tupi* no século XVIII, pelo Marquês de Pombal, a verdade é que a língua falada no Brasil, tornou-se progressivamente um português alargado por mestiçagem. É no decorrer deste século, que segundo o referido autor, se documentam as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizam este português, concretamente em 1788, na peça *O Miserável Enganado*, folheto publicado na “Officina de Francisco Borges de Sousa”, onde se lê: *Fabrício vestia um commum roupão de seda e barrete, affectando a falla carioca* (*idem*, p. 108).

O caso da unidade linguística no Brasil, tendo em conta a sua enorme dimensão geográfica e o seu número tão vasto e heterogéneo de falantes,

constitui-se num paradigma que Gomes da Costa descreve e sintetiza da seguinte forma:

*Este imenso país pejado de portugueses, de filhos de portugueses, de netos de portugueses, de muitos milhões de brasileiros que se chamam Queiroz, Magalhães, Alcântara, Pais, Vieira, Brito (...) um país onde os índios falam português, onde os filhos, netos e bisnetos de italianos, alemães, polacos, japoneses, espanhóis, congoleses e ganenses falam e pensam em português, onde todos são brasileiros*⁹ (Costa, 2000, p.38).

O português africano é falado em Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Possui o estatuto de língua oficial, por oposição às línguas nacionais destes estados. Segundo Teyssier, segue a norma europeia, mas no seu uso oral, distancia-se cada vez mais desta, aproximando-se curiosamente, em certas particularidades do português brasileiro (Teyssier, 2001, p.96). Se no Brasil toda a sua população fala a mesma língua, a situação do português africano é bastante diferente. Este funciona principalmente como elemento linguístico de unificação, uma vez que a população fala crioulos e várias línguas nacionais. Em relação a estas diz-nos Maria Helena Ançã: *são ainda predominantemente ágrafas ou dispõem apenas de descrições parcelares* (Ançã, 1999, p. 14).

Segundo um estudo efectuado por Luís Ferreira Lopes, efectuado com dados aproximados e baseado em estudos parciais de âmbito académico, em diversas fontes relativas às taxas de alfabetização em português e em consultas pessoais, uma vez que os PALOP¹⁰ não possuem recenseamentos actualizados disponíveis (Lopes *et al*, 2006, p. 68), é a seguinte a percentagem de falantes de língua portuguesa africana: Em Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, 70% da população fala português e crioulo e 30% fala apenas este

⁹ Sobre este tema sugere-se a leitura da “Revista Camões” nº11 no artigo *Pontes Lusófonas*, editado pelo Instituto Camões.

¹⁰ Sigla que significa Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

último. Na Guiné-Bissau, apenas 11% da população comunica em português, os restantes usam vários crioulos, ou uma das vinte e uma línguas nacionais (Seiber, 2008, p.194). Em Angola, 30% a 40% dos seus cidadãos, fala a sua língua oficial, os restantes usam uma entre as quarenta e uma línguas nacionais (Seiber, 2008, p.193), especialmente o *banto* (Ancã, 1999, p. 18). Em Moçambique, apenas entre 17% a 25% de moçambicanos fala português (Lopes *et al*, p. 68) e os outros utilizam uma das quarenta e três línguas nacionais existentes no país (Seiber, 2008, p. 193).

Outra característica interessante do português africano é a existência dos crioulos de base lexical portuguesa que lhe estão ligados. Lindley Cintra considera-os *uma verdadeira disseminação da língua portuguesa, que os oceanos espalharam quando era língua franca (...) constituindo-se profundamente afastados desta* (Cintra *apud* Seabra, 2007, p.96). Marius Valkoff chama-lhes *línguas históricas* (Valkoff, 1960, p.6), em virtude de terem nascido da comunicação pouco cordial, entre colonizadores portugueses e colonizados ou escravos africanos, que a História registou. Em relação ao crioulo cabo verdiano, diz-nos Manuel Veiga: *Sem negar as suas origens lusitanas, terá sido construído no próprio chão das ilhas, a partir da energia e da sabedoria que em grande medida terá provindo das profundezas da mamãe – África* (Veiga, 2002, p.8).

No século XIX, o fundador dos estudos crioulos, Hugo Schuchardt agrupou os crioulos de origem portuguesa em três tipos: o primeiro, referente às ilhas do Golfo da Guiné (S. Tomé, Ano Bom e Príncipe); o segundo, respeitante ao crioulo continental da Guiné-Bissau e o ultimo, o crioulo de Cabo Verde com as variantes do Barlavento e do Sotavento (*apud* Schuchardt, Valkoff, pp.11-12). Lindley Cintra alarga esses estudos, considerando que existem para além destes crioulos africanos vindos do português, os crioulos asiáticos usados na Índia, Ceilão, Malaca, Macau, Timor e a existência de crioulos da mesma base, na América, tais como: papiamento de Curaçau, Aruba e Bonaire e o dialecto de Surinam, na Guiana (Cintra *apud*, Seabra, 2007, p.96).

A nível cultural e por mais estranho que pareça, é a África onde fomos colonizadores, no sentido mais imperial, que hoje vivemos com mais familiaridade. Na literatura, muitos escritores africanos dão actualmente prestígio à língua portuguesa, revelando em algumas das suas obras a existência de certos elementos culturais comuns entre África e Portugal. Assim, existem autores – referências do novo estatuto dessas culturas, poetas com Rui Knopfli, Craveirinha, Luandino Vieira, ficcionistas como Pepetela ou Mia Couto (cf. **Anexo 4**). Sobre o escritor moçambicano, estudado pelos alunos, por minha iniciativa, no âmbito da PES, diz-nos Almeida e Pinho:

Sente necessidade de moçambicanizar a sua língua (...), na forma como um povo agarra uma língua e lhe inculca as marcas da sua própria cultura, de raízes indubitavelmente africanas (Pinho, 2007, pp.86 e 87), concluindo depois, que a sua vasta obra é escrita *num português mesclado com formas nativas* (Pinho, 2007, p. 87). Considero esta afirmação bastante elucidativa, contendo em si, grande parte do que caracteriza o português africano dos nossos dias.

Dentro da temática da diversidade da língua portuguesa e dos seus falantes, é pertinente registar ainda o caso paradigmático de Timor. Este constitui exemplo demonstrativo de como a língua é um instrumento político muito importante, que não pode ser olvidado (Magalhães, 2007, p.132). Para o referido autor, este país conta com a existência de quinze línguas autóctones, no entanto, o *tétum*, que é a par do português uma língua oficial, mas ao contrário desta última, uma língua falada por todos os timorenses. (cf. **Anexo 5**). Quanto à nossa língua, esta foi língua de colonização, de descolonização, de independência, de resistência à ocupação e por último de soberania. Com efeito, as línguas portuguesa e o *tétum* *marcam a diferença entre Timor-Leste e a Austrália e impõem-se como barreira à sua anexação cultural. É a língua portuguesa que separa Timor-Leste da Indonésia* (Magalhães, 2007, p.133).

4. A Lusofonia e a CPLP¹¹

Língua portuguesa, encruzilhada de quantos a falam e a escrevem, ponto de encontro onde se plasmam culturas e civilizações.

Carlos Reis

O termo lusofonia só muito recentemente surge como um vocábulo registado nos dicionários de língua portuguesa. Segundo a linguista Ana Isabel Madeira, os primeiros registos surgem nos anos 80 do século passado, nas publicações de estudos Luso Galaicos da Fundação Viqueira, nomeadamente na *Revista Internacional de Lusofonia* (Madeira, 2003, p.11). O termo passa a consagração lexical no dicionário da Academia de Ciências de Lisboa no ano de 2001, ocupando a página 2310) que nos indica:

Lusofonia, s.f. 1.Qualidade de ser português, de falar português; o que é próprio da língua portuguesa 2.Comunidade formada pelos países e povos que têm o português como língua materna ou oficial 3.Difusão da língua portuguesa no mundo¹².

Assim, esta palavra que cumpre apenas dez anos de existência formal, traduz-se pelo conjunto de falantes incluídos nos oito países da CPLP e ainda outras regiões em que é usado o português, nomeadamente em Macau e em Goa. Por outro lado, deve-se considerar as comunidades de emigrantes portugueses, que em todo o mundo utilizam a sua língua materna para comunicarem entre si (cf. **Anexo 2.6**). Há ainda a considerar o *português da Galiza* (Madeira, 2003, p.12). Para a investigadora Maria Helena Ançã, Lusofonia corresponde:

¹¹ Cf. **Anexo 6**

¹² In - *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* (2001). Lisboa: Editorial Verbo

(...) a um sistema de comunicação linguístico - cultural na língua portuguesa, com as suas variedades linguísticas, geográficas, sociais, pertencentes a vários povos que a utilizam, quer como LM, quer como L2 : Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique. S. Tomé e Príncipe, Timor e ainda os antigos territórios portugueses da Índia, China, Malásia, incluindo também as comunidades espalhadas pelo mundo” (Ançã, 1999, p.13).

Eduardo Lourenço afirma-nos a propósito da propagação do português:

Quiseram (...) as circunstâncias – na sua origem pouco recomendáveis - que a nossa língua europeia, em contacto com a africana se adoçasse, mais do que já é na sua versão caseira, para tomar esse ritmo aberto, sensual, indolente, do português do Brasil, ou o tom nostálgico de Cabo Verde (Lourenço, 1993, p.13).

Quanto à CPLP¹³ esta constitui-se formalmente a 17 de Junho de 1996, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, com o objectivo primeiro do reforço internacional da língua portuguesa, como elemento privilegiado para afirmar a presença e a acção dos seus países, seja em África, no Brasil ou em Portugal, espaços geográficos onde se inserem, seja no mundo em geral, onde não se pode esquecer a dimensão de milhões de seres humanos que falam português. O analista Luís Ferreira Lopes considera, no entanto, que antes desta organização internacional, que recentemente cumpriu onze anos, uma certa afinidade já existia e era vivenciada de alguma forma:

A Comunidade Lusófona e Lusógrafa sempre existiu no relacionamento dos povos (...) apesar dos desentendimentos vários que persistem ao nível das

¹³ A sigla significa: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

percepções culturais divergentes dos povos de língua portuguesa (Lopes *et al*, 2006, p.8).

Segundo o referido autor, o projecto desta comunidade iniciou-se de uma vontade luso brasileira, sendo que a ideia de Comunidade *Lusíada*, nasce do sonho de pensadores como Agostinho da Silva¹⁴ ou Gilberto Freyre¹⁵ e seus herdeiros (Lopes *et al*, 2006, p. 8).

A CPLP nasceu da criação de condições políticas entre sete estados que partilham a mesma língua (mais tarde, em 2000, depois da libertação de Timor pelo jugo indonésio, este jovem país da Oceânia juntar-se-lhes-ia). Durante o processo de negociações, o então Ministro dos Negócios Estrangeiros, José Manuel Durão Barroso vetou a ideia inicial do Brasil de formalização de uma Comunidade de Povos Lusófonos, uma vez que em países como Angola e Moçambique, onde existe uma grande pluralidade étnica e linguística própria, naturalmente não se revêem exclusivamente como povos de expressão ou de língua portuguesa. Ferreira Lopes cita-nos o exemplo deste último (assim como de outros PALOP(s), que utiliza a língua portuguesa *como instrumento de trabalho e de relacionamento político e sobretudo como elemento unificador da sua diversidade linguística de raízes tribais* (*idem*, p. 24).

A presente organização surgiu como consequência imediata da independência das ex colónias africanas de Portugal, entrou na cena internacional como um reflexo de uma mudança nas relações entre os povos, com origem antropológica étnica e de civilização diferentes, que como nos diz José Augusto Seabra: *que uma língua religou nas descobertas, sobrevivendo às vicissitudes políticas, com um património partilhado, transcontinental e transoceânico* (Seabra, 2007, p. 93).

¹⁴ Agostinho da Silva (1906-1994), filósofo, poeta e ensaísta português. Viveu alguns anos no Brasil onde foi professor universitário. O seu tema mais candente e polémico foi a cultura da língua portuguesa *num fraternal abraço ao Brasil e aos países lusófonos*.

¹⁵ Gilberto Freyre (1900-1987), sociólogo brasileiro. Fundador do *luso – tropicalismo* sendo a sua obra mais célebre *Casa Grande e Senzala* (1933).

A CPLP não significa que tenha consolidado em si uma aliança lusófona acabada e perfeita nos seus desígnios. É opinião de todos os que trabalham e se interessam pela sua dinâmica e evolução, que muito ainda está por fazer. Existem desafios colocados ao colectivo lusófono entre os quais Maria Armandina Maia enfatiza: *Ser singular e plural, respeitar fronteiras e superá-las (...) desaprender (pré) conceitos de supremacia e quimeras de unidade (...) na construção de uma geografia de afectos* (Maia, 1999, p.12)

Para muitos é legítimo sonhar e trabalhar para o reforço de um espaço unido da língua portuguesa, no sentido de resistir à pressão e à hegemonia de outros espaços linguísticos que parecem dominar o mundo actual, mas este desígnio deve ser seguido: *não como um império, hoje impensável, à Albuquerque, ou nem sonhável à maneira de Vieira (...) sonhá-lo a sério significa não ser o único sonhador dela e saber que os outros não a sonharão como nós.* (Lourenço, 1993, pp.164 e 165).

É pois desta forma que se deve promover a língua portuguesa e a Lusofonia que a acalenta: **a muitas vozes** (cf. Anexo Livro sobre a Lusofonia, poemas para o 9º A).

5. A unificação da língua e o novo Acordo Ortográfico

*Não faço guerra contra o acordo ortográfico,
mas acho que algumas grafias, não atrapalham a leitura*
Mia Couto

A assinatura do Acordo Ortográfico foi realizada a 16 de Dezembro de 1990, pelos países lusófonos: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique e em Julho de 2004 por Timor-Leste. Este projecto ambicioso e polémico, pretende a unificação da língua portuguesa, uma vez que até então, tem havido oficialmente duas ortografias nesta língua: o português europeu (seguido na generalidade pelos países de língua oficial portuguesa) e o português do Brasil.

Este Acordo Ortográfico está teoricamente em vigor nos países que ratificaram o III Protocolo Modificativo, entre os quais Portugal, que o promulgou a 21 de Julho de 2009, mas na prática apenas se encontra em pleno uso no Brasil, desde o início do referido ano, que o adoptou logo, em documentos oficiais e nas escolas. No nosso país, ainda não é generalizado nos documentos oficiais do Estado e começa-se com alguma timidez a pensar-se a sua aplicação em manuais escolares respeitantes a determinados anos de escolaridade para o ano lectivo de 2011/2012. Em virtude do nosso período de transição se cumprir a 13 de Maio de 2015, tomei pessoalmente a decisão de redigir o presente relatório ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1945.

Nos restantes países, os trabalhos neste âmbito ainda estão mais atrasados: Angola prevê um protocolo modificativo para 2013, não havendo data prevista para a entrada em vigor do novo Acordo, o mesmo acontece com a Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Timor. Quanto a Cabo Verde, está prevista a sua utilização formal entre Outubro de 2015 e 2019.¹⁶

Para os seus defensores, o Novo Acordo Ortográfico simplificará a ortografia da língua portuguesa, o embaixador do Brasil junto da CPLP, Lauro Moreira considera que para além disso, este *deverá constituir um valioso instrumento de harmonização, restituindo à língua escrita a unidade perdida em 1911* (Moreira, 2010, p.31). No entanto, as opiniões dividem-se e são muitos aqueles que se opõem a esta mudança, como é o caso de Desidério Murcho que tece considerações que de alguma forma subscrevo:

*Muitas pessoas opõem-se ao acordo ortográfico, por pensarem que as línguas devem ser deixadas a quem as usa, em vez de serem controladas artificialmente por via legislativa. Na verdade, há razões para pensar que a liberdade linguística enriquece a língua (...) o argumento de fazer um acordo para dar mais força internacional à língua, soa aos meus ouvidos a mentira política.*¹⁷

¹⁶ Estes dados foram retirados do site Ciberdúvidas sobre o acordo ortográfico

¹⁷ in Blogue “De rerum natura” (17/6/2008).

Homem da cultura portuguesa, Vasco da Graça Moura enquanto elemento integrante do movimento *Iniciativa Legislativa de Cidadãos* (ILC), considera importante que entre os decisores políticos, os académicos, os linguistas, os escritores e outros intervenientes da vida cultural portuguesa, haja uma atitude mais ponderada, a adopção de um ritmo mais lento e reflexivo, numa matéria tão sensível como esta e que para o autor, está cheia de contradições (Moura, 2009)¹⁸. Mia Couto, por seu turno, afirma a este propósito: *O acordo ortográfico tem tanta excepção, omissão e casos especiais que não traz qualquer mudança efectiva* (Couto, 2008)¹⁹.

Assim, no universo lusófono, o Acordo Ortográfico apresenta várias dinâmicas no interior do seu processo: o Brasil com o seu natural interesse, compreensível por deter a mais significativa parcela de falantes de português da actualidade, Portugal seguindo-o, os restantes países da CPLP, mais atrasados, dir-se-ia sem pressas, alguns dos quais sem datas previstas para a entrada em vigor do acordo que concerne unidade linguística à sua língua oficial.

Depois de muita reflexão em torno de tão complexo tema, considero que seria importante esperar por todos os estados que utilizam a língua portuguesa, tentar conciliar várias posições, uma vez que esta é de todos sem excepção, independentemente de ser falada num país com destaque político e económico, ou não. Assim, esta tornou-se naquilo que os sujeitos falantes de cada território fizeram dela, ao realizarem o seu acolhimento: uma língua plural, diversa e rica. Por isso, como nos diz o fundador da Sociedade de Língua Portuguesa, Vasco Botelho do Amaral: *Eu não mando na língua. (Ninguém manda). A minha posição só me agrada seja a da tolerância. Violência só para violências* (D'Silvas, 2010, p. de rosto).

¹⁸ in Diário de Notícias de 22/4/2009

¹⁹ in "Isto é"(revista brasileira) de Fevereiro de 2008

6. Considerações finais

Optando pelo caminho do encontro e da mestiçagem dialógica entre culturas

João Maria André

No que diz respeito aos pontos supra referenciados neste capítulo, todos eles foram abordados nas aulas da PES, tendo sido utilizados para tal, vários modos de operacionalização e diferentes materiais. Houve de minha parte a preocupação de promover junto da turma 9º A da instituição cooperante, iniciativas que fizessem cumprir o tema proposto do meu relatório de estágio, dando natural ênfase para a diversidade linguística do português. Procurei desenvolver nos alunos a capacidade de reflectir sobre a sua língua, de a analisar e sobretudo, promover a consciencialização para a pluralidade que esta comporta. Ao fazê-lo, tentei passar a mensagem da importância cultural e política da língua portuguesa, assente numa premissa de respeito pelo *o Outro* e numa perspectiva de Cidadania. Onésimo Teotónio de Almeida define-a como: *língua de várias pátrias, dela se diz ser maleável e fraterna* (Almeida, 2008, p.196).

Nas minhas aulas, procurei integrar o conceito de Interculturalismo defendido pelo Conselho da Europa²⁰ que é absolutamente parte integrante da Lusofonia a promover. Assim, numa língua global, dispersa geograficamente e pluricultural, é salutar aprofundar o seu conhecimento através do que a linguista Dulce Moreira considera de *enriquecimento mútuo das culturas (...)* *em que cada um vê os olhos da sua cultura através do outro, questionando e relativizando o seu eu, por comparação com o outro* (Moreira, 1997, p.128).

Por último, refiro ainda, que ao falar de Lusofonia e de espaços lusófonos junto dos discentes, foi meu propósito reforçar a ideia de que se trata de uma realidade em permanente construção. No entanto, os seus aspectos de diversidade intrínseca constituem elementos de enorme vitalidade e riqueza e são harmonizados e unificados pela língua portuguesa, através dos povos e das nações onde é falada, constituindo-se um desafio actual e lançado ao futuro, no sentido de que esta vasta comunidade se torne efectivamente uma *comunidade de afectos*. Segundo as palavras de Vítor Aguiar e Silva:

²⁰ Sobre este tema cf. relatório do Conselho da Europa sobre a Educação para o século XXI, conhecido por “Relatório Delors”

(...) uma partilha de memórias, de interesses e de projectos; um diálogo mutuamente enriquecedor; uma solidariedade que exclui qualquer discriminação; e uma igual dignidade reconhecida a todos os povos que têm como sua a língua (portuguesa) (Silva, 2010,p. 338).

III. PRATICAS PEDAGÓGICAS DE PORTUGUÊS NO ÂMBITO DA PES

1. Caracterização da turma do 9º A

A caracterização que se segue foi realizada com a colaboração da Directora de turma, professora Alexandra Durão, que me forneceu elementos específicos dos alunos, indispensáveis para a análise e caracterização da mesma, a partir dos quais efectuei tratamento de dados e me forneceram uma ideia mais concisa da turma com a qual trabalhei nas Práticas de Ensino Supervisionadas (PES).

1.1. Distribuição por género e idade

A turma 9º A era constituída por vinte e oito alunos, dos quais quinze eram raparigas e treze rapazes. As suas idades eram diversificadas e iam dos treze aos dezassete anos, tendo sete alunos repetentes (Ver figuras 1,2 e 3).

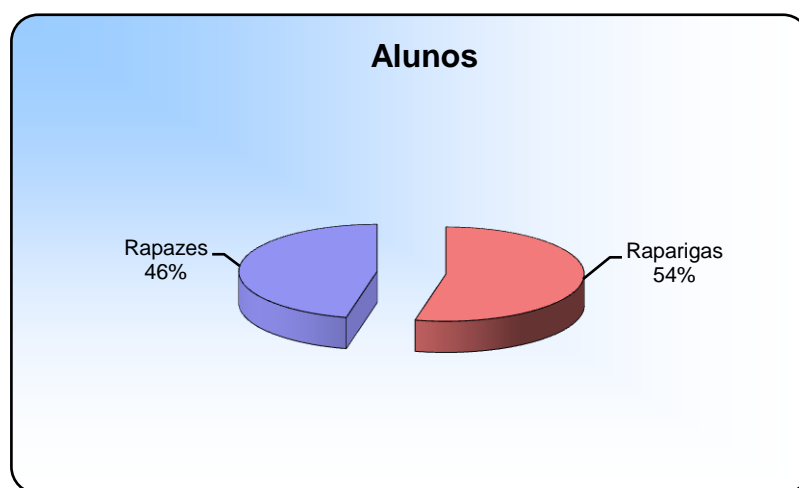


Figura 1 – distribuição da turma por género

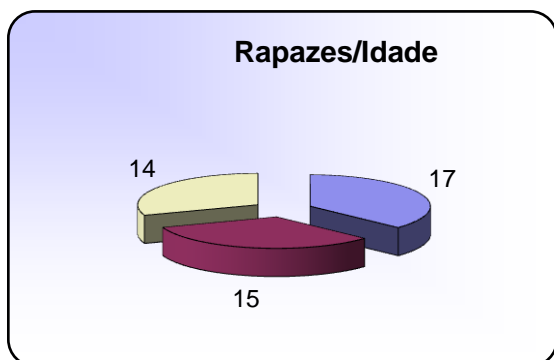


Figura 2 – Idade dos alunos

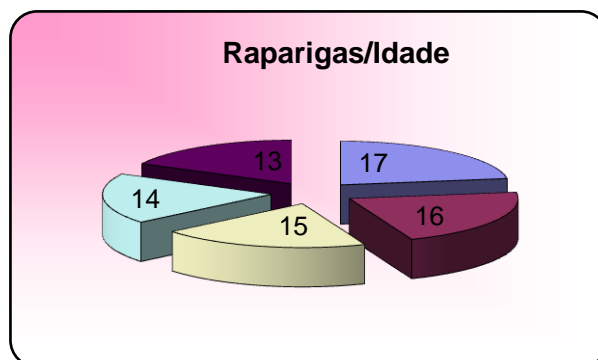


Figura 3 – Idade das alunas

1.2. Aspectos sócio familiares

O número mais significativo de alunos provinha de famílias biparentais, no entanto havia também uma elevada percentagem que vivia apenas com um dos seus progenitores, verificando-se, ainda que dois discentes viviam com outros parentes (Ver figura 4).

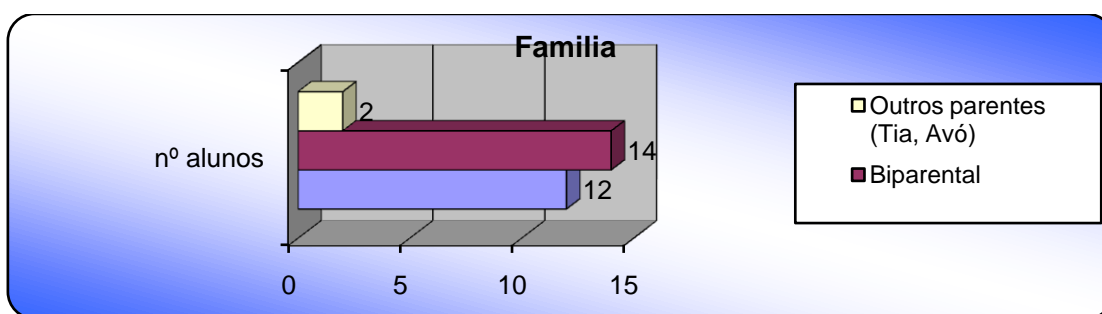


Figura 4- com quem vivem os alunos

Quanto à escolaridade dos pais, mais de metade da turma tinha nível de ensino superior, existindo no extremo oposto de habilitações académicas apenas um pai e uma mãe com o 1º ciclo (Ver figuras 5 e 6).

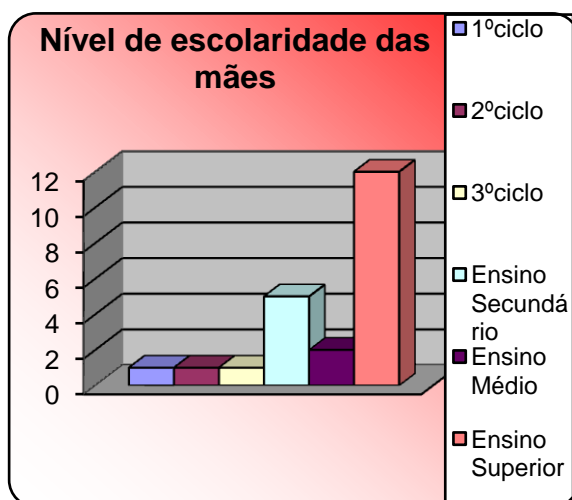


Figura 5 – nível de escolaridade das mães

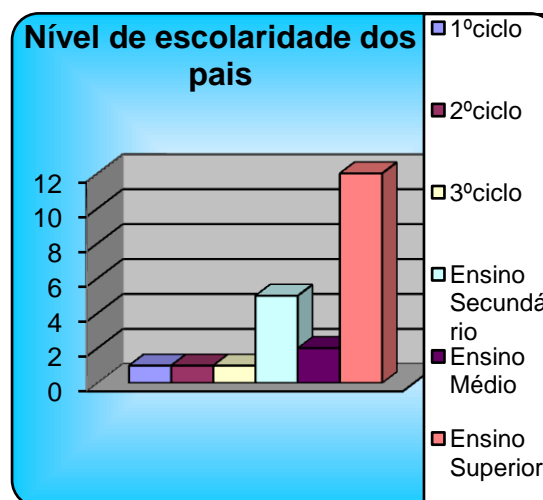


Figura 6 – nível de escolaridade dos pais

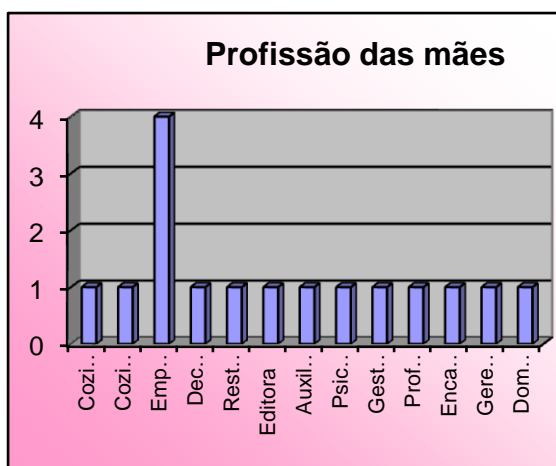


Figura 7 – profissão das mães

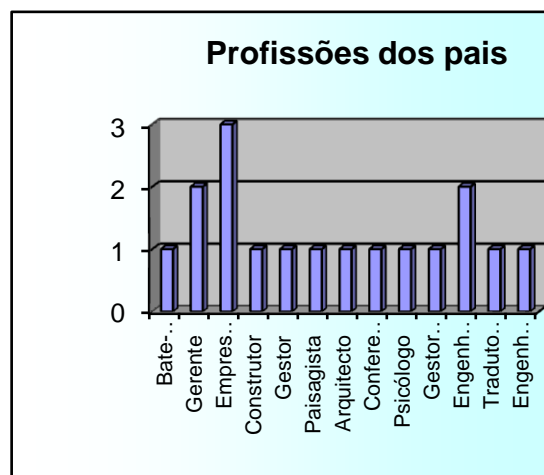


Figura 8 – profissão dos pais

Em relação às profissões do agregado familiar, verifiquei que existiam profissões variadas, no entanto a predominância incidia em actividades conotadas com a classe média/ alta. O maior número de pais era empresário (Ver figuras 6 e 7).

1.3. Acessibilidade e deslocação à escola

No que diz respeito ao tempo dispendido pelos alunos, nas deslocações escolares, observei que a maioria deles morava perto da instituição, gastando cerca de quinze minutos no seu percurso. O meio de transporte mais utilizado era o autocarro, mas muitos vinham também a pé, os restantes em carro particular, registando-se ainda um aluno que se deslocava de comboio (Ver figura 8 e 9).

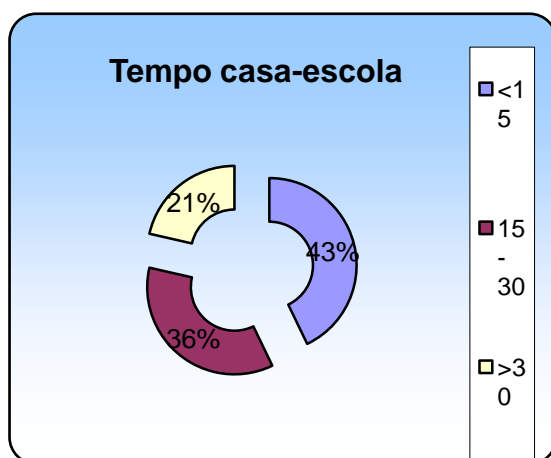


Figura 9 – tempo de deslocação

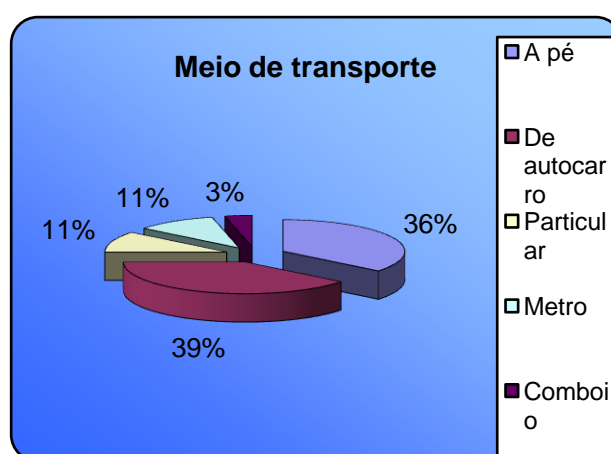


Figura 10 – meio de transporte utilizado

1.4. Disciplinas preferidas dos alunos

A preferência foi para Educação Visual e Ciências da Natureza. De registrar ainda, que apenas quatro elementos da turma colocavam a disciplina de Língua Portuguesa como sendo das mais apreciadas do seu currículo obrigatório (Ver figura 10).

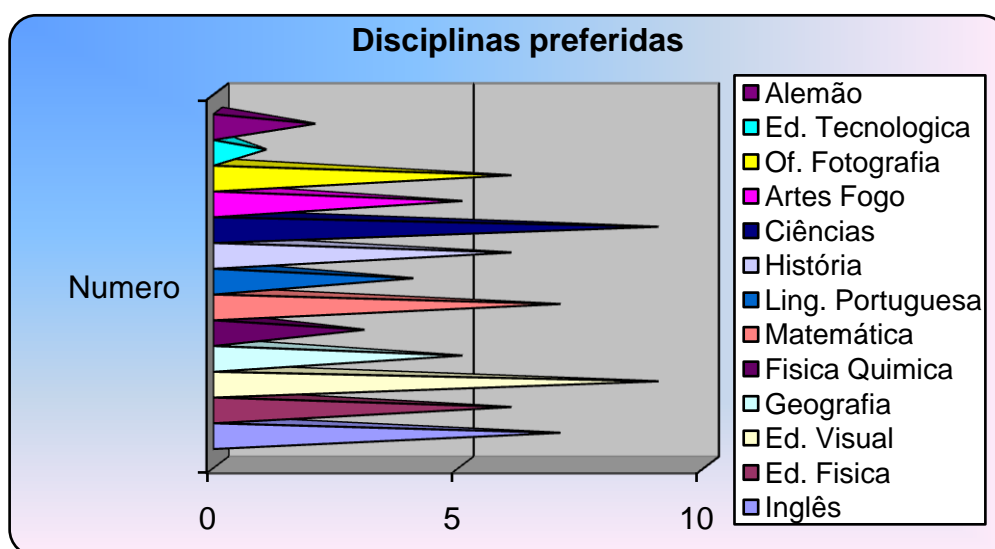


Figura 11 - disciplinas preferidas

1.5. Disciplinas com maiores dificuldades

O maior número de alunos considerava o Alemão a disciplina onde apresentava mais problemas, seguido da Matemática e do Inglês (Ver figura 11).

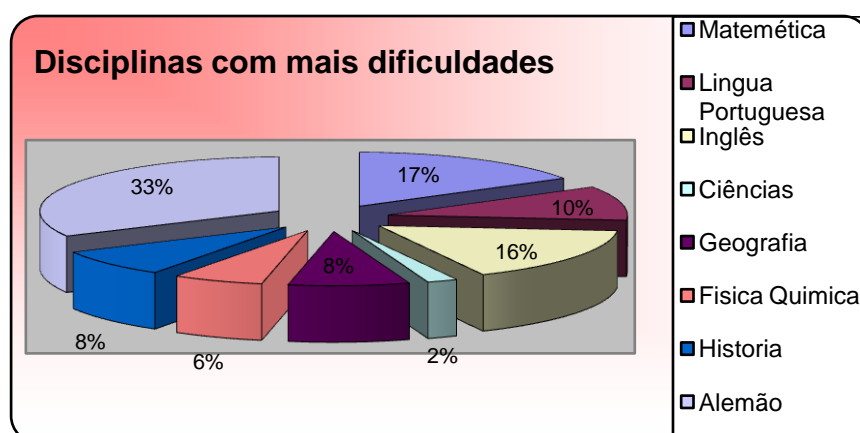


Figura 12 – disciplinas com mais dificuldades

1.6. Futuras profissões

No que concerne a profissões no futuro, as pretensões eram variadas, notando-se que sete escolhiam uma única profissão e aparentavam ter, já como definido, aquilo em que gostariam de trabalhar, quando adultos (Ver figura 12).

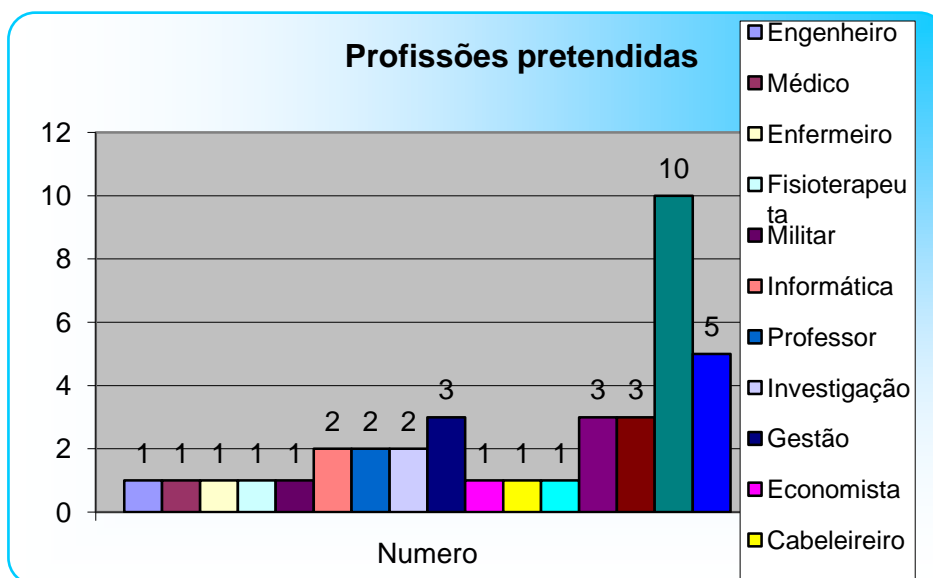


Figura 13 – ambições profissionais

1.7. Alimentação na escola

Verificou-se que a maioria almoçava na escola, havendo uma percentagem considerável de alunos que fazia ainda uma refeição a meio da manhã, no bar (Ver figura 13).

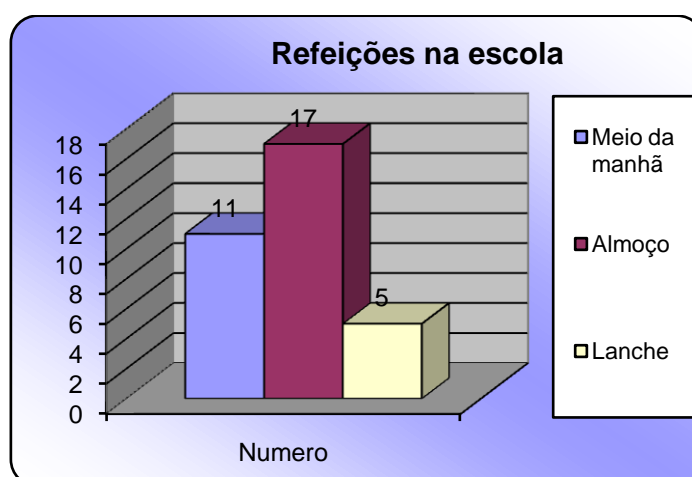


Figura 14 – refeições na escola

1.8. Ocupação dos tempos livres

Em relação ao tempo dispensado para o lazer, praticamente todos os alunos afirmaram que o faziam com amigos, registando-se ainda um número elevado dos que praticavam desporto e navegavam na *internet*. Curiosamente, metade da turma incluiu ainda a leitura, situação que considero positiva, tendo em conta a situação dos leitores em Portugal²¹ (Ver figura 14).

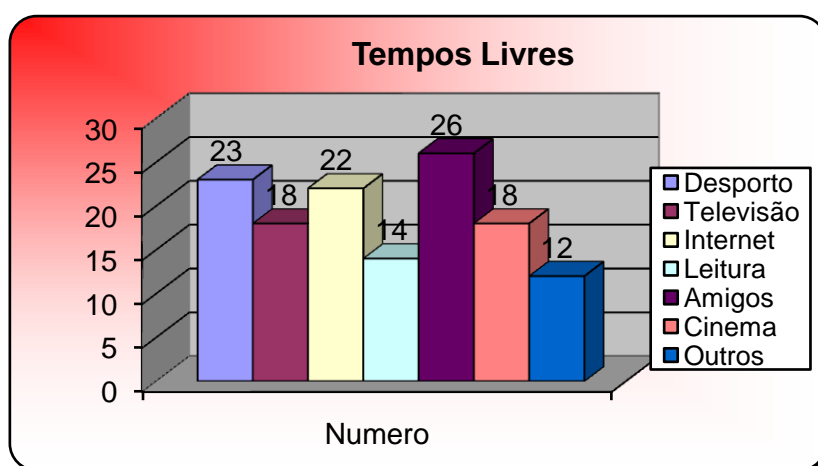


Figura 15 – ocupação de tempos livres

2. Observação de aulas no âmbito da PES

Nunca é demais sublinhar a importância que assume a observação dos comportamentos no processo ensino-aprendizagem. A Pedagogia actual tem chamado à atenção para o papel desempenhado pelos processos de observação, diagnóstico e avaliação como fundamento de toda a acção educativa.

Albano Estrela

Este ponto refere-se, como se depreende, ao período de observação das aulas dadas pela orientadora de estágio, professora Carmo Soares, concretamente à turma que me foi atribuída, e que tenho vindo a caracterizar. Fi-lo através da **metodologia naturalista** que possibilita a construção dos factos a partir da inserção de situações e comportamentos nos seus respectivos contextos (Estrela, 1994, p.20). Por outras palavras, e usando a terminologia de outro especialista em Educação, a observação foi directa, isto é: realizou-se no interior do processo educativo (Mialaret, 1981, p. 129).

²¹ Sobre este tema consultar Freitas, Eduardo et al (1997). *Hábitos de Leitura, um Inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

A sala de aula organizava-se do modo mais tradicional, em filas e em colunas (Arends, 1995, p. 94), os alunos ocupavam os seus lugares, escolhidos livremente por eles na primeira aula, mantinham -nos ou alteram-nos por vontade própria. Porém, em situações especiais, como alguma indisciplina ou tendência para a desatenção, a professora destinava o lugar para o aluno e este mantinha-se aí durante o tempo e número necessário de aulas, para que o problema naturalmente se dissipasse, voltando depois disso o discente a sentar-se no lugar por ele pretendido.

Como pude observar, a turma 9ºA não manifestava problemas de indisciplina e frequentemente o sistema de comunicação na sala de aula fazia -se da interferência profunda dos dois circuitos, o vertical e o horizontal (Antão, 1993, p. 15), ou seja, em relação ao primeiro, havia frequentemente trocas individuais professor /aluno, em que a docente se dirigia a um discente de cada vez, tomando a iniciativa da comunicação de modo a que as possíveis intervenções da classe fossem fixadas, previstas e solicitadas por si (Antão, 1993, p. 15), no entanto esta forma associava-se frequentemente à possibilidade de os alunos poderem comunicar uns com os outros, dando-se hipótese a que o circuito horizontal também funcionasse (*idem*, p. 16), desta forma, a docente começava então por ser *um organizador e animador (...), estimulando e desenvolvendo as comunicações entre os alunos (idem*, p. 17) e posteriormente, geria a sua contribuição, no sentido de desenvolver competências e na promoção de conhecimentos no domínio da língua e da literatura.

Nas aulas por mim observadas, pude constatar as interacções da professora com os seus alunos ao nível do *comportamento verbal (idem*, p. 19), tais como: fornecia objectivos e suas definições; designava com frequência alunos de forma individual; lançava questões e propostas a grupos ou à turma inteira, respondendo sempre de boa vontade às questões que lhe eram colocadas; insistia em sistematizações e uso de palavras-chave, dava directivas que os alunos acatavam com regularidade e motivava-os sistematicamente para as regras de bom comportamento.

Do mesmo modo, observei e registei atitudes referentes ao seu *comportamento não verbal* (*idem* p. 19), que passo a enunciar: raramente se sentava ou se colocava atrás da sua secretária; usava regularmente o quadro e algumas vezes, recorria ao computador com o *data show*. Durante as lições, deslocava-se muitas vezes, pelas filas dos alunos, frequentemente com um caderno na mão, tirando notas; dirigindo-se quase sempre ao lugar do aluno que necessitava de ajuda. Nas aulas, oferecia quase sempre o seu sorriso, raramente se zangava com a turma, pois na verdade, os trabalhos decorriam sem incidentes de maior.

Quanto ao comportamento, o 9ºA era uma turma, em geral, disciplinada, com três elementos mais desestabilizadores, mas que não impediam *per si* o bom desenrolar das actividades dentro da sala de aula. Observei neste caso, que com o decorrer do tempo a situação foi melhorando significativamente, através de estratégias de modelação de comportamento, operadas pela professora que, usou para tal, junto dos referidos alunos, uma responsabilização positiva. Percebi que para além destes, existiram outros dois discentes que por vezes pareciam ignorar a aula, a professora e os colegas, mostrando-se alheios e desinteressados. Esta ocorrência teve, no entanto, boa evolução a partir do segundo período, tendo os respectivos alunos melhorado a sua atitude. Refiro ainda que embora não fosse frequente, a turma teve alguns episódios de falta de energia e colaboração com as actividades propostas pela docente, situação essa que ocorreu com maior incidência, no 1º período.

Verifiquei ao longo do meu período de PES que a turma 9º A respondia com pertinência às perguntas efectuadas pela docente, assim como às suas solicitações, tomava espontaneamente a palavra, usualmente com manifesto interesse e raramente ocorriam *momentos de confusão durante os quais o observador não pode determinar quem fala* (*idem*, p. 20).

No que respeita ao aproveitamento, a turma evolui satisfatoriamente, tendo-se registado no 1º período 12 níveis 2, no 2º período 6 e no 3º período 4, verificou-se ainda um nível 1, motivado por abandono escolar do aluno (*cf. Anexo 7*).

À excepção de dois alunos, a turma era assídua, assim como a sua professora de Língua Portuguesa.

3. Práticas pedagógicas

3.1. Metodologia

*Toda a educação deve principiar pela abordagem da
Alegria*

Èlise Freinet

Procurei adoptar, nas onze aulas leccionadas ao 9ºA, uma metodologia baseada na bidireccionalidade, isto é: tentei uma comunicação feita em dois sentidos, gerando um ciclo de respectivos *feedbacks* (Antão, 1993, p. 15).

Por outro lado, fiz esforço para que se favorecessem atitudes e comportamentos positivos nos alunos, subscrevendo a afirmação de Richards Arends de que *os professores eficazes esforçam-se por ter ambientes quentes, alegres e convidativos*. (Arends, 1995, p. 97). De igual modo, atendi às necessidades da turma no seu todo e preocupei-me com as necessidades individuais de cada um deles, promovendo, sempre que possível, tarefas em que trabalhassem corporativamente uns com os outros e comigo, com o objectivo de desenvolver *competências interpessoais e grupais indispensáveis para as exigências da vida na sala de aula* (Antão, 1993, p. 98).

Nestes momentos lectivos estive consciente que o professor de uma língua deve ser, tal como nos afirma Emília Amor, capaz de ensinar:

a aprender a saber utilizá-la em/para um contexto específico, quanto mais rica e diversificada for a gama de situações e contextos experienciados por um sujeito, mais alargada e especializada, do ponto de vista estratégico, se torna a sua competência de falante. A variância (...) de problemas, recursos, modos de abordagem (...) é a condição de aproximação escolar à heterogeneidade do real, de apreensão da sua pluralidade e até do reforço da atenção e do nível motivacional dos aprendentes (Amor, 1999, p. 22)

Assim, preparei e tentei colocar nas aulas diversas formas e práticas no sentido de captar a atenção dos alunos, de os motivar, de fomentar a sua curiosidade sobre os temas apresentados, inseridos em conteúdos programáticos, tendo como indelével matéria-prima a sua língua materna. (cf. **Anexos 8 a 17**). Houve também de minha parte intenção de ensinar os alunos a pensar, procurando que os discentes solicitassem esclarecimentos posteriores à sua reflexão e pedissem mais informações e explicações, principalmente no sentido que nos refere o autor supra citado “ aumentar a consciência crítica dos alunos” (Arends, 1995, p.25). Nas minhas aulas, procurei usar igualmente algumas técnicas de animação, tentando um clima alegre, motivador e interessante, porque *um bom professor deve ser um bom animador de aula* (idem, p.36). Desta feita, aconteceram momentos de boa disposição, que contribuíram para uma aprendizagem dos assuntos em estudo, sem que fossem necessariamente tomados como aborrecidos, antes pelo contrário.

Em todas as práticas pedagógicas (quer nas aulas como nas outras actividades extra curriculares), tenho consciência que me posicionei muitas vezes no lugar observado por Marcel Postic: *No papel de mediador que exerce, o professor não é neutro, visto que se compromete inteiramente na situação pedagógica com aquilo em que acredita, com aquilo que diz e faz, com aquilo que é* (Postic, 1990, p. 9). Desta forma, passei a ideia favorável da Lusofonia, em que acredito, a divulgação de práticas numa perspectiva de compreensão do multiculturalismo, a premência da promoção da educação intercultural, em que me revejo e tentei dar, de alguma maneira, o meu contributo no sentido da formação para a cidadania, meta feliz e marca que considero indissociável dos projectos humanos da contemporaneidade.

Concordo com o autor referenciado quando afirma que o professor pode (e deve) exercer *a sua função de despertar, (...) dar um impulso que provoque a curiosidade dos alunos, que cause reacções, faça nascer ideias, desencadeie uma descoberta activa.* (idem, p. 193). Enquanto estudante, foram este tipo de docentes que sempre me marcaram pela positiva e, em momentos difíceis ou de dúvida, recorro à lembrança das suas aulas, dando-me força e motivação nos seus modelos, enquanto mestres da Pedagogia e da Didáctica. Todos eles

integraram, em si, as funções que Mialaret atribui a um professor: *O mestre, o treinador, o guia, o supervisor e o centro da documentação*. (Mialaret, 1981, pp.56 e 57).

Refiro por fim, que tive sempre uma boa relação com a turma, não me senti por algum momento desfavorecida por ser a sua professora estagiária, na medida em que observei nos alunos interesse e participação nas actividades que lhes propus. Notei que se mostraram sempre muito receptivos às minhas aulas, fazendo-me sentir afortunada e motivada para o desenrolar das actividades lectivas. Fora das aulas, eram sempre cordiais e comunicativos para comigo, abordavam-me no pátio e na rua, pedindo-me sugestões ou comentando trivialidades. Ao longo deste ano lectivo, tive o privilégio de me sentir acolhida por estes jovens que fizeram deste meu estágio de Língua Portuguesa uma realidade prazenteira, enriquecedora e que me deram forças necessárias para enfrentar dificuldades e para me fazerem sentir que a sua escola era afinal, minha também.

3.2. Enquadramento no tema do relatório

Se a sabedoria só me for concedida na condição de a guardar para mim, sem a partilhar, então rejeitá-la-ei: nenhum bem há cuja posse não partilhada dê satisfação (...) cada um de nós ao ser útil aos outros é útil a si mesmo

Séneca

Consistiu como meu objectivo a integração, nos conteúdos programáticos do 9º ano, de temáticas que se relacionassem com o tema “Lusofonia – Língua Portuguesa a Muitas Vozes” adaptando-as de forma pertinente, no intuito de enriquecer os conhecimentos dos alunos, sensibilizá-los também para a principal origem da nossa língua - o latim, que tal como nos afirma José Leite de Vasconcelos: *descendemos da língua latina, ou antes continuamos de certo modo a língua que os romanos no Século III ou IV a.C. trouxeram para este canto da Península Ibérica* (Vasconcelos, 1928, p. 214). Procurei mostrar-lhes que a aventura das palavras se reveste de movimento no tempo e no espaço, foi transportada pelos textos e principalmente pela

importância de ter sido falada ao longo dos séculos pelas populações e que chegou viva e enriquecida aos nossos dias.

Adoptando como metáfora a “viagem”, a partida fez-se de Roma Antiga, caminhou até à ancestral Lusitânia, misturou-se e contaminou-se com outras línguas de outros povos que aqui se encontravam e, séculos mais tarde, navegou para além do Sul da Europa, rumo a terras longínquas como o Brasil ou alguns países de África. Actualmente, com um universo de duzentos milhões de falantes, constitui-se num imenso *abraço plural que é a língua portuguesa* (Maia, 1999, p. 12).

Assim, considerando que a aula de Língua de Portuguesa se constitui num terreno propício para possibilitar a abertura de *novos mundos* (Pedro, 1992, p.94), tentei fazer das aulas, por mim leccionadas, e tendo como base o tema da diversidade dentro do universo lusófono, um espaço de comunicação, promovendo o revestimento e a qualidade do contexto interaccional das mesmas (Pedro, 1992, p.114).

3.3. Actividades extra-curriculares promovidas pelo núcleo de estágio

Não há verdadeira educação que não seja poética

Jacinto do Prado Coelho

Em termos de núcleo de estágio de Português - Latim, foram alguns os trabalhos que se dinamizaram e/ou se integraram no âmbito da PES, tais como:

a) “Semear poesia”, actividade que consistiu na divulgação de poemas, “semeados” por toda a escola, através da afixação de flores e frutos coloridos, contendo um poemas ou mensagens poéticas e também tiras de papel de cenário coladas nas escadas da escadaria central de acesso da instituição (cf. **Anexo 18**);

b) “Árvore da poesia”, esta ideia surgiu a partir de leituras que efectuei da obra *Aprender com a poesia* de José António Franco. Assim, duas “árvores de poemas”, foram construídas pelas mestrandas e sua orientadora, sendo

colocadas, respectivamente uma no átrio da escola e outra na sua biblioteca.
(cf. **Anexo 19**);

c) Exposição de poemas de autores portugueses, junto da sala do clube de leitura;

d) No mesmo local, exposição sobre os autores contemplados no programa de 9ºano do 3º ciclo do ensino básico, concretamente Gil Vicente, Luís de Camões, Eça de Queirós, José Saramago e de alguma forma Fernando Pessoa;

e) Exposição, no átrio e na biblioteca, sobre a vida e obra de António Gedeão, esta elaborada com a dupla função, por um lado, de homenagem das mestrandas e da professora Carmo Soares ao ilustre poeta e professor da Escola Secundária de Pedro Nunes, e por outro, como recepção à escritora Cristina de Carvalho, sua filha, aquando da sua visita à presente instituição. Para este importante acontecimento da vida escolar, tive oportunidade de preparar, previamente, leituras expressivas de poemas do autor da “pedra filosofal” que, depois, foram lidos durante o referido evento cultural;

f) Exposição sobre Gil Vicente, com especial destaque para a obra *Auto da Barca do Inferno* contemplando elementos essenciais desta peça vicentina, onde não faltaram a recreação de um palco, um tridente infernal, um par de asas de anjo, as personagens (desenhadas pelos alunos), assim como a denúncia dos pecados ironizados pelo escritor. Nesta actividade, foram ainda publicados trabalhos realizados pelos discentes, nomeadamente a produção de “entrevistas ao autor”, redacção de páginas de diários das personagens da peça e produção de outros textos relacionados com o este texto dramático (cf. **Anexo 20**);

g) Ainda no âmbito do teatro de “Mestre Gil”, integração na organização e acompanhamento na visita de estudo ao Colégio São João de Brito, para visualização da peça estudada, com encenação de António Feio. Esta actividade foi promovida pela nossa orientadora, tendo nela participado todas as suas turmas de 9º ano (turmas A, B, C e E) e alguns dos seus professores;

h) Recriação pelas estagiárias de uma “entrevista aos autores estudados” no 9º ano, que posteriormente foram dramatizados pelos alunos para a comunidade escolar;

i) Finalmente, e por iniciativa das mestrandas, a promoção de palestras no espaço da comunidade cooperante, trazendo à escola os distintos convidados:

- Professor Doutor Malaca Casteleiro, que proferiu, para os docentes interessados, uma palestra sobre o novo acordo ortográfico;

- Professor Doutor João Costa, que elucidou os professores presentes sobre a problemática da TLEBS;

- Professora Doutora Graça Videira Lopes, que leccionou uma interessante aula sobre a temática da Literatura Medieval, aos alunos da turma de Literatura Portuguesa do 10º ano;

- Professor Doutor Nuno Júdice, que fez uma comunicação sobre Poesia, dirigida a toda a comunidade escolar, inserido num programa de actividades promovidas por pais, encarregados de educação, professores e alunos da referida instituição. (cf. **Anexo 21**);

3.4. Actividades promovidas na primeira pessoa

Não são as nações nem os povos que criam as línguas.

Da tribo à nação, são as línguas que contêm dentro de si os povos que as falam

Ana Isabel Madeira

No âmbito da PES, realizei, para além das actividades conjuntas com as colegas mestrandas e a orientadora de Português, práticas pedagógicas a título individual, com o objectivo de desenvolver no aluno a capacidade de reflectir sobre a sua própria língua, a competência de análise de textos literários e não literários, através da consciencialização para a diversidade linguística dentro da própria língua portuguesa, com instrumentos como a leitura e o levantamento em textos de algumas diferenças e semelhanças entre

as suas variedades, numa perspectiva de abordagem lusófona, isto é, como nos afirma Maria Armandina Maia:

o estabelecimento de pontes lusófonas que pretendem afirmar-se como a possibilidade de (re)descoberta de um território de afinidades, veemente apostadas na afirmação de uma cidadania plural, subscrita pelos países de Língua Oficial Portuguesa (Maia, 2000, p.13).

a) Exposição de Poesia Lusófona (cf. **Anexo 22**)

Uma fronteira é um rio entre o país e o longe

Manuel Alegre

Esta teve lugar na biblioteca escolar de acesso livre aos alunos, foi constituída por uma recolha de cinquenta e três poemas de alguns dos mais consagrados poetas lusófonos de sempre, não esquecendo os primeiros alvares da poesia em língua portuguesa, como por exemplo uma cantiga medieval de D. Dinis, passando por um soneto de Camões e incluindo poemas de autores mais recentes, como Carlos Drummond de Andrade, Sophia de Melo Breyner Andresen, Craveirinha, Luís Carlos Patraquim, António Jacinto, Odete Semedo, entre outros.

b) Antologia poética em língua portuguesa (cf. **Anexo 23**)

O instrumento de uma literatura é a língua.

José Leite de Vasconcelos

Tal como nos afirma Gaston Mialaret. *Qualquer conhecimento não se limita a componentes intelectuais e encontra-se muitas vezes empobrecido pela ausência das ressonâncias afectivas que comporta* (Mialaret, 1981, p.144). Foi com intuito de deixar uma pequena marca pela minha passagem, enquanto professora estagiária de Língua Portuguesa da turma do 9ºA, da instituição cooperante e simultaneamente contribuir, por pouco que tenha sido, para *transformar a disciplina de Português num lugar onde é possível ganhar, melhorar, desenvolver faculdades de comunicação e de raciocínio* (Martins,

1996, p.73), que elaborei e entreguei aos alunos uma pequena antologia poética em português, com recolha de poemas contendo diversidade linguística própria da lusofonia, a qual intitulei: *28 Poemas para o 9º A*. O título teve a ver naturalmente com o número exacto de alunos que integrava o referido grupo (cf. **Anexo 30**).

IV. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LATIM NO ÂMBITO DA PES

Docendo discitur

1. Os primeiros passos

A prática pedagógica de Latim, no âmbito da PES, realizou-se com a concretização de um Curso Livre, incluído no Plano de Actividades da instituição cooperante, para o presente ano. Sob orientação da professora Leonor Sardinha, tendo as mestrandas ministrado parte do mesmo.

As actividades iniciaram-se com a realização de tarefas de promoção e de dinamização do curso, nomeadamente através de cartazes e prospectos, que, depois de seleccionados em reunião, foram distribuídos por vários locais da Escola (cf. **Anexo 24**). Seguidamente, passou-se à fase de organização do horário, que se tentou que fosse flexível, dentro das possibilidades dos alunos, da orientadora e das mestrandas, uma vez que esta actividade iria ter características extra curriculares, em regime voluntário, por parte dos discentes. Assim, e após algumas dificuldades compreensíveis por motivos de conciliação da carga horária, foi possível organizar três horários.

Entretanto, em reuniões de estágio da referida disciplina, procedeu-se à escolha de objectivos gerais e específicos, dos quais sairia o respectivo programa do Curso Livre de Latim. As aulas iniciaram-se no dia 8 de Outubro de 2010.

2. Metodologias e práticas docentes

A metodologia aplicada caracterizou-se por ajustamento frequente de objectivos específicos, uma vez que os alunos se distribuíram pelas três turmas, frequentando-as com liberdade de horário, sendo que desde o início até 14 de Fevereiro, foram as mestrandas que asseguraram, na sua maioria, as aulas, sendo leccionadas sempre alternadamente (2ª feira a colega Sandra Nabais, 3ª feira, eu própria e à 4ª feira a formanda Olinda Gil). A partir desta data, foi a professora Leonor Sardinha quem ministrou as restantes actividades do curso.

A prestação das formandas, no âmbito da PES e concretamente em relação às aulas dadas, iniciou-se sem a prática de observação directa, sendo que, e apesar disso, houve a preocupação consciente de promover o *Acto Pedagógico* (Allen & Ryan, citados por Mialaret, p. 139), ou seja, procurou-se:

Variar os estímulos no sentido de manter a atenção dos alunos, sensibilizar [para a causa do latim], recapitular e integrar os conhecimentos, reforçar a movimentação e a participação [das alunas], ser sensível à [sua] reacção, recorrer a imagens e exemplos, controlar a [sua] compreensão, para suscitar uma comunicação completa na sala.

(Allen & Ryan, citados por Mialaret, 139)

Pessoalmente, tentei usar modos de operacionalização diversificados, assentes em pesquisa e materiais apelativos, recorri a fichas com imagens (quase sempre coloridas), promovi a leitura de textos em latim (cf. **Anexo 25**), a prática de oralidade (cf. **Anexo 26**), contactos variados com a língua e a cultura latina, não esquecendo a importância primordial da sua constante ligação e influência na línguas novilatinas, em especial a língua e a cultura portuguesa, assim como em alguns recantos do universo lusófono (cf. **Anexo 27**), nomeadamente dando exemplo da viagem no tempo e no espaço do latim à língua crioula de origem portuguesa, apontando exemplos da sua semelhança e reconhecido parentesco.

As planificações foram elaboradas com base em critérios de motivação, procurando seguir um pouco a estratégia de Plauto de *captatio benevolentiae*.

Considero que esta minha prestação no âmbito da PES foi bastante enriquecedora, enquanto futura professora de Língua Portuguesa e, uma vez que tive oportunidade de contactar com a língua latina, verificar a sua importância, contributo e operacionalidade juntos das alunas, concretamente a nível do funcionamento da língua portuguesa, refresquei e pratiquei conceitos algo perdidos no universo de conhecimentos gramaticais das mesmas, tais como as noções de sujeito, predicado, predicativo do sujeito, complemento directo e complemento indirecto, agente da passiva complementos circunstanciais, conjugação verbal, classificação morfológica, relação lexical e semântica das palavras, fenómenos de evolução fonética, entre outros.

Assim, a partir do Latim foi possível consolidar alguns destes conteúdos, que as alunas apesar de se encontrarem a frequentar o ensino secundário, (11ºano), traziam mal assimilados.

Foi igualmente gratificante passar a ideia da importância da Cultura Clássica no mundo ocidental, o que se mantém vivo e o que sofreu transformações indeléveis da temporalidade, sensibilização essa possível através do recurso de algumas fichas por mim elaboradas, para além de frequentes exposições orais no sentido de transmitir algum conhecimento do que Roma foi e do que nos trouxe de exponencial riqueza o seu *contaminatio*.

Durante o período lectivo em que as mestrandas leccionaram o Curso Livre, tive oportunidade de observar as aulas das minhas colegas, com elas aprender e colaborar, num ambiente corporativo extremamente enriquecedor e de importante aquisição pedagógica, tal como nos refere Olivier Reboul confrontando as experiências com as dos colegas (Reboul, 1982, p.111).

Em relação à metodologia adoptada pela orientadora da PES de Latim, durante as aulas que se seguiram, foi implementada e desenvolvida uma dinâmica diferente da adoptada pelas estagiárias, assente na necessidade de maior rigor no cumprimento do programa do Curso, que tinha como meta significativa a tradução de textos da língua latina para a língua portuguesa,

num nível médio. Desta forma, as aulas passaram a realizar-se com objectivos específicos mais rígidos, onde como nos afirma Jorge Silva Antão: *as possíveis intervenções e/ ou sugestões dos alunos são fixadas, previstas e controladas pelo professor*. (Antão, 1993, p.15). As aulas passaram a ser leccionadas sobre a forma de exposição *ex-cathedra* (*idem*, p. 20), revelando a docente imenso rigor, experiência de análise textual e muita prática no âmbito da língua latina. Os materiais utilizados passaram a ser essencialmente fichas com texto latino, anotações morfosintáticas do mesmo, modo operativo que levou os alunos à tradução do texto, onde gradualmente se foram acrescentando conteúdos essencialmente gramaticais.

Todas as actividades promovidas no âmbito da PES em Latim – aulas, planificações, estratégias avaliação, relatórios e outros foram discutidos com a orientadora da disciplina, em regulares reuniões/ de estágio. Pessoalmente, tive alguma dificuldade em ser assídua, por motivos de conjugação de horário, uma vez que me encontrei a trabalhar, também, na Escola Secundária de Passos Manuel.

3. Caracterização da turma do Curso Livre de Latim

O elemento mais significativo da turma do Curso Livre tem a ver com o seu número reduzido de alunos. Inicialmente encontravam-se oito inscritos, mas por motivos diversos, os discentes foram desistindo, sendo que até à data do primeiro momento de avaliação, no final do 2º período, frequentavam as aulas quatro alunas. À excepção de uma que era aluna de Ciências Económicas, todas elas frequentavam 11º ano da área de Humanidades.

Estas iam ao Curso em regime de horário livre e, concretamente em relação às aulas por mim leccionadas, contei com a participação assídua de duas delas. As alunas referiram, como factores da sua frequência: a sua curiosidade em relação ao Latim, o alargamento de conhecimentos pela via extra curricular, expectativa de melhoria da sua prestação no domínio da Língua Portuguesa. Uma aluna, para além disto, revelou da sua necessidade

de aumentar o seu *curriculum*, uma vez que pretendia inscrever-se numa universidade americana.

A turma manifestou interesse pelas aulas, procurando acompanhar a evolução dos conteúdos propostos. No entanto, desde cedo notei algumas dificuldades no âmbito do domínio da língua latina e algumas faltas de base inerentes à língua materna.

4. Actividades extra curriculares no âmbito da PES de Latim

a) Participação das estagiárias na visita de estudo a Coimbra, organizada em conjunto pelas professoras Teresa Prata de Filosofia e pela orientadora de Latim Leonor Sardinha, com turmas de 11º ano, cujo (cf. **Anexo 28**);

b) Mostra a toda a comunidade escolar de uma retrospectiva da referida visita à “cidade dos estudantes”, através de uma projecção em *data show*, elaborada pelas mestrandas;

c) Integrada na exposição poesia lusófona, organizada por mim, com a colaboração das colegas de estágio e da orientadora de Português, incluí um poema em Latim (“*Carpe Diem*”, de Horácio) (cf. **Anexo 29**), assim como a sua versão traduzida e também a Proposição da *Eneida*, de Virgílio;

Nas actividades “Semear Poesia”, dinamizada pelo nossa equipa de estágio foram igualmente distribuídos e afixados poemas de autores latinos.

5. Reflexão crítica final

*O educador optimista é aquele que sabe que as melhorias têm
de começar por si próprio*

Helena Marujo

Os resultados deste Curso Livre de Latim tiveram como positivo a integração das formandas nas práticas pedagógicas no âmbito da disciplina, através do desafio de a maioria das aulas dadas se efectuarem sem qualquer

observação prévia, exceptuando as aulas assistidas entre colegas do estágio. O preenchimento deste pré-requisito, essencial na formação de qualquer professor, aconteceu no segundo período, onde houve a possibilidade de observar as aulas experientes da professora Leonor Sardinha.

A partir daí, pude elaborar a minha reflexão final, percebendo que a minha inexperiência passou por algumas falhas científicas, mas que foram atenuadas pelo facto de tentar ao longo das minhas aulas aquilo que Manuel Rodrigues define como *sensibilização discreta mas profunda, para os valores da cultura clássica e para as vantagens do conhecimento do Latim* (Rodrigues, 1995, p 4), através da *dimensão lúdica da aprendizagem. Aprender Latim não tem de ser propriamente uma grande maçada* (Rodrigues, 2010, p.5).

Quanto à análise dos resultados, pode-se admitir que não foram brilhantes e, como nos afirma o autor citado, *a motivação tem de dirigir-se ao íntimo do aluno, à sua estrutura intelectual e efectiva, e só o seu próprio empenho poderá conduzir a esse resultado* (*idem*, p. 6), tudo isto foi tentado, à excepção talvez do último pressuposto, isto é: dever-se-ia ter dito abertamente às alunas que o Latim exige trabalho, estudo e memorização e que mesmo ao abrigo do estatuto de curso livre, não se aprende esta língua apenas com a ida às aulas, porém tal não foi dito, sob a pena de desmotivar as discentes e receando a sua desistência. Assim, talvez tenha sido o programa do Curso Livre de Latim algo ambicioso e por isso, as notas tenham sido consequência dessa desarticulação entre as exigências dos conteúdos programáticos (em especial os gramaticais) e o escasso tempo e pouca responsabilização para os mesmos, para além do reduzido estudo que as alunas realizaram. Apesar disso, foi tarefa meritória para estas jovens que “sacrificaram” a sua hora de almoço e se lançaram na descoberta do Latim, aprenderam o seu mecanismo, ficando quiçá a semente que um dia poderá dar frutos!

CONCLUSÃO

Tenho o bom propósito de ir melhorando e de chegar um dia (...) em que serei quase um bom professor.

Sebastião da Gama

Terminado que está este relatório de estágio, considero importante retirar algumas conclusões acerca do mesmo e também referenciar aspectos resultantes das Práticas de Ensino Supervisionadas (PES).

A primeira conclusão prende-se com a afirmação de José António Franco: *Um sorriso, um modelo correcto e uma palavra amiga valem mais do que um tratado de pedagogia* (Franco, 1999, p.60). Efectivamente, constatei que a relação pedagógica é muito importante dentro do universo da sala de aula e que tem um peso substancial no sentido de desenvolver capacidades nos alunos, nomeadamente, a abertura para o espírito de confiança e de camaradagem entre todos, sem excepção, levando os discentes a participarem positivamente. Após observação das aulas da orientadora, das minhas colegas e auto – reflexão acerca daquelas que foram leccionadas por mim própria, percebi que é crucial existir no coração do professor um grande Amor e vocação ao seu ofício.

Quando pensei introduzir o tema da Lusofonia e a diversidade de vozes que integram a língua portuguesa, fi-lo consciente de que se tratava de um assunto actual, mas que teria de ser transmitido num sentido moderno e imparcial, isto é, atribuindo-lhe um papel de cidadania, de compreensão da sua unidade e também da sua heterogeneidade. Foi meu propósito fazer entender aos alunos que a nossa velha língua é igualmente a língua de outros povos, soberana em cada pátria e que pode ser veículo de tolerância e interculturalidade entre os seus falantes. De igual forma, ao perceberem o pluralismo que a caracteriza procurei desenvolver na turma a sua *consciência metalinguística* (Moreira, 1997, p.122).

Ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas, lancei também, algumas vezes, o desafio aos alunos para estudarem a língua portuguesa com uma metodologia que procurei aproximar da de Sebastião da Gama, dando –

lhes: *asas para saberem fazer uso do olhar poético (...) para que olhem para o mundo através da janela da Poesia* (Gama, 1980, p.65). Tentei igualmente promover a intertextualidade e procurei pô-los em contacto com algumas das grandes obras da literatura universal, a fim de que ainda que sob a forma de leitores iniciantes pudessem reflectir sobre a questão colocada por Italo Calvino e que deu título à sua obra *Porquê Ler os Clássicos?* e consequentemente motivá-los para “boas leituras”, ou melhor, *livros que exercem uma influência especial, tanto quando se impõem como inesquecíveis como quando se ocultam nas pregas da memória mimetizando-se de inconsciente colectivo ou individual* (Calvino, 1994, p.8).

Considero importante referir que todos os materiais que utilizei, assim como a planificação das aulas de Língua Portuguesa que realizei, foram discutidos e analisados com a orientadora e grande parte do sucesso dos mesmos foi possível, graças à sua cooperação que desde o primeiro momento da PES me orientou, motivou e apoiou no meu trabalho de estagiária. Penso ainda que os alunos perceberam a relação de cordialidade que existia entre nós, tornando-os receptivos ao facto de terem duas professoras que se complementavam. Na verdade, julgo que formámos uma equipa bastante operacional e positiva e de alguma forma conseguimos transmitir a mais-valia que advinha de um trabalho que não era apenas individual, mas também sequencial e interligado.

Em relação à PES de Latim, reconheço que tive mais dificuldades na sua realização, em primeiro lugar porque leccionei as aulas sem qualquer observação das aulas da orientadora e também devido ao facto de se tratar de uma disciplina em que não estava tão segura cientificamente. Considero que foi mais difícil ser professora de Latim do que de Língua Portuguesa, uma vez que este exigia um apurado domínio a nível da estrutura linguística, uma acrescida capacidade de motivação dos alunos que eram em número reduzido e em regime de curso livre. Após as aulas dadas por mim, a observação das aulas das minhas colegas e posteriormente as da orientadora, concluo que em rigor, leccionar Latim exige, por um lado, um grande traquejo da língua latina e por outro, uma prática docente com recurso a metodologias inovadoras e

dinâmicas que motivem os alunos para esta disciplina tão importante, mas tão pouco procurada pelos estudantes das escolas básicas e secundárias.

No que diz respeito à minha integração na instituição cooperante, penso que foi muito satisfatória. Procurei para tal, fazer parte da vasta equipa dos seus actores e também participar nas suas actividades que muito contribuíram para a minha aprendizagem durante o estágio. Finalmente, registo que gostaria de regressar a esta grande escola, retomar a sua rotina enquanto docente, rever espaços a que me fui dedicando ao longo do ano lectivo de 2010/2011. Sinto-me grata pelo muito que aprendi junto deles e também com os meus orientadores, consciente sobretudo, do muito que tenho de aprender ao longo da carreira docente como profissional e acima de tudo como ser humano. No entanto, vejo-me com energia e vontade suficientes para conhecer outras escolas onde certamente continuarei a aprender e a ensinar com satisfação, na crença de tal como nos diz João Maria André: *O amanhã (...) é feito de estrelas que talvez não tenham ainda acordado* (André, 2005, p.64).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS:

- ALARCÃO, Jorge de (2002). *O Domínio Romano em Portugal*. Mem – Martins: Publicações Europa – América.
- ALMEIDA, Germano (1997). *A Nossa Língua Portuguesa*. Disponível em Url: <http://ciberduvidas.sapo.pt/antologia/almeida.html>. Consultado em: 24/04/2010.
- AMOR, Emília (1999). *Didáctica do Português, Fundamentos e Metodologia*. Lisboa: Texto Editora.
- ANÇÃ, Maria Helena (1999). *Ensinar Português – entre mares e continentes*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- ANDRÉ, João Maria (2005). *Diálogo Intercultural, Utopia e Mestiçagens em Tempos de Globalização*. Coimbra: Ariadne Editora.
- ANTÃO, Jorge Augusto da Silva (1993). *Comunicação na Sala de Aula*. s/l: Edições Asa.
- ARENDS, Richards I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Amadora: Editora Mc – Graw – Hill de Portugal.
- BARBOSA, Jorge Morais (1966) *Situação Linguística em Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.
- BARROSO, José Manuel Durão (1995) *Portugal Dez anos de Política de Cooperação*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- CALVINO, Italo (1994). *Porquê Ler os Clássicos?*. Lisboa: Editorial Teorema.
- CARDOSO, Maria Manuela Lopes et al (2001). *Pioneiro e Paradigma da Interculturalidade*. Lisboa: Chaves – Ferreira – Publicações SA.
- CASTRO, Rui Vieira de (1997). *Linguística e Educação*. Lisboa: Edições Colibri.
- CINTRA, Lindley (1989). *Estudos de Dialectologia*, Coimbra: Livraria Almedina.
- COSTA, A. Gomes (2000). *Pontes Lusófonas*. Lisboa: Instituto Camões, (Revista Camões, nº6).
- DELGADO, Maria Raquel Martins et al (1996). *Formar Professores de Português, Hoje*. Lisboa: Edições Colibri.
- DURAND, Gilbert (1998). *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.

- ESTEVES, Fernando Godinho (1998). *Do Galaico – Português à Lusofonia*. Lisboa: Universitária Editora.
- ESTRELA, Albano (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora.
- FONSECA, Fernanda Irene & FONSECA Joaquim (1990). *Pragmática Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- FREITAS, Eduardo de (1997). *Hábitos de Leitura, um inquérito à população portuguesa*, Lisboa: D. Quixote.
- GAMEIRO, Aires (2000). *Lusofonia e Identidade na Diáspora*. Lisboa: Paulinas.
- GUISLAIN, Georges (1994). *Didáctica e Comunicação*. Porto: Edições Asa.
- HERNÁNDEZ, António Gil (1990). *Luzes e Espírito*. Braga: Instituto Internacional da Lusofonia.
- LEÃO, Duarte Nunes (1864). *Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: s.e.
- LOPES, Luís Ferreira & SANTOS, Octávio (2006). *Os Novos Descobrimentos, do Império à CPLP: Ensaio e Culturas Lusófona*. Coimbra: Livraria Almedina.
- LOURENÇO, Eduardo (1999). *A Nau de Ícaro Seguida de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 2.^a edição.
- MADEIRA, Ana Isabel (2003). *Sons, Sentidos e Silêncios da Lusofonia: Uma reflexão sobre os espaços – tempos da língua portuguesa*. Lisboa: Educa.
- MAIA, Maria Armandina (1999). *Novos (Es)paços em Volta das Pontes Lusófonas*. Lisboa: Instituto Camões, (Revista Camões, nº6).
- MIALARET, Gaston (1981). *A Formação dos Professores*. Coimbra: Livraria Almedina.
- MARUJO, Maria de Fátima (2001). *Educar para o Optimismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARGARIDO, Alfredo (2005). *A Lusofonia e os Lusófonos nos Mitos Portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- PEDRO, Emília Ribeiro (1992). *O Discurso na Aula, uma análise sociolinguística da prática escolar*. Lisboa: Editorial Caminho.
- POSTIC, Marcel (1990). *Observação e Formação de Professores*. Coimbra: Livraria Almedina.
- PRAIA, Maria (1999). *Educação para a Cidadania – Teorias e Práticas*. Lisboa: Asa Editores.

- REBOUL, Olivier (1982). *O que é aprender?*. Coimbra: Livraria Almedina.
- RODRIGUES, Manuel (2010). *Crise e Renovação do Ensino do Latim*. Lisboa: Departamento de Estudos Portugueses, FCSH. (policopiado).
- RODRIGUES, Miguel Jasmim (org.) (2008). *Futuro e História da Lusofonia Global*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT).
- SILVA, Maria do Carmo Vieira da, et al (2011). *Diversidade no Sistema Educativo Português: Necessidades e Práticas Pedagógicas*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural.
- SILVA, Vítor Aguiar (2010). *As Humanidades os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- TEYSSIER, Paul (1989). *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- TORRADO, António (2002). *Da Escola sem Sentido à Escola dos Sentido*. 3ª edição. Lisboa: Caminho.
- VALKOFF, Marius (1960). *Uma Língua Histórica: Crioulo Português*. Milner Park, Joanesburgo: (s.e.).
- VASCONCELOS, José Leite (1928). *Opusculus (parte I)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES²²

- ALVES, Apolinário Américo A. (1993). *Euntes Romam – Isoglossia*. Odivelas: Lua Viajante.
- BORREGANA, António & BORREGANA, Ana (2005). *Novo Método do Latim 10º ano*. Lisboa: Lisboa Editora.
- CARDOSO, Luís (1997). *Crónica de uma Travessia – A época do Ai- Dik – Funam*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- CARRILHO, Fernanda (2004). *Dicionário Breve de Expressões Latinas*. Barcarena: Editorial Presença.
- CERVANTES, Miguel (2007). *D. Quixote de La Mancha*. Rio de Mouro: Biblioteca Editores Independentes.

²² Obras e sítios consultados para preparação e planificação das aulas e da exposição de poesia em língua portuguesa.

- CITRONI, M. & CONSOLINO, E.E. (2006). *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COUTO, Mia (2004). *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*. Lisboa: Caminho.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (2005). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- D'SILVAS, Filho (2010). *Prontuário Erros Corrigidos de Português*. Alfragide: Texto Editores, Lda.
- FREIRE, António (1983). *Gramática Latina*. Braga: Livraria A. I..
- GAMA, Sebastião da (1980). *Diário*. Lisboa: Edições Ática.
- GOMES, Aldónio & CAVACAS, Fernanda (1997). *Dicionário de Autores de Literatura Africana de Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- GRIMAL, Pierre (1993). *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70.
- HOMERO (1960). *Ilíada*. Lisboa: Livrarias Sá da Costa.
- HOMERO (2003). *Odisseia*. Lisboa: Livros Cotovia.
- MACHADO, José Pedro (2003). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, Isaltina & FREIRE, Maria Teresa (2005). *Nova Itinera – 10º ou 11º ano*. Lisboa: Edições Asa.
- MIRANDOLA, Giovanni Pico della (2009). *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*. Lisboa: Edições 70.
- MORVS, Thomas (2006). *Vtopia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PALLA, Maria José (1998). *Paredes de Pangim - Velha Goa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2007). *Ficções do Interlúdio*. Lisboa: Edição Fernando Cabral Martins e Assírio & Alvim.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. (1998). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- SOUSA, Ana Alexandra Alves de Sousa (2004). *Cvrricvla Mentis – Exercícios de Língua Latina*. Lisboa: Edições Colibri.
- VERGÍLIO (2005). *Eneida*. Lisboa: Bertrand Editora.

- <http://abencerragem.blogspot.com/2010/07/rui-knopfli.html>. Consultado a 01/04/11.
- <http://alagamaresnews.blogspot.com/2011/06/goncalo-mtavares-vence-grande-premio-da.html>. Consultado a 01/04/11.
- <http://amalia.no.sapo.pt/Biografia.htm> Consultado a 28/10/10.
- <http://anaicfer.bloguepessoal.com/78/>. Consultado a 01/12/10.
- <http://www.anoticiagospel.com.br/2011/05/informacoes-importantes-sobre-o-brasil/imagem-bandeira-do-brasil/>. Consultado a 08/12/10.
- http://aoestedeZanzibar.blogspot.com/2010_02_01_archive.html. Consultado a 01/04/11.
- <http://apreenderhistoria.blogspot.com/2010/10/busto-do-poeta-virgilio-70.html>. Consultado a 19/11/10.
- <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/dinis.html>. Consultado a 27/12/10.
- <http://avidaeumpalco.com/tag/bairro-do-aleixo/>. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.biografia.inf.br/rafael-sanzio-pintores-artistas-plasticos.html>. Consultado a 02/12/11.
- <http://blog.brasilacademico.com/2010/06/15-frases-de-jose-saramago.html>. Consultado a 07/12/10.
- http://www.bnb.df.gov.br/bip/bip1/index.php/component?option=com_phocagallery/Itemid,56/id,18/view,category/. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.britannica.com/EBchecked/media/17841/Carlos-Ximenes-Belo-1995>. Consultado a 07/12/10.

- <http://www.ciberduvidas.pt/antologia.php?rid=752>. Consultado a 26/04/11.
- <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=17028&op=all>. Consultado a 1/12/10.
- <http://www.citador.pt>. Consultado a 26/04/11.
- <http://www.claudiovianini.com/ArtGallery/1503-joconde.html>. Consultado a 02/12/10.
- http://www.cm-stirso.pt/index.php?option=com_eventos&Itemid=1&task=detalhe&id=383. Consultado a 01/04/11.
- <http://clube11raizes.wordpress.com/2011/06/10/10-de-junho-dia-de-portugal-de-camoes-e-das-comunidades-portuguesas/>. Consultado a 1/12/10.
- <http://culturaseafectoslusofonos.blogspot.com/2010/08/jornalistas-do-espaco-lusofono-querem.html>. Consultado em 01/12/10.
- <http://cultura.culturamix.com/eventos/teatro/palco-de-teatro>. Consultado a 18/11/10.
- http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=692. Consultado a 17/10/11.
- <http://www.essaseoutras.com.br/auto-da-barca-do-inferno-tudo-sobre-a-obra-de-gil-vicente-analise>. Consultado a 18/11/10.
- <http://www.essl.pt/agoranos/index.php?itemid=186>. Consultado a 18/11/10.

- http://external.ak.fbcdn.net/safe_image.php?d=AQBuyb00izkJaBxN&w=90&h=90&url=http%3A%2F%2Fmultiply.com%2Fmu%2Flusitaniapt%2Flogo%2F4. Consultado em 28/10/10.
- <http://www.fridakahlofans.com/paintingsenglish03.htm>
- <http://www.leonardo.net/main.html> Consultado a 02/12/10.
- <http://www.guidetour.com.au/timor-leste>. Consultado a 11/11/10.
- http://historia8-penedono.blogspot.com/2011_01_01_archive.html. Consultado a 01/12/10.
- <http://homepage.mac.com/mnemosine/iblog/B1320236471/C1609706860/E20080117175802/index.html>. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.hubertlerch.com/classes/IH0852/Renaissance.html>. Consultado a 02/12/10.
- http://www.hs-augsburg.de/~harsch/lusitana/Cronologia/seculo16/Camoes/cam_lu01.html. Consultado a 22/11/10.
- <http://ihaa.com.br/biografia-e-obras-de-gil-vicente/>. Consultado a 08/12/10.
- <http://www.infoescola.com/biografias/mia-couto/>. Consultado a 13/11/10.
- <http://www.jornallivre.com.br/16111/o-que-e-humanismo-e-quais-suas-principais-praticas.html>. Consultado a 02/12/10.
- <http://litterascriptalitteratura.blogspot.com/2010/12/o-auto-da-barca-do-inferno-um-painel.html>. Consultado a 18/11/10.
- <http://mosanblog.wordpress.com/2010/08/19/>. Consultado a 08/12/10.
- <http://nellyfurtadoxxi.blogs.sapo.pt/1418.html>. Consultado 07/12/10.
- <http://notrombone.wordpress.com/2007/06/>. Consultado a 02/12/10.

- <http://olhaioliriodocampo.blogspot.com/2010/06/morreu-o-poeta-antonio-manuel-couto.html>. Consultado a 01/04/11.
- http://oqueselenatomas.blogspot.com/2011_01_01_archive.html. Consultado a 22/11/10.
- <http://paginaglobal.blogspot.com/2011/08/timor-leste-policia-quer-envolver.html> . Consultado a 01/12/10.
- http://www.pahte.com/Cabo_Verde.html. Consultado a 19/11/10.
- <http://www.pluraeditores.co.mz/PLE04.asp?area=3>. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.poetanarquista.blogspot.com/2011/04/pintura-albrecht-durer.html>. Consultado a 02/12/10.
- <http://portfolio-goncaloaguiar.blogspot.com/2010/04/atividade-extra-curricular-lecture.html>. Consultado a 01/12/10.
- http://pt.photaki.com/pictures-of-ceuta_34n. Consultado a 01/12/10.
- <http://profissaoviajante.wordpress.com/tag/torre-de-belem/>. Consultado a 19/11/10.
- http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.revista.agulha.nom.br/pessoa.html>. Consultado a 27/12/10.
- <http://www.revistadadanca.com/node/138>. Consultado a 19/11/10.
- http://www.revistazunai.com/entrevistas/nuno_judice.htm. Consultado a 01/04/11.
- <http://saibamaissobreohumanismo.blogspot.com/>. Consultado a 02/02/10.
- <http://www.scientific.com.br/tag/capela-sistina/>. Consultado a 02/12/10.

- <http://www.sitiodolivro.pt/pt/autor/jorge-sousa-braga/30363/>. Consultado a 01/04/11.
- http://www.snpcultura.org/vol_museu_vaticano_capela_sistina.html. Consultado a 02/12/10.
- <http://www.somcriolo.org/t2290-biografia-cesaria-evora>
- <http://uminha.tripod.com/fridabio.html>. Consultado a 28/10/10.
- <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=5096&cat=Ensaio>
s Consultado a 23/02/11.
- http://www.vidaslusofonas.pt/amilcar_cabral.htm. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.youtube.com/watch?v=b7cliiHmFI8>. Consultado a 01/04/11.
- <http://www.youtube.com/watch?v=0djuGyISzNE>
- http://www.youtube.com/watch?v=Efqjn_zAlxAgg
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_de_Cam%C3%B5es. Consultado a 02/12/10.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Garcia_de_Orta. Consultado a 01/12/10.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_More. Consultado a 02/12/10.
- <http://xananamiguelao.wordpress.com/2010/05/31/7/>. Consultado a 01/12/10.

BIBLIOGRAFIA DA ANTOLOGIA POÉTICA 28 POEMAS PARA O 9ºA

BRAGA, Jorge de Sousa (1987). *Os pés luminosos*. Coimbra: Centelha.

CRAVEIRINHA, José (2010). *Antologia Poética*. Belo Horizonte: Editora ufmg.

GUSMÃO, Xanana (1998). *Mar Meu – Poemas e Pinturas*. Belo Horizonte: Editora Granito.

JÚDICE, Nuno (2008), *A Matéria do Poema*. Lisboa: Dom Quixote.

KNOPFLI, Rui (2003) *Obra Poética*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.

NEGREIROS, José de Almada (2005). *A Invenção do Dia Claro*. Lisboa: Assírio & Alvim.

NUNES, António Jorge (2007). *Diversidades Culturais – Línguas, Culturas e Dialectos Minoritários* (Actas do Congresso/ Colóquio da Lusofonia). Bragança: Escola Tipográfica.

PATRAQUIM, Luis Carlos (2005). *O osso côncavo e outros poemas*. Lisboa: Editorial Caminho.

PESSOA, Fernando (2007). *Poesia dos Outros Eus*. Lisboa: Edição Richard Zenith & Assírio & Alvim.

PONTES, Caco (2008). *O incrível acordo entre o silêncio & o alter ego*. São Paulo: Annablume.

TAMEN, Pedro (2010). *O livro do sapateiro*. Lisboa: Dom Quixote.

TAVARES, Gonçalo M.(2004). 1. Lisboa: Relógio d'Água.

VIANA, António Manuel do Couto (1985). *Uma vez uma voz: Poesia completa*. Lisboa: Verbo.

- <http://www.astormentas.com/PT/autores>. Consultado a 25/04/11.
- http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/guine_bissau/agnello_regalla.html. Consultado a 30/04/11.
- http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/aquinaldo_fonseca.html. Consultado a 30/04/11.
- http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/antonio_jacinto.html. Consultado a 28/04/11.
- http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/luandino_vieira.html. Consultado a 28/04/11.

- http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/s_tome_princepe/olina_da_beja.html. Consultado a 26/04/11.
- http://www.antoniomiranda.com.br/lberoamerica/portugal/valter_hugo_mae.html. Consultado a 25/04/11.
- <http://www.didinho.org/DICCOESGUINEENSESACONVIVENCIADOCTIOEDOPORTUGUESNAESCRITAPOETICADEODETECOSTASEMEDO.htm>. Consultado em 01/10/10.
- http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/rubrique.php3?id_rubrique=3. Consultado a 26/04/11.

ANEXOS

ANEXO 1 – imagens da Instituição cooperante

Figura 16 – biblioteca de acesso público



Figura 17 – biblioteca histórica



Figura 18 – escadaria central



Figura 19 – sala de professores



Figura 20 – entrada principal



Figura 21 – portaria



Figura 22 – área de circulação comum



Figura 23 – recreio



ANEXO 2 – diversidade de vozes na língua portuguesa

Anexo 2.1 – recolha de textos sobre a diversidade linguística



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011

A DIVERSIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Texto 1

Batem à porta. Quem será, questionou nho padre. Quase é André, respondi. Nho padre não entendeu no imediato, mas depois deve ter feito alguns jogos de cabeça porque começou a rir: Quase não, disse ele, ou é André ou não é. Quase André é que não pode ser. Vai ver! Fui e de facto era André. Nho padre continuava a rir mas eu não via onde podia estar a piada. Porque desde o princípio que eu tinha desconfiado que era o André que batia, mas de qualquer modo ainda não tinha visto e por isso não podia ter a certeza de ser ele e poder garanti – lo. De modo que o “quase” era a palavra correctíssima para indicar aquela relativa dúvida.

Isto para mim. Mas nho padre tinha aprendido o português de Portugal e da gramática, e então para ele “quase” só podia significar qualquer coisa “a meio de” e um “quase André” não lhe dizia absolutamente nada.

Germano de Almeida, escritor cabo-verdiano

Texto 2

“Lusofonia”

rapariga: s.f., fem. de rapaz; mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena do café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no brasil, a palavra rapariga não quer dizer o que ela diz em portugal. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o atlântico para desembarcar no rio de Janeiro. E isto tudo

sem pensar em África, porque aí lá terei
de escrever sobre a moça do café, para
evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é
uma palavra que já me está a pôr com dores
de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria
era escrever um poema sobre a rapariga
do café. A solução, então, e mudar de café, e limitar-me a
escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se
pode sentar à mesa porque só servem cafés ao balcão.

Nuno Júdice, A Matéria do Poema, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2008

Texto 3

“Mestre Alentejano”

Terra de grandes barrigas,
Onde há tanta gente gorda,
Às sopas chamam açorda
E à açorda chamam-lhe migas;
Às razões chamam cantigas,
Milhaduras são gorjetas,
Maleitas dizem maletas,
Em vez de açoites dizem nalgadas
E as bolotas são boletas.

Terra mole é atasqueiro,
Ir embora é abalar,
Deitar fora é aventar,
Fita de couro é apero;
Vaso com planta é cravero,
Carpinteiro é abegão,
A choupana é cabanão
E às hortas chamam hortejos
Os cestos são cabanejos
E ao trigo chama – se pão.

No resto de Portugal
Ninguém diz palavras tais;
As terras baixas são vaes
Monte de feno é frascal
Vestir bem, parece mal

À aveia chamam cevada
Ao bofetão orelhada
Alcofa grande é gorpelha
Égua lazã é vermelha
Poldra Isabel ou melada.

Quando um tipo está doente
Logo dizem que está morto.
A todo o vau chamam porto
Chamam gajo a toda a gente
Vestir safões é corrente
Por acaso é por adrego,
Ao saco chamam talego
E, até nas classes mais ricas
Ser janota é ser maricas
Ser beirão é ser galego.

Os porcos medem – se às varas,
O peixe vende – se aos quilos
E a gente pasma de ouvi – los
Usar maneiras tão raras;
Chamam relvas às searas
Às vezes, não sei porquê
E tratam por vomecê

Pessoas a quem venero;
“não quero” dizem “na quero”
“eu não sei” dizem “ê ã sê”!

J. De Vasconcelos e Sá

Texto 4

Poema em Mirandês

Temo l mirar todo mal
Al toque de la galhofa!
La nuossa tirrea, afinal,
Ye um cacho de Portugal
Que nun merece la mofa!
Temo abaneis la ceranda
Cuidando que l trigo ye broca,
Cumo se l ir a Miranda
Fura “ mira la sé i anda”!
Dito assi cun air de troça!

Texto 5

“ Sabem aquele prédio gótico dos 3 arcos góticos na praça principal de Viana do Castelo?

Um hippie crioulo, meio rastafari, com seu violão, acaba de se instalar junto à parede e começa a cantar « olha qui coisa mais linda, mais cheia de graça»

O músico veio de Moçambique e tem uma namoradinha branca, bonitinha, cara de americana transviada da Califórnia, que aciona, uns mamulengos. Enquanto seu companheiro ataca a bossa nova diante do único edifício renascentista de Portugal, aquele com arcadas apoiadas sobre caríatides.

Enlaços. Desenlaços. O ontem. O hoje. A busca da desafinada harmonia do encordoamento da História.

Affonso Romano de Sant’Anna, in- “ Pontes Lusófonas III”, Revista Camões, nº11, 2000

Temáticas a Explorar:

1.A diversidade da língua portuguesa

1.1. O Português Europeu, o Português Africano e o Português do Brasil;

1.2. Os dialectos: mistura de língua portuguesa com outras línguas (ex^{os} crioulo e do mirandês)

1.3 O galego considerado língua lusófona(por causa da origem do português, o galaico - português);

1.4. Língua instrumento de soberania (o caso de Timor – o português a) língua de colonização ;b) língua de resistência; c) língua de soberania

1.4. Os regionalismos (com o poema sobre o Alentejo).

2. A diversidade cultural da Lusofonia

2.1. O multiculturalismo (definição)

2.2. A premência do Interculturalismo e a construção da cidadania

A Diversidade Linguística da Língua Portuguesa

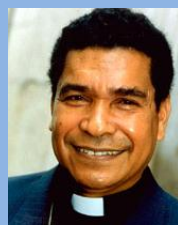
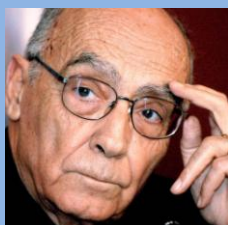
A Língua Portuguesa é uma língua global, falada por cerca de 200 milhões de habitantes.



- Fala-se português (ou dele derivado) :
- Na Europa do Sul - (Portugal continental e insular);
- Em África – Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné – Bissau, Angola e Moçambique;
- Na América do Sul – Brasil;
- Na Ásia – Pangim (antiga Goa), Malaca na Índia e em Macau;



- Na Oceania – em Timor.
- Neste território a Língua Portuguesa teve características especiais:
- Foi língua de colonização;
- Língua de resistência (durante a ocupação indonésia);
- Língua de soberania



- Assim, compreende-se que num universo tão vasto de países, povos e culturas , a Língua Portuguesa, não seja falada da mesma maneira ;
- *“É um amplo manto(...) uma língua comum, referente de várias culturas afins ou diversas (..), todos quantos os acasos da História aproximou”* (Eduardo Lourenço)

LÍNGUA PORTUGUESA

“Um território de afinidades, a afirmação de uma cidadania plural”.

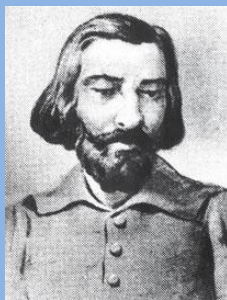
(Maria Armandina Maia)

Uma canção a muitas vozes!

Anexo 2.3 – *power point* 1 - os dois estádios da língua portuguesa

O PORTUGUÊS EUROPEU

- *Português Arcaico – da formação galaico – portuguesa (séc. XII), até Camões (séc. XVI);
- *Português Moderno – a partir deste autor;



INFLUÊNCIAS NO PORTUGUÊS MODERNO

a) dos descobrimentos – alargamento do vocabulário com palavras de origem africana e asiática , Ex^ºs: cáfila, (Norte de África); pagode (do oriente); jangada , varela (do malaio); junco (do chinês);

Anexo 2.4 – *power point* 1 - influências na língua portuguesa

- b) influência francesa: (desde o séc. XVIII), durante dois séculos o “centro da cultura”-
- Chefe, boné, blusa, camuflagem, pneu, garagem, vitrina, chique;
- c) influência italiana : piano, sonata, arpejo, soprano, piza;
- d) influência inglesa: (muito forte a partir da 2ª guerra mundial), sandwich, site, t shirt;

Anexo 2.5 – *power point* 1 – dialectos do português europeu

OS DIALECTOS

- Existem *falares* e expressões comuns a determinadas regiões, relacionadas com os *dialectos* que lhe são próximos , ou por eles influenciados.
- DIALECTO: É a forma como uma língua é realizada numa região específica, isto é: a sua **Variedade geolinguística**.

DIALECTOS PORTUGUESES



- 1. *Interamnense*: Falado nas regiões de Entre o Douro e o Minho – ex^{os} *baca, voi* (trocam-se o p/b; *vós ides* (uso frequente da 2^a pessoa do plural);
- 2. *Transmontano*: Usado em Trás –os-Montes – ex^{os}: *vós sabeis* (uso frequente da 2^a pessoa do plural); *binho* (o b substitui o v) , *tchuba* (por vezes antes de ch, colocam um t);



- 3. *Beirão* – Falado na Beira Baixa e Beira Alta, Ex^{os}: *xopa* (troca-se o s/x);
- 4. *Meridional* - Com os subdialectos: *Extremenho* (Estremadura e Ribatejo);
- *Alentejano*;
- *Algarvio*;
- 5. *Insulares*: *açorense ou açorico* e *madeirense*. (J. Leite de Vasconcelos)

Anexo 2.6 – *power point* 1 - distribuição geográfica dos falantes de língua portuguesa

COMUNIDADES PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO

- Europa: 1 256 000 (França 798 840, Suíça 142 950, Alemanha 101 600);
- América do Sul: (Brasil 1 200 000, Venezuela 400 000);
- América do Norte: 919 000 (Canadá 529 000, Estados Unidos 379 825);
- África: 640 000 (África do Sul, Angola 18 000 e Moçambique 10 900);
- América Central: 10 000 (principalmente na Venezuela);
- Oceania: 65 000 (principalmente na Austrália);
- Ásia : 40 000 (em Macau e Hong Kong 30 000);
- *(dados do Ministério dos Negócios Estrangeiros de 1998)
- Segundo dados de 2008 da mesma fonte, estão fora do país :
4. 990 923 portugueses, (um terço da população).

PORTUGUÊS BRASILEIRO



- População/ falantes: 120 milhões ;
- O português mais falado do mundo;
- Com influências indígenas (em especial o *tupi*, língua dos índios, mas também africanas);
- Vocabulário *tupi*: capim, abacaxi, mandioca, maracujá, piranha, carioca, Guanabara);
- Vocabulário africano: samba, moleque, caçula, senzala, cafuné.

PORTUGUÊS AFRICANO



- Língua falada em cinco estados africanos (antigas colónias portuguesas);
- Língua oficial que convive com as línguas nacionais africanas (estas mais faladas na sua generalidade do que o português, como o *quimbundo*)-
- Existência de crioulos – línguas nacionais de base lexical portuguesa. (Em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau);

A língua evolui, viaja

Por isso....

“Todas as noites, 200 milhões de pessoas sonham em português”



Evolução das Palavras

A língua portuguesa provém principalmente do latim

Algumas palavras chegaram até nós através da escrita, da literatura e dos textos religiosos

Por via erudita

Exemplos:

- Arena (do latim) > arena (português)
- Oculu(m) > óculos (português) > oculu (crioulo cabo verdiano)
- Solitariu(m) > solitário (português)

Verificamos que são mais próximas do étimo, não sofreram grandes alterações

Evolução das Palavras

A maioria das palavras provenientes do latim e faladas hoje em português têm origem na transmissão oral, no latim popular (dos soldados, comerciantes e colonos)

Por via popular

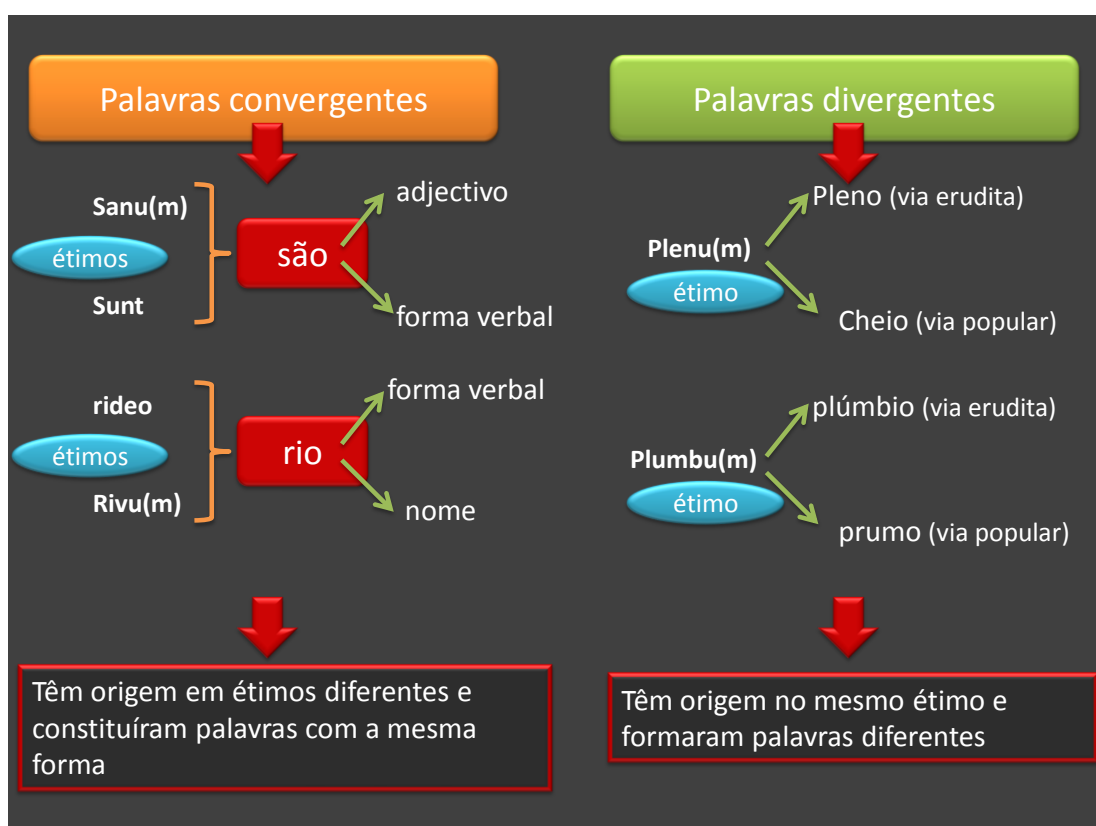
Exemplos:

- Arena (do latim) > areia (português) > arrea (crioulo cabo verdiano)
- Oculu(m) > olho (português) > odjo (crioulo cabo verdiano)
- Solitariu(m) > solteiro (português) > soltêro (crioulo cabo verdiano)

Verificamos que sofreram maiores alterações , evoluíram e afastaram-se do étimo

Evolução de algumas palavras do latim ao português

Latim		Via Erudita		Via Popular
mácula	>	mácula	>	mancha
Rivu(m)	>	rival	>	rio
Legale (m)	>	legal	>	leal
Plaga(m)	>	plaga	>	chaga, praia
Clave(m)	>	clave	>	chave



ANEXO 4 – ficha de trabalho com texto de Mia Couto



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011



Mia Couto nasceu na Beira, Moçambique, em 1955. Foi jornalista, é professor, biólogo e escritor. Está traduzido em diversas línguas. Entre outros prémios e distinções foi galardoado, pelo conjunto da sua já vasta obra inspirada em temas moçambicanos, com o

Prémio Virgílio Ferreira em 1999.

Aplica correctamente o uso da vírgula neste texto de expressão lusófona que te é apresentado.

“...A casa grande é pequena para todos. Uns os mais importantes ficam no edifício da Administração. Entre os irmãos tios e primos há até membros do governo. Estranhamente meu pai acomodou-se numa casa fora do muti familiar. Nem casa é apenas uma modesta cabana oculta entre as acácias.

É para lá que me dirijo ao encontro de meu pai Fulano Malta. Atravesso o átrio ultrapasso a sebe de espinhosas. Chamo de fora com respeito. Não há resposta vou entrando olhos negociando com a obscuridade e chamando:

- Pai estás aí?...”

Mia Couto, *in*

Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra (Adaptado)

ANEXO 5 – Ficha de trabalho com texto de Luis Cardoso (escritor timorense)



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011



Luis Cardoso de Noronha

Nasceu a 8 de Dezembro de 1958 em Cailaco, no interior de Timor Leste no seio de uma família de cultura animista. Seu pai era enfermeiro e curandeiro.

Estudou em colégios missionários portugueses (Soiabada, Fuiolo e Seminário de Dare em Díli).

Formou-se em Sivicultura no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa.

Escritor, autor do 1º romance timorense, contador de histórias do seu país, cronista da revista *Fórum Estudante*, professor de Português e de Tétum. Livros publicados: *Crónica de uma Travessia* – a época do ai-dik-funam (1997); *Olhos de Coruja*, *Olhos de Gato* (2001); *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003) e *Requiem para o Navegador Solitário* (2007).

Texto narrativo autobiográfico de expressão lusófona

A escola em Timor nos anos 60

A escola era também uma casa grande ocupada com carteiras e cujo chão estava coberto com uma longa esteira que me parecia ser um tapete voador quando havia tremores de terra. Meu pai comprou-me uma ardósia com o respectivo ponteiro e desejou-me que não me faltasse nunca saliva.

Foi-me ensinado primeiro a catequese em tétum, depois o hino nacional em português e finalmente algumas canções sacras em latim. Mais tarde a escrever o alfabeto, os números e a tabuada. As palavras na cartilha, r-o-ro-l-a-la e dizia lakateu em tétum porque era o lakateu que estava configurado. Era o lakateu que eu guardava na minha cabeça e no meu bolso, apanhado em perseguições dolorosas na altura das chuvadas e que de asas molhadas e cansadas desistia facilmente. G-a-ga-l-o-lo. E dizia manu-aman em tétum porque era manu-aman que estava pintado sobre as cores festivas das lutas de galo aos domingos no bazar.

Embora nas aulas de Desenho e Redacção, os temas tivessem como referencia animais domésticos, foram lentamente substituídos pela pêra e pela maçã e outros frutos distantes e afrodisíacos que nos ensalivavam a boca mas que só constavam nos manuais de leitura e nas referencias bíblicas. As redacções avançaram com as louvações à minha pátria distante, simbolizada e guardada por dois anjos masculinos e mais feios do que as imagens sacras e cujos retratos estavam pendurados na parede frontal. Um, gordo e calvo vestido de branco e ornamentado com rendas douradas. O outro era sério e soturno, vestido com um fato cinzento, o nariz pontiagudo desfilando ameaças e o cabelo alinhado como a tropa e os cipaio²³. Fui informado que eles eram representados pelo sargento branco e ruivo, comandante do quartel, que eu temia ser parecido com o Rain-rain²⁴, confirmando as profecias da minha mãe que dizia que os malaes²⁵ vinham do fundo da terra em erupção de fogo. E o meu medo avolumava-se cada vez que o via de caçadeira na mão, atrás das pombas cinzentas e verdes, que procuravam refúgio na ilha depois das queimadas que todos os anos assolavam as outras circundantes e formavam um anel de fogo.

De tempos a tempos, chegava o avião bimotor, estrondoso e barulhento. Trazia entidades, missionários e inspectores, obrigando o meu pai a mobilizar o trabalho familiar de conserto da enfermaria que quase caía por terra com os troncos e os larazes²⁶ apodrecidos. Temia pelo asfixiamento da laranjeira de doces frutas sumarentas que crescia nas imediações do edifício e que segundo

²³ Polícias

²⁴ Espírito da Terra (religião animista)

²⁵ Brancos e portugueses

²⁶ Vigas

constava fora para ali levada e cuidada por um viandante da ilha Kíssar. Supunha-se que os frutos teriam algum carácter medicinal e, corriam rumores de algumas coisas boas e secretas vindas das ilhas circundantes tais como árvores de fruto, feitiços e as belas e deslumbrantes mulheres. O missionário baptizava e confessava os catecúmenos gentios, com nomes de reis e profetas. Fazia autenticas inaugurações de dinastias nativas de Afonso Henriques e Vasco da Gama, ou de profetas musculados como Sansão e Moisés.

Acabada a segunda classe, meu pai levou-me à cantina de Mário Lopes. Eu esperava um prémio pela passagem de classe. Fui-me encostando ao armário dos brinquedos onde estavam alinhadas as diversas motorizadas, aviões e automóveis. Acabei por me decidir por uma motorizada *Harley-Davison*. Pesem embora todas as minhas preces e súplicas, o voluntarioso enfermeiro pediu uma mala verde lata. Depois disse a Dona Aquilina:

- Encha-a com três pares de calções azuis, três camisas brancas, um par de sapatilhas brancas e outro de meias da mesma cor. Ah, não se esqueça do bivaque, por favor azul!

Enquanto eu olhava, atarantado perante tamanha generosidade e brandura, acrescentou, azulado:

- Dois números acima.

- Encha-a com três pares de calções azuis, três camisas brancas, um par de sapatilhas brancas e outro de meias da mesma cor. Ah, não se esqueça do bivaque, por favor azul!

Dona Aquilina abriu os olhos de espanto e eu suspeitei tratarem-se de fardas para o meu irmão mais velho entrar na Mocidade Portuguesa. A senhora apalpou-me os ossos das costelas salientes e afiadas, torcendo o nariz.

Meu pai, que achava que eu nunca deveria esperar pela compaixão de ninguém, devendo estar preparado para os tempos que me esperavam rematou:

- Há-de crescer! E enquanto não cresce, completa-se com sumaúma! Concluiu carismático.

Foi assim que deixei os meus parentes de Ataúro e voltei a atravessar o mar em direcção a Díli. Chorei durante toda a travessia e o velho sokão²⁷, encarregado de me levar, respeitou o meu desgosto não me dirigindo uma palavra. Quando me entregou na praia de Lecidere aos meus parentes vindos de Manufahi, encarregues de me levarem ao colégio de Soiabada, o velho colocou-me nas mãos um polvo seco, parecido com os seus olhos, impedidos de deitarem lágrimas ou chuva como a terra de Ataúro. Recomendou-me:

- Não te esqueças nunca de voltar! Que pernas e braços não te falem para nadar.

Luis Cardoso in *Crónica de uma travessia*

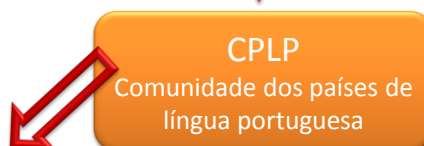
²⁷ Nativo da ilha de Ataúro



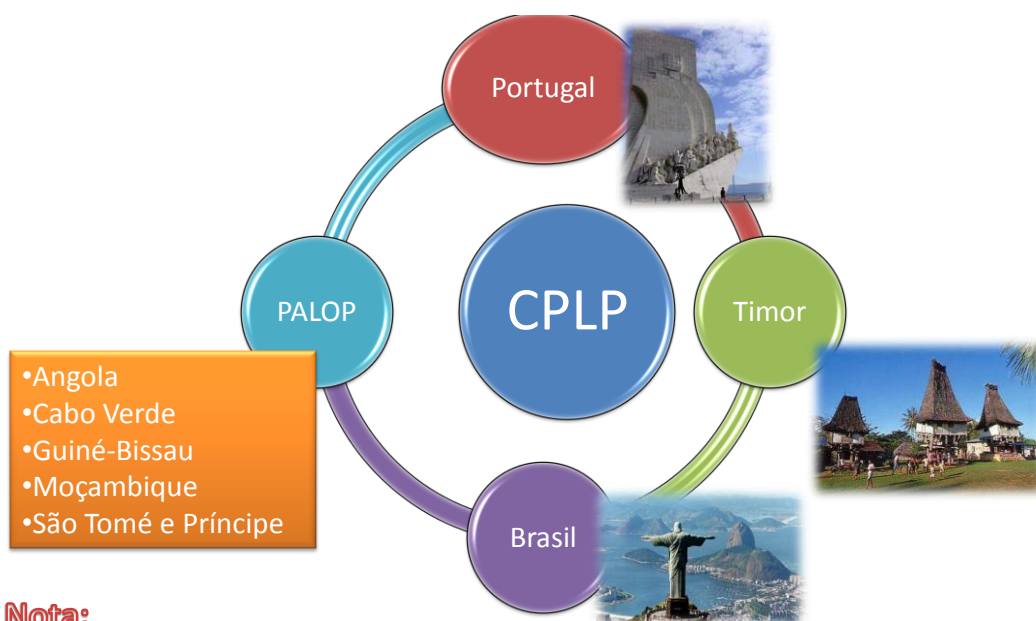
Lusofonia

Conjunto de identidades culturais em países falantes da Língua Portuguesa, que formam a **COMUNIDADE LUSÓFONA.**

Constituída por:



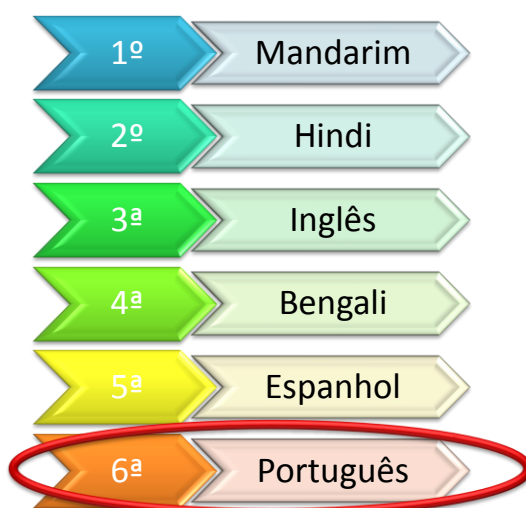
Organização Internacional que congrega os países em que o Português é a língua oficial



Nota:

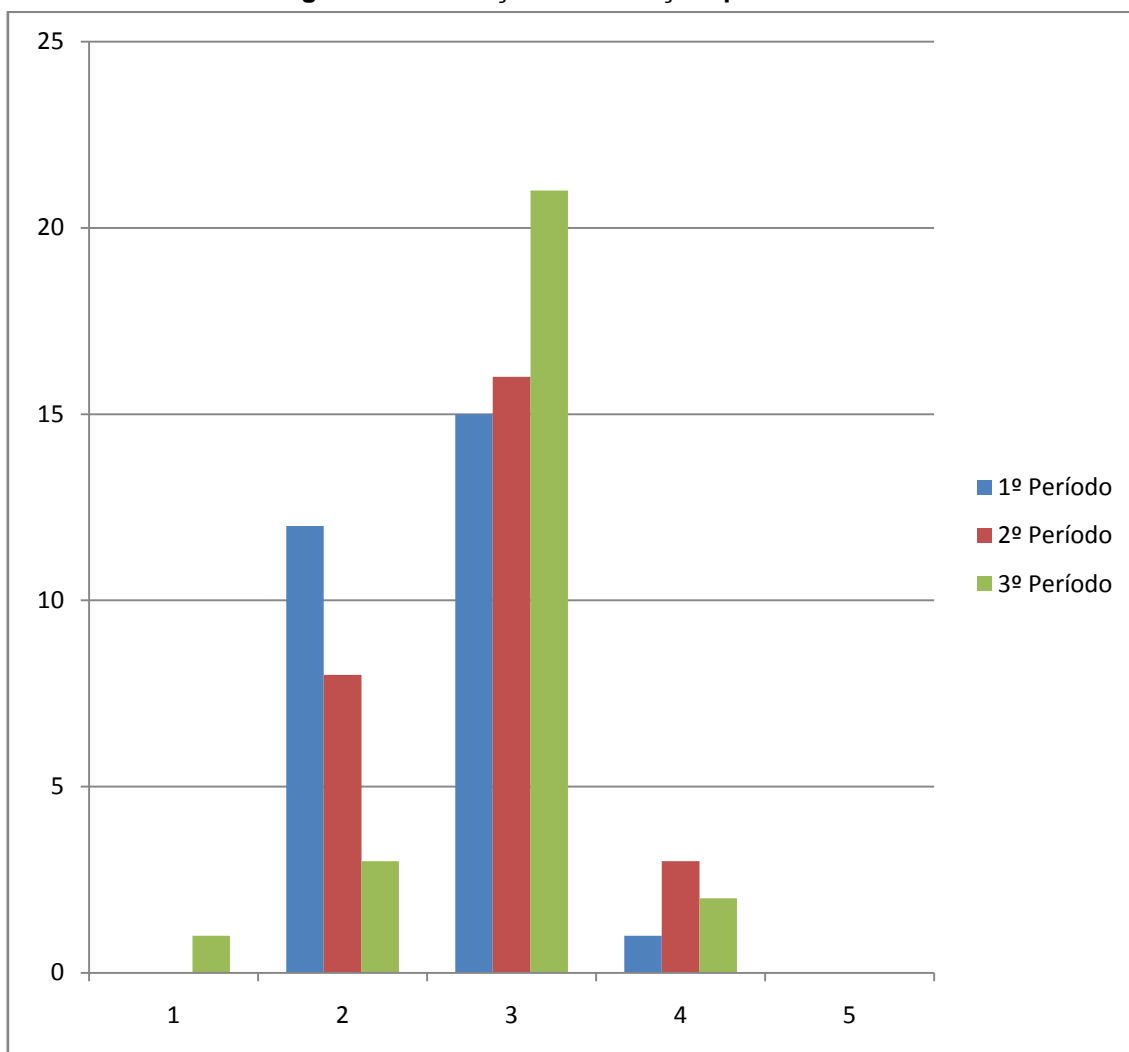
- ➔ Para além destes, fala-se português nas comunidades de emigrantes dos países lusófonos espalhadas pelo mundo;
- ➔ Também existem falantes de crioulos de base lexical portuguesa (Ex: em Malaca).

Línguas mais faladas no mundo



**ANEXO 7 – tabela de distribuição de notas dos alunos ao longo do ano
(níveis de classificação / nº de alunos)**

Figura 24 – evolução da avaliação quantitativa





ANEXO 8 – ficha de biografias
ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011

TEXTO AUTOBIOGRÁFICO

Amália, de seu nome



Fadista e atriz.

Amália da Piedade Rodrigues, nasceu em Lisboa, em Julho de 1920, no seio de uma família pobre, seu pai era sapateiro.,

Aos 12 anos deixa a escola (por ser pobre). Foi bordadeira, trabalhou numa fábrica de bolos e vendedeira de fruta.

Aos 15 anos, integra a marcha popular de Alcântara, nas festas de Santo António.

Aos 19 anos, estreia-se como fadista, na casa de fados “O retiro da Severa”

Aos 20 anos, estreia-se no teatro de revista no teatro Maria Vitória.

Aos 23 anos, actua pela 1ª vez no estrangeiro, em Madrid.

Aos 24 anos é já vedeta no Rio de Janeiro. Três anos mais tarde, estreia-se no cinema com o filme *Capas Negras*. Nesse ano, actua em Paris e em Londres.

Em 1952, actua em Roma, Nova Iorque.

Em 1962, faz uma grande digressão à Rússia (então URSS) e ao Japão.

Amália foi considerada uma das mais brilhantes cantoras do séc. XX, “a rainha do fado”.

Foi condecorada nacional e internacionalmente. Tratou-se de uma diva que propagou pelo mundo a cultura portuguesa, a sua língua e o fado. No entanto, apesar da fama e da consagração que angariou, viveu sempre de forma discreta, afável para com todos, com uma certa humildade e simpatia que sempre a caracterizou. Mais do que uma

grande vedeta (que o foi), recorda-se Amália como uma grande cidadã do mundo, nascida em Portugal.

Amália morreu em Lisboa, a 6 de Outubro de 1999. O governo de então decretou 3 dias de luto nacional pela sua morte.

Audição do Fado “Amália” in http://www.youtube.com/watch?v=Efqjn_zAlxA.

Actividade Proposta:

- Identificação de traços autobiográficos no fado “Amália”.

A sidade de Cesária



Nasceu no Mindelo, Cabo Verde a 27 de Agosto de 1941.

O seu pai tocava cavaquinho, violão e violino, a sua mãe era cozinheira.

Cise (como é conhecida pelos amigos) estudou num colégio de freiras em Cabo Verde. Aos 16 anos, conheceu um músico que lhe ensina os tradicionais estilos da música cabo-verdiana.

Viveu e cantou em Portugal. Depois, emigrou para Paris onde gravou o seu 1º álbum em 1988.

“A diva dos pés descalços”, como é conhecida no mundo, tornou-se famosa e reconhecida apenas aos 47 anos. Até então, teve uma vida difícil, onde a saudade da sua terra natal foi uma constante comum a muitos outros emigrantes.

Em 2004, ganhou um *Grammy* do melhor álbum de *world music* contemporânea.

Em 2009, o presidente francês Jacques Chirac distinguiu-a com a medalha de legião de honra francesa.

Cesária Évora é pois, uma ilustre representante da música e da Comunidade Lusófona.

Audição da canção “Sidade” in <http://www.youtube.com/watch?v=0djuGyISzNE>

Actividades Propostas:

- Identificação de traços autobiográficos na canção “Sodade”;
- Reflexão sobre o crioulo e a língua portuguesa.

A vida de Frida escrita a pincel



acidente, quando regressava da escola. Durante a longa convalescença, Frida começa a pintar com um cavalete adaptado à cama. Foi o início da sua carreira de pintora. Conheceu a fama,

conviveu de perto com

as pessoas mais importantes do mundo artístico e da política de então. Viveu em Nova Iorque, expôs em Paris mas, o México foi sempre o seu espaço mais querido e inspirador.

Morreu a 13 de Julho de 1954, com 47 anos, depois de um longo período de sofrimento e doença, que não a impediram, porém, de ser uma das maiores pintoras do séc. XX.

Actividade Proposta:

- Levantamento de traços autobiográficos presentes no quadro apresentado.

ANEXO 9 – planificação de aula sobre textos de carácter autobiográfico



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

Data: 23/11/2010, **Hora:** 10:05 às 11:35 h

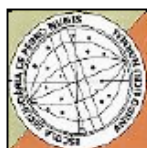
Duração: 90 minutos

Sumário: Marcas autobiográficas em diferentes expressões na música e arte.

Biobibliografia de Sebastião da Gama.

Leitura de um excerto de *Diário* do referido autor. Levantamento de características autobiográficas.

Competências essenciais	Objectivos Específicos	Conteúdos Temáticos	Actividades / Processos de Operacionalização	Tempo (min.)	Materiais	Avaliação
Expressão oral	Alargar a competência comunicativa pela confrontação de variações textuais e comunicativas	<ul style="list-style-type: none"> • Texto autobiográfico. • Composições artísticas de carácter autobiográfico: - Música - Pintura 	Audição de músicas e identificação de marcas autobiográficas: - "Fado Amália" de Amália Rodrigues - "Sodade" de Cesária Évora	10	Data Show	Observação directa: <ul style="list-style-type: none"> • Participação - Pertinente / espontânea / Solicitada • Comportamento Empenho
Leitura	Ler e compreender		• Leitura das biografias de			



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

Expressão oral	textos escritos	Amália Rodrigues, Cesária Évora e Frida Kahlo • Observação do quadro "Retablo" de Frida Kahlo • Reflexão sobre a relação entre a temática das músicas e do quadro apresentados e as respectivas biografias.	20	Fichas biobibliográficas	
Leitura	Conhecer autores de língua portuguesa	• Biobibliografia de Sebastião da Gama	5	Ficha de Trabalho	Observação directa: • Participação - Pertinente / espontânea / Solicitada • Comportamento • Empenho



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

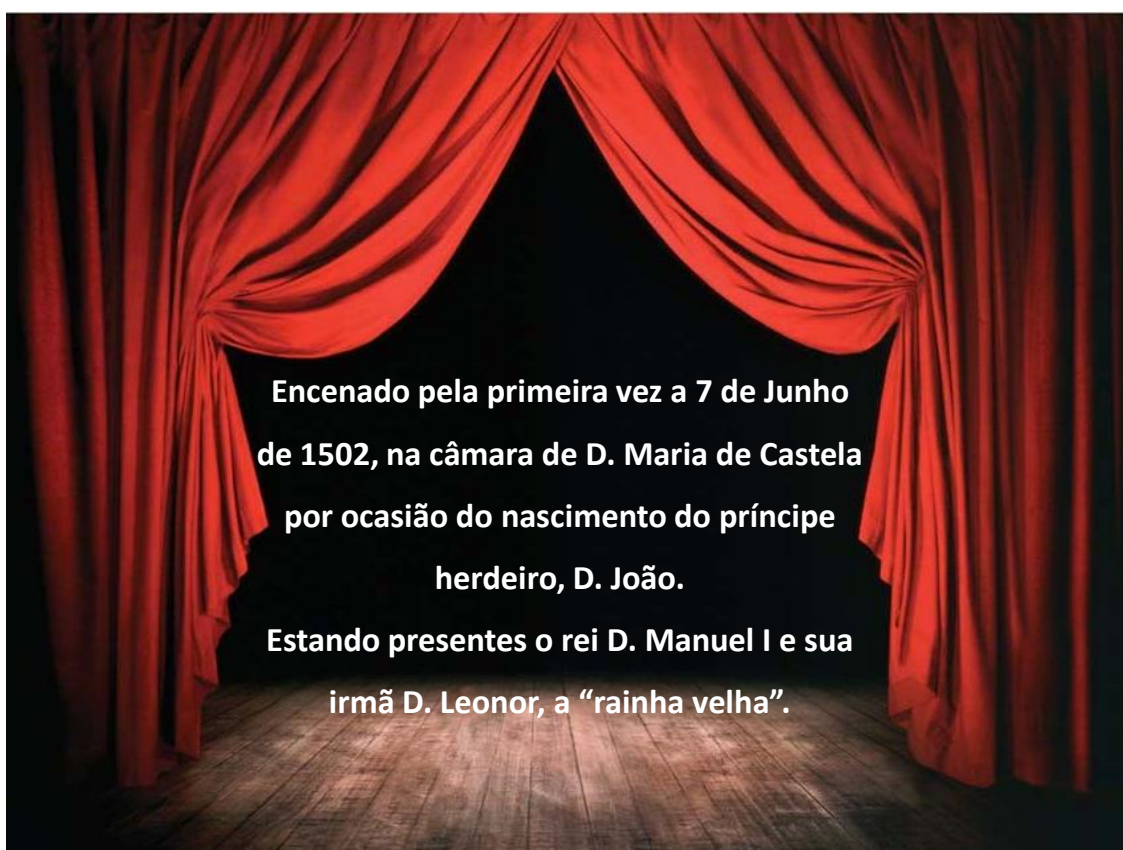
Ano lectivo 2010/2011

Leitura	Conhecer textos de autor de língua portuguesa	• Texto autobiográfico – diário.	• Leitura de um excerto de <i>Diário de Sebastião da Gama</i> . • Levantamento de características de texto diarístico.	40	Ficha de trabalho	Observação directa: • Participação - Pertinente / espontânea / Solicitada • Comportamento • Empenho
Expressão oral	Identificar marcas do texto diarístico					
	Desenvolver o gosto pela pesquisa através de diferentes recursos		• Marcação de trabalho de casa: pesquisa sobre autora de um diário, Anne Frank	5	Caderno diário	

Nota: Grelha de Avaliação em anexo

A professora,

Manuela Sá Couto



Classificação da Obra

Auto de moralidade

“Ridendo Castigat Mores”

A rir corrigem-se os costumes

O Auto revela os vícios, os defeitos e os costumes da época (início do séc. XVI)

Auto de moralidade

Através do riso denúncia:

A falsa prática religiosa

A vaidade

A corrupção da justiça

Desregramento de costumes

O judaísmo

A ostentação

A exploração

A tirania

o desprezo pelos humildes

A ganância

A frivolidade

Assunto da Obra



Cada um tem sua barca para levar as personagens/almas na sua viagem final;

Estas, através do diálogo com o Anjo e/ou Diabo expõem a sua vida carregada de vícios;



Por isso são condenados

Simbologia do Cenário

Rio: a divisão e a transição deste mundo para o outro (o espaço intermediário entre a vida terrena e a vida eterna

Barcas: a partida para o outro mundo

Cais: o tribunal, julgamento do comportamento das personagens enquanto vivas.

ANEXO 11 – tabela de registos sobre o *Auto da Barca do Inferno*



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011 2º Período

Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente



Grelha/síntese do estudo das personagens e da sua caracterização e movimentação na peça: 9º ano

Personagem em julgamento	Símbolos cénicos	Classe social	Argumentos		Caracterização	Percurso cénico	Outras personagens		Recursos expressivos
			Acusações	Defesa			Alegóricas	Figurantes	



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011

TESTE FORMATIVO

***Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente**

Gil Vicente foi o primeiro autêntico dramaturgo português e um dos maiores génios do teatro do nosso país.

Identifica a resposta que te parece correcta, assinalando-a.

1. A) O escritor viveu entre os séculos XV e XVI.
B) O dramaturgo viveu no século XIV.
C) A sua vida e obra situam-se em data incerta.
2. O seu teatro satírico assenta no lema latino *Ridendo Castigat Mores*, que significa:
A) A rir há mais inspiração literária.
B) A rir corrigem-se os costumes.
C) A rir a sociedade humaniza-se.
3. Nas suas peças, verifica-se uma crítica à sociedade do seu tempo.
A) Essa crítica dirige-se essencialmente aos que viviam à margem da sociedade.
B) Gil Vicente não poupa os poderosos nas suas sátiras.
C) O autor inspira-se particularmente em personagens individuais de modo a produzir o cómico.
4. No *Auto da Barca do Inferno*, o cenário é constituído por:
A) Duas barcas, uma torre divina, uma ponte e um rio.
B) Um cais, um rio e duas barcas.
C) Duas barcas, um arrais e um “cortiço”.
5. Nesta peça, como noutras que escreveu, Gil Vicente utiliza diferentes tipos de cómico. Estas modalidades produzem o riso, através:
A) Do cómico Vulgar, cómico de carácter e cómico de expressão.
B) Do cómico de linguagem, cómico de situação e cómico clássico.

- C) Do cómico de linguagem, cómico de situação e cómico de carácter.
6. Na cena inicial do *Auto da Barca do Inferno*, o Diabo encontra-se:
- A) Aborrecido e, por isso, zanga-se com o Companheiro.
 - B) Muito satisfeito, pois espera receber muitas personagens na sua barca.
 - C) Alheio e indiferente, dá ordens ao companheiro sem nenhum entusiasmo.
7. O Fidalgo chega ao cais acompanhado de vários símbolos cénicos:
- A) Um manto, uma moça e uma cadeira.
 - B) Um pajem, um manto e um broquel dourado.
 - C) Uma cadeira alta, um pajem e um manto.
8. Esta personagem caracteriza-se por ser:
- A) Um fidalgo de solar, autêntico cristão, mas muito vaidoso.
 - B) Cortês, alegre e indiferente à sua posição social.
 - C) Um nobre vaidoso, arrogante e tirano.
9. Segue-se a Dom Anrique um Onzeneiro, ou seja:
- A) Um homem que emprestava dinheiro, a troco de um juro elevado, a “onzena”.
 - B) Um cobrador de impostos, a “onzena”.
 - C) Um oficial da justiça corrupto, servindo-se para tal da “onzena”.
10. Depois, abeira-se Joane, o Parvo. Os seus pecados são-lhe perdoados no julgamento final, pois tudo o que fez em vida, não o fez por mal. Assim:
- A) Fica no cais a aguardar a chegada de mais personagens.
 - B) Embarca no batel do Anjo.
 - C) O Anjo e o Diabo não o querem a bordo, por ser “sandeu”.
11. Esta personagem lúdica, mas igualmente crítica...
- A) permanecerá calado ao longo da peça, limitando-se a observar a chegada de outras almas.
 - B) fará rir as restantes personagens com a sua loucura e irresponsabilidade.
 - C) participará na acusação de algumas personagens, com linguagem divertida.
12. Depois do Parvo, chega ao cais Joanantão, o Sapateiro. Este recusa-se a entrar na barca do Diabo porque:
- A) Vinha muito carregado de forminhas de sapatos.

- B) Considerava-se um artesão muito habilidoso e digno de respeito.
C) Morreria confessado, ouvira missas e dera esmolas.
13. A chegada do Frade reveste-se de originalidade:
A) Entra com uma moça pela mão, porém a rezar divertido.
B) Entra com uma moça pela mão, uma espada e um broquel na outra, faz uma vénia e começa a dançar.
C) Surge surpreendido, algo triste, segura na espada e no capelo, desprende –
-se de Florença e pede ao Anjo para o conduzir à sua barca divinal.
14. O Diabo acusa esta personagem de ter cometido, em vida , pecados graves, ou seja:
A) De ter praticado a gula, ter sido muito severo e avarento.
B) De não ter tido caridade para com os pobres e não ter rezado muito.
C) De ter sido um frade mundano, cortesão, espadachim e ter mulher.
15. O Anjo não fala com esta personagem em julgamento. Qual será o motivo para tomar esta atitude?
A) O Diabo não lhe permite dialogar com este réu.
B) Por vergonha e escrúpulos, uma vez que o Frade representa a religião e faz parte do clero.
C) Por se encontrar ocupado a falar com Joane.
16. Dá-se então a chegada de uma mulher ao cais, Brízida Vaz, a Alcoviteira. Como é caracterizada esta personagem?
A) Violenta, poderosa e muito bonita.
B) Tímida, mostrando arrependimento pelos seus pecados, melancólica.
C) Cínica, considerando-se uma pessoa que foi útil à sociedade e defensora da sua pretensa fé.
17. Nesta cena, Gil Vicente fez uma crítica indirecta ao clero, porque:
A) Brízida era religiosa e desviava os crentes da prática religiosa.
B) Os Frades eram demasiado severos para com as mulheres.
C) A Alcoviteira promovia encontros de raparigas com figuras importantes da igreja.
18. A entrada do Judeu reveste-se de originalidade em relação ao acolhimento pelo Anjo e pelo Diabo.
A) Todos o querem receber nas suas respectivas barcas.
B) O Diabo quer vê-lo de imediato na sua barca infernal, enquanto que o Anjo reflecte sobre a posição a tomar.

- C) A Anjo não lhe dirige a palavra e o Diabo recebe-o de má vontade.
19. Seguidamente, aproximam-se do cais dois representantes da justiça:
- A) Um Corregedor e um Procurador.
 - B) Um Juíz e um réu.
 - C) Um Desembargador e um Corregedor.
20. Nesta cena, predomina o Cómico:
- A) De carácter.
 - B) De linguagem.
 - C) Não se verifica predominância de nenhum tipo de cómico.
21. Na penúltima cena da obra, entra um enforcado que considera que deve entrar na barca do Paraíso, pois:
- A) Rezou muito durante toda a vida.
 - B) Morreu enforcado e fez em vida tarefas dignas de um santo.
 - C) Não gosta da barca infernal.
22. O *Auto da Barca do Inferno* termina com a chegada à cena dos Cavaleiros de Cristo. Por morrerem a defender o ideal de Cruzada vão para o Paraíso. O desfecho destas personagens tem a ver com:
- A) Os aspectos medievais presentes na obra vicentina.
 - B) Os recursos clássicos que Gil Vicente utilizou na sua peça.
 - C) Os Cavaleiros são meras personagens que não transportam consigo nenhum significado especial.
23. O recurso expressivo que atravessa toda a peça de forma recorrente é:
- A) A antítese.
 - B) A ironia.
 - C) A comparação.
24. Percebeste que o *Auto da Barca do Inferno* é constituído pelo desfile de uma galeria de personagens -tipo, ou seja:
- A) Personagens tipicamente dramáticas.
 - B) Personagens alegóricas.
 - C) Personagens representativas de uma classe social ou grupo pertencente à sociedade.
25. Por último, é pertinente dizer que o *Auto da Barca do Inferno* poderia ser feito com personagens actuais da sociedade portuguesa?
- A) Sim, desde que as personagens alegóricas fossem substituídas.
 - B) Sim, porque a máxima *Ridendo castigat Mores* é um pressuposto intemporal e pedagógico para todas as sociedades.

- C) Não, as personagens vicentinas são do séc.XVI e nada têm em comum com a sociedade actual

II

Expressão Escrita:

Terminada a leitura e a análise desta obra de Gil Vicente, tens certamente opinião formada sobre a mesma. Redige um texto com 160 a 220 palavras no qual destaques personagens, recursos literários, intenção do autor, ou outros aspectos que consideres relevantes neste Auto de Moralidade

Bom trabalho!



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

Data: 19/01/11 , **Hora:** 10.05h

Duração: 90 minutos

Sumário: Conclusão estudo do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente – episódio dos cavaleiros de Cristo.

Leitura de excertos da obra *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes.

Elaboração de uma ficha formativa sobre a obra vicentina.

Competências essenciais	Objectivos específicos	Conteúdos Temáticos	Actividades / Modos de Operacionalização	Tempo (min.)	Materiais	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> Leitura e compreensão escrita; 	<ul style="list-style-type: none"> Ler e compreender a cena dos cavaleiros de Cristo, do texto dramático <i>Auto da Barca do Inferno</i>, de Gil Vicente; 	<ul style="list-style-type: none"> Texto dramático, <i>Auto da Barca do Inferno</i>, de Gil Vicente; 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura expressiva e análise pelos alunos da cena dos cavaleiros de Cristo, inserida na peça <i>Auto da Barca do Inferno</i>; Identificação das personagens em cena; Traços comportamentais dos 4 cavaleiros de Cristo; 	- 25 m	<ul style="list-style-type: none"> Manual 	Leitura (grelha anexo I) Observação directa (grelha anexoI)



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

			<ul style="list-style-type: none"> Justificação do final traçado pelo autor, para estas personagens; Explicitação oral pela professora da temática "espírito de cruzada", observada na cena final do auto vicentino; Preenchimento de um quadro – síntese sobre o episódio estudado 	5m	<ul style="list-style-type: none"> Exposição oral pela professora Quadro – síntese 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura (grelha anexo I)
-Ler e compreender textos inseridos em obras da	- D. Quixote de la Mancha, de Miguel Cervantes		<ul style="list-style-type: none"> Leitura pelos alunos de excertos do romance D. Quixote de la Mancha: Episódios dos "moinhos de vento" e do "exército 	- 5m	Obra D. Quixote de la Mancha, de Cervantes	



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

	literatura mundial		de ovelhas”;	5m		Observação directa (grelha anexo I);
• Compreensão escrita	Compreender o texto dramático <i>Auto da Barca do Inferno</i> , de Gil Vicente	- Texto dramático <i>Auto da Barca do Inferno</i> , de Gil Vicente	<p>Comparação entre a personagem D. Quixote e os cavaleiros da obra de Gil Vicente ;</p> <ul style="list-style-type: none"> Aferição de conhecimentos e elaboração de uma ficha formativa, sobre os aspectos gerais e específicos da peça <i>Auto da Barca do Inferno</i>. Marcação de trabalho de casa: <p>Exercício de produção escrita – Comentário teórico e / ou de opinião ,sobre o</p>	40m	• Ficha Formativa	Observação directa (grelha anexo I)



LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

[illegible]

ANEXO 14 – caracterização de uma epopeia



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LINGUA PORTUGUESA – 9º ano

Ano lectivo 2010/2011

EPOPEIA

Trata-se de um poema épico, isto é: um longo poema heróico narrativo , contendo um vasto conjunto de feitos, de factos históricos, de um ou de vários heróis, reais, lendários ou mitológicos.



Os primeiros grandes modelos ocidentais de Epopeia são os Poemas Homéricos, *A Ilíada* e *A Odisseia* datados do século VII a. C., atribuídos ao poeta grego Homero, do qual se sabe muito pouco acerca da sua existência.

Estes extensos poemas referem-se a episódios lendários da Guerra de Tróia, com os seus heróis grandiosos e que ainda hoje se constituem como elementos inspiradores de criação artística: Aquiles, Ulisses, Heitor, Ajax Menelau, a bela Helena de Tróia ou a paciente Penélope, fazem parte da vasta galeria de personagens presentes nas primeiras Epopeias e que representam os primórdios da literatura do ocidente.

Para além destas, há a referir *A Eneida*, escrita no século I a. C., pelo poeta romano Virgílio, cujo tema se centra no mito de Eneias, que após ter sido

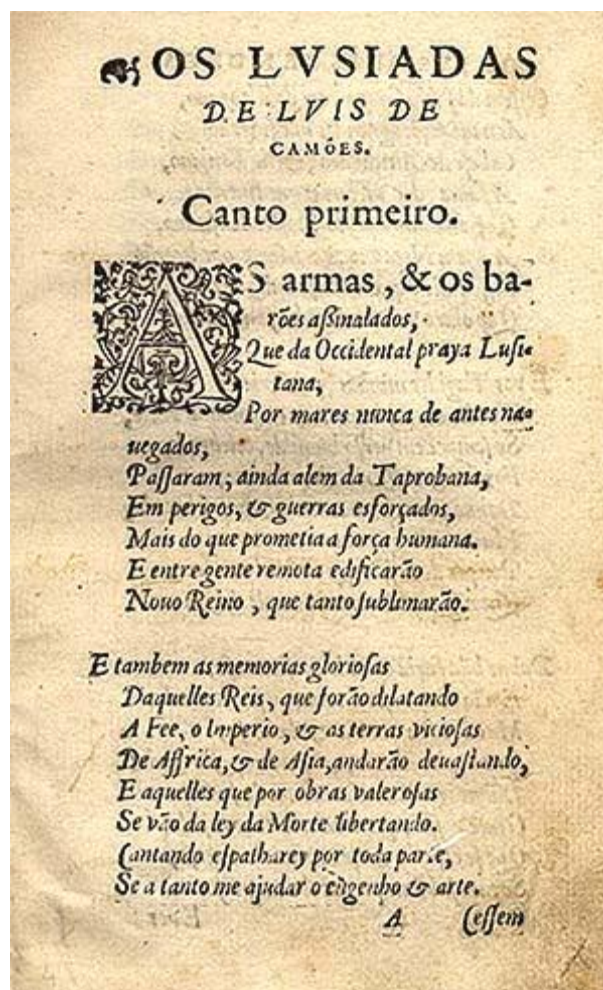
derrotado na Guerra de Tróia, parte para a região do Lácio e aí, funda um novo reino .

A este género de poesia épica pertencem igualmente *A Canção de Rolando*, epopeia francesa do século XI, cujo autor se desconhece, *A Divina Comédia* do italiano Dante , datada do século XIV e *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, publicados em 1572, ainda durante a vida do nosso ilustre poeta nacional.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DE UMA EPOPEIA:

“ A expressão mais alta da poesia”

- Género narrativo em verso;
- A acção épica tem de ter estilo grandioso e solene;
- O protagonista tem de ser um herói com qualidades bélicas e morais superiores;
- A narração faz-se *in media res* isto é: inicia-se no meio dos acontecimentos;
- Tem acção fulcral, narrações retrospectivas (analepses) e profecias (narrativas simbólicas);
- Existência de episódios que tornam o poema longo e muito rico;
- Presença do maravilhoso na acção;
- Utilização do modo narrativo, o poeta narra em seu próprio nome ou com a voz de várias personalidades heróicas, históricas ou mitológicas;
- Reduzida intervenção do poeta em seu próprio nome.



OS LUSÍADAS – EPOPEIA RENASCENTISTA PORTUGUESA

- Obra escrita por Camões e publicada em 1578, durante o reinado do “ rei moço” , D. Sebastião a quem o poeta dedicou o seu livro;

- A acção fulcral centra-se na descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1498;
- O objectivo central de *Os Lusíadas* é a glorificação dos feitos dos portugueses, na época dos Descobrimentos, mas também a divulgação solene de outros acontecimentos da História de Portugal;
- Camões canta a heroicidade do povo português, constituindo-se este o herói colectivo da sua epopeia;



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

Data: 25/02/11 **Hora:** 10.05 H

Duração: 90 minutos

Sumário: Camões: Biografia e contextualização histórica e cultural – Renascimento, Humanismo e Classicismo. Observação e leitura de excertos de obras importantes neste contexto.

Epopeia: Características e considerações gerais acerca d'Os Lusíadas, epopeia renascentista.

Competências Essenciais	Objectivos Específicos	Conteúdos	Actividades / Processos de Operacionalização	Tempo (min.)	Materiais	Avaliação
- Compreensão oral e escrita;	- Conhecer a biografia de Camões;	- Biografia de Luís de Camões;	- Apresentação de um <i>power point</i> sobre a biografia de Camões;	- 10 m	<i>Data show</i> ; Computador	Observação directa (anexo I)
	- Contextualizar histórica e culturalmente a época de Camões;	- Contextualização histórica e cultural da época de Camões: - Humanismo; - Renascimento; - Classicismo;	- Apresentação de um <i>power point</i> sobre o Humanismo e o Renascimento; - Explicitação do professor do conceito de classicismo;	10 m - 5 m	<i>Data show</i> ; Computador; - quadro; - caderno;	Observação directa (anexo I)



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ano lectivo 2010/2011

<p>- Leitura e compreensão escrita</p>	<p>- Ler e compreender obras património da literatura universal;</p>	<p>- Textos Literários de grande importância no contexto renascentista: - <i>Iliada</i> e <i>Odisseia</i> de Homero; - <i>Eneida</i> de Virgílio; - <i>Utopia</i>, de Thomas More;</p>	<p>- Observação e leitura individual pelos alunos das epopeias clássicas de Homero e de Virgílio assim como textos emblemáticos do humanismo renascentista: <i>Utopia</i> e <i>Discurso sobre a Condição Humana</i></p>	<p>15 m</p>	<p>- <i>Iliada</i> de Homero; - <i>Odisseia</i> de Homero; - <i>Eneida</i> de Virgílio;</p>	<p>Observação directa (anexo I)</p>
	<p>Identificar a Epopeia;</p>	<p>- <i>Discurso sobre a Condição Humana</i> de Picco della Mirandola;</p>	<p>- Leitura em voz alta por um aluno de um excerto da obra de Picco della Mirandola;</p>	<p>5m</p>	<p>- <i>Discurso sobre a Condição Humana</i>, de Giovanni Picco della Mirandola; - <i>Utopia</i>, de Thomas More</p>	<p>Leitura (anexo I)</p>
		<p>Epopeia – Poema heróico narrativo;</p>	<p>Leitura e compreensão de uma ficha de trabalho sobre a Epopeia</p>	<p>10 m</p>	<p>Ficha de trabalho nº1</p>	<p>Observação directa (anexo I)</p>



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES
LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO
Ano lectivo 2010/2011

	- Conhecer epopeias representativas dos primórdios da literatura do ocidente	- Epopeias anteriores aos <i>Lusiadas</i> : <i>Iliada</i> ; <i>Odisseia</i> ; <i>Eneida</i> ; <i>A Canção de Rolando</i> ; <i>Divina Comédia</i> .		10m		
	- Identificar características da Epopeia; - Conhecer a epopeia renascentista portuguesa, <i>Os Lusiadas</i>	- Características da Epopeia; - <i>Os Lusiadas</i> , epopeia escrita por Luís de Camões;	- Leitura e compreensão de uma ficha de trabalho sobre as características da Epopeia;	10 m 10m	- Ficha de trabalho nº2	Observação directa (anexo 1)



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES
LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO
Ano lectivo 2010/2011

- Leitura e compreensão escrita	- Identificar influências da obra <i>Eneida</i> , de Virgílio, n'Os <i>Lusiadas</i> , de Camões	- O <i>contaminatio</i> clássico da <i>Eneida</i> , de Virgílio, n'Os <i>Lusiadas</i> , de Camões	- Leitura pelos alunos da primeira estrofe da Proposição d'Os <i>Lusiadas</i> e da <i>Eneida</i>	5m	Ficha de trabalho nº2; <i>Eneida</i> , de Virgílio	Observação directa (anexo 1)
---------------------------------	---	---	--	----	--	------------------------------

HUMANISMO



"A palavra Humanismo deriva do latim *humanus*, que significa "humano". Podemos definir brevemente um humanista como alguém cuja visão do mundo confere grande importância aos seres humanos, à vida e ao valor do ser humano."

Gaarder, Jostein em *O Livro das Religiões*

O movimento Humanista:

- Surge na Itália com Petrarca (1304-1374);
- Estende-se ao resto da Europa, nos finais do séc. XV;
- É assinalado pelo ressurgir das letras clássicas greco-latinas;
- Trouxe um legado cultural e formativo para a ciência e a técnica;
- Substitui o Teocentrismo (Idade Média) pelo Antropocentrismo;
- Valoriza o Homem: este torna-se o centro do mundo, crê nas suas capacidades;
- Experimenta, questiona, descobre e inspira-se na sua *Humanitas*.

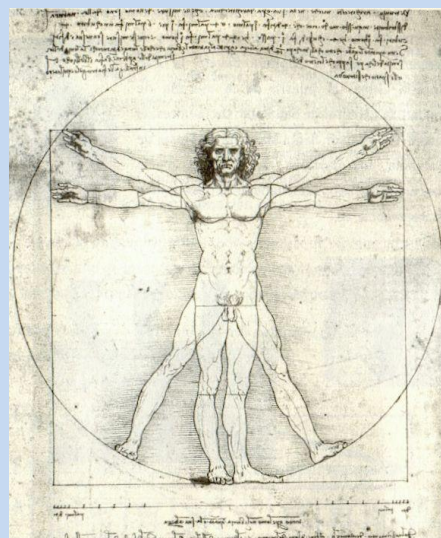


Fig1- Homem Vitruviano, Leonardo Da Vinci

ANEXO 17 – power point 6 (excerto) – biografia de Luis de Camões



**Luis de Camões
(1524-25/ 1580)**

*“Cantando espalharei por toda a
parte , / Se a tanto me ajudar o
engenho e a arte”*

- Durante a doença Camões escreveu:
*“Foge-me, pouco a pouco, a curta vida,
se por acaso é verdade que ainda vivo;
(...) Choro pelo passado; e, enquanto falo,
se me passam os dias passo a passo,
vai-se-me, enfim, a idade e fica a pena.”*
- A 10 de Junho de 1580, o poeta faleceu em Lisboa.



Fig6- Túmulo de Camões, Mosteiro dos Jerónimos

ANEXO 18 – actividade “Semear Poesia”

Figura 25 – exposição de autores portugueses



Figura 26 – pormenor de “semear poesia”



ANEXO 19 – actividade “Árvores dos poemas”

Figura 27 – árvore dos poemas I

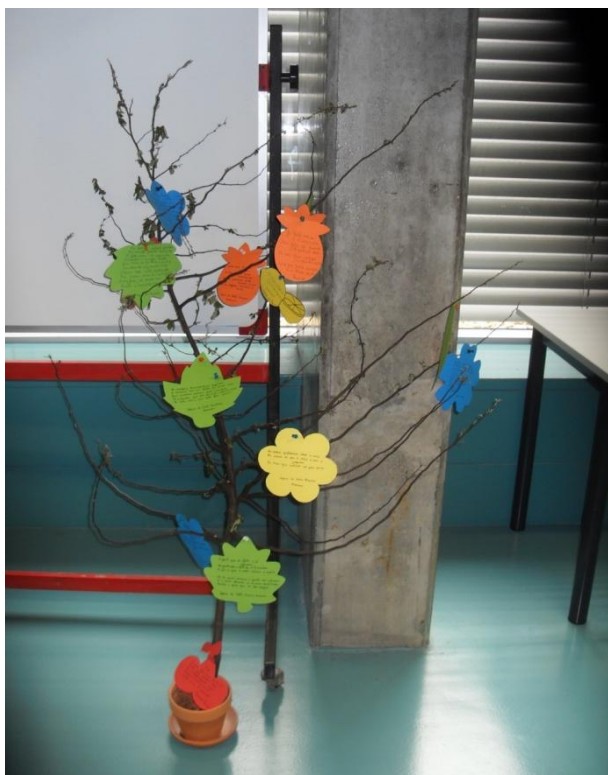


Figura 28 – árvore dos poemas II

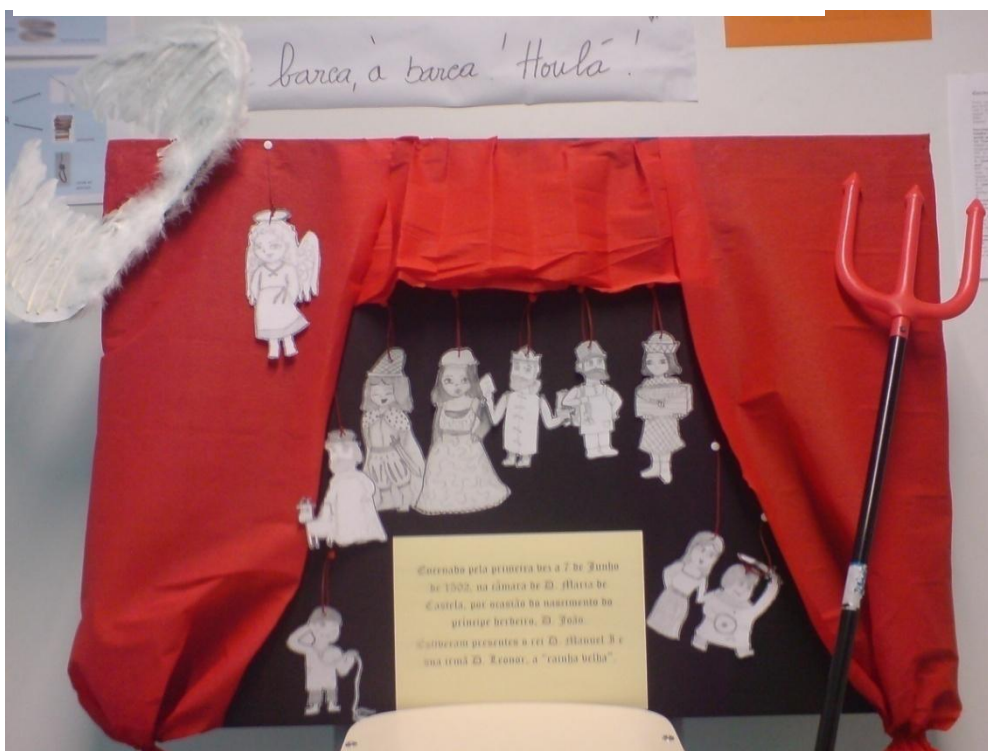


ANEXO 20 – actividade “À Barca, à Barca, Houlá!”

Figura 29 – aspecto geral da exposição vicentina



Figura 30 – pormenor do “palco”



ANEXO 21 – palestra do Prof. Doutor Nuno Júdice

Figura 31 – Prof. Nuno Júdice



Figura 32 – apresentação do Prof. Nuno Júdice

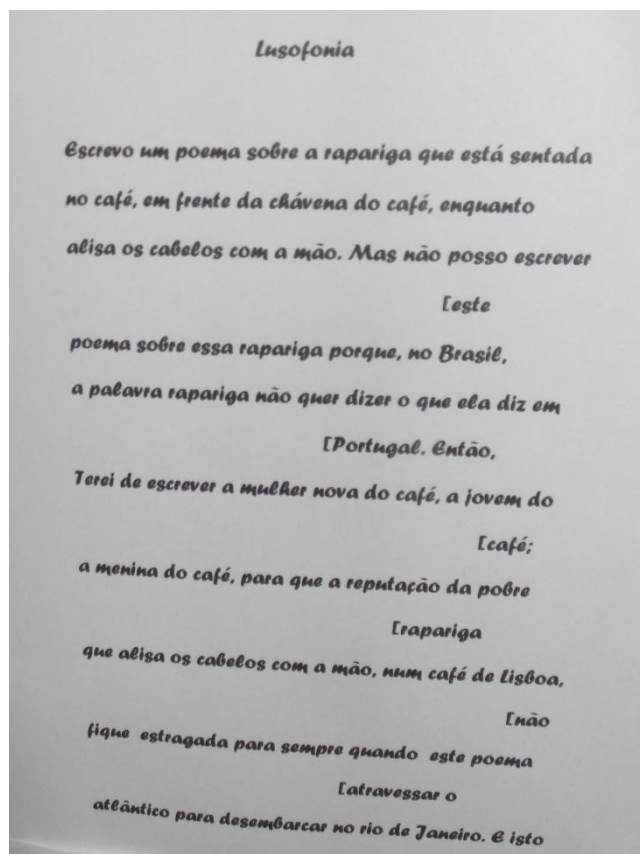


ANEXO 22 – exposição de poesia em língua portuguesa

Figura 33 – aspecto geral da exposição em língua portuguesa



Figura 34 – pormenor de poema





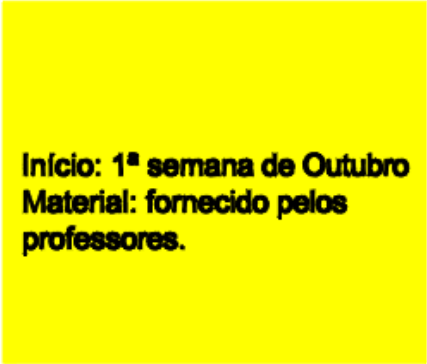
28 Poemas para o 9ºA

Antologia de Poesia Lusófona



(Organização de Manuela SáCoutoAntunes)

ANEXO 24 – montagem do panfleto sobre o Curso Livre de Latim

	<p>Vem aprender Latim!</p> <p>Inscrições junto da Professora de Português</p>
 <p>Nota: o horário será ajustado à preferência dos alunos. Estes devem indicar o horário conveniente.</p>	 <p>O curso inclui actividades fora da escola!</p>

ANEXO 25 – ficha de trabalho de uma aula sobre o teatro de Plauto



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

CURSO LIVRE DE LATIM

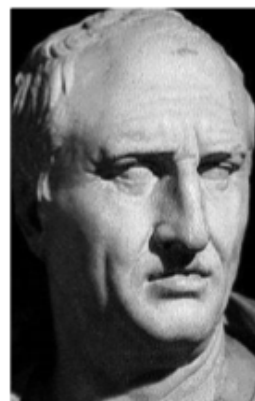
Ano lectivo 2010/2011

PLAUTO – (251 a.C.- 184 a.C)

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Possuidor de biografia lendária. O próprio nome dá que pensar:

Titus	Maccius	Plautus
Praenomen	Nomen	cognomen
	(nome artístico,	"grandes
	Latinização de	orelhas" ou
	Maccus, que significa	"pé chato"
	máscara atelana (em grego)	



- Terá feito grande parte da sua vida em companhia de cómicos. Epoderá ter sido actor. Terá convivido directamente com os escravos e as camadas populares.
- Dedicou-se exclusivamente à Comédia. Escreveu cerca de 130 peças. O sua obra foi consagrada ainda durante a sua vida. Plauto foi um autor muito estimado pelo público de Roma.
- Os seus textos tiveram influências de Menandro e da " Comédia Nova" (ambos gregos).

Aulularia , de Plauto

O enredo e as personagens:

Euclião encontrou junto à lareira um tesouro dentro de uma panelinha. Este ancião era pai de Fedra, moça em idade de casar, muito piedosa , que fazia diariamente libação aos deuses.

A partir do momento em que se tornou rico, o velho passou a viver desconfiado de tudo e de todos, inclusivamente da sua velha serva Estefália, que lhe aturava as suas desconfianças e avareza. Por essa altura, o velho Megadouro apaixonou-se pela rapariga e queria desposá-la. O pai desconfiava dos intentos do velho enamorado, pois este era abastado, começando a empreender que o motivo era o seu achado precioso, uma vez que oficialmente, Fedra era pobre.

O velho apaixonado tinha um sobrinho jovem e sedutor chamado Estrófilo, também ele caiu de amores por Fedra! A partir deste enredo, gerou-se a confusão entre Euclião, desconfiando e escondendo o seu tesouro de todos, enquanto Megadouro, se tornava rival do seu próprio sobrinho!

Por peripécias várias, Fedra irá ser mãe do apaixonado mais jovem. Então, far-se-á o casamento com preparativos muito atribulados, (desconfianças de Euclião e ciúmes de Megadouro).

No final, tudo terminará em bem: a ganância e a desconfiança do velho pai desaparecerá. Passará a dormir sossegado, coisa que deixara de fazer, desde o afortunado achado. Megadouro compreenderá que o sua fortuna não comprara o amor de Fedra, agora casada com o seu insignificante sobrinho. Quanto ao dinheiro, este não dá felicidade, mas uma marmita de ouro encontrada ao canto da lareira, ajudará sempre à festa!

FICHA DE TRABALHO

Texto: “Visita Indesejada”

Uns cozinheiros instalam-se em casa de Euclião, onde fazem um grande reboição. Ao regressar da cidade, o dono depara com visitas insólitas. Agarra-se a Congrião que foge de Euclião.

- 1- Euclio - *Redi. Quo fugis nunc? Tene! Tene!*
- 2- Congrio – *Quid stulte, clamas?*
- 3- Euclio – *Quid ad tresviros mox ego deferam nomen tuum.*
- 4- Congrio – *Quam ob rem?*
- 5- Euclio – *Quia cultrum habes.*
- 6- Congrio – *Coquum decet.*
- 7- Euclio – *Quid minas iactivisti mihi?*
- 8- Congrio – *Me male fecisti, existimo, quia non latus tuum fodi.*

Congrião – *O meu mal – quer-me parecer – foi não te ter trespassado o flanco.*

- 9- Euclio – *Homo nullus qui nunc vivit te peior est... Sed domi quid tibi erat negotii me absente, me non iubente? Volo scire...*

Euclião – *Nenhum homem vivo é pior do que tu... Mas que fazias tu em minha casa, na minha ausência, sem eu mandar? Quero saber...*

- 10- Congrio – *Tace ergo. Quia venimus ut coqueremus ad nutias.*

Congrião – Então cala-te. Pois viemos cozinhar para as bodas.

11-Eudio – *Quid tu curas istud? Aut crudum aut coctum edam. Haec res ad te non pertinet.*

12-Congrio – *Utrum permittis ut hic cenam annon? Volo scire...*

13-Eudio – *Domi utrum me integra erunt annon? Volo quoque scire...*

14-Congrio – *Utinam mea modo auferam quae huc attuli. Quod mihi statis erit. Nullo modo tua cupio.*

15-Eudio – *Scio; ne docueris.*

16-Congrio – *Cur prohibes nos nunc coquere hic cenam? Quid fecimus? Quid diximus aliud atque volebas?*

17-Eudio – *Id rogas, male homo? Nonne per ângulos et cubicula omnia domus meae quaeritis?...*

In, Aulularia, Cena II, III acto, Plauto.

VOCABULÁRIO

Aut...aut (conj.) ou... ou.

Ângulos –subs.: cantos

Annon? Ou não?

Auferam – v. aufero.: levar

Clamas – v. clamo, as, are : chamar, gritar

Cupio- v. cupio, is, ere) . desejar

Diximus – v. dico, dicis, dicere: dizer

Edam- V. edo, edes, edere : (no futuro) comer

Coquum –(subs) coquus, is: cozinheiro

Culturum – culter, cultri. (subs): faca

Curas- v. curo, as, are (ocupar)

Deferam – v. da, as, are: dar (no futuro)

Docueris – v. doceo, es, eris : mostrar, informar

Id - ainda

ANEXO 26 – ficha de treino de oralidade latina



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES

CURSO LIVRE DE LATIM

Ano lectivo 2010/2011

Expressões de Oralidade Latina



- Adeus! - Valete!

- Aproveita o dia que passa! - *Carpe diem!*

- Ainda perguntas? - *Id rogas?*

- Até amanhã! - *Ad crastinum diem!*

- Boa Viagem! - *Bene ambula!*

- Bom dia! - *Salve!*

- Boa noite! - *Sit tibi fausta nox!*

- Como? - *Quomodo?*

- Como estás? - *quomodo vales?*

- Como se chama? - *Quo nomine?*

- Coragem! - *Age!*

- Muito obrigado! - *Maximas gratias!*

- Olá! - *Ave!*

- Parabéns! - *Gratulor tibi!*

- Passe bem! - *Bene sit tibi!*

- Por favor! - *Quaeso!*

- Porquê? - *Quia?*

- Saúde! - *Salus!*

- Sim! - *Ita vero!*

- Tens razão. - *Verum tenes*



ANEXO 27 – ficha formativa “Do latim às línguas novilatinas”
FICHA INFORMATIVA Nº2

Línguas Novilatinas

Sincronia linguística

Latim	Português	Castelhano	Italiano	Francês
amor	amor	amor	amore	amour
basium	beijo	beso	baccio	baiser
caelum	céu	cielo	cielo	ciel
dulcis	doce	dulce	dolce	doux
nasus	nariz	nariz	naso	nez

***Crioulo Guineense:**

- Na kal lingu k n na skirbi? (Em que língua escrever?)
- Na diklarasons di amor? (As declarações de amor?)

(Odete Costa Semedo, Poetisa da Guiné)

A presença das línguas novilatinas no mundo

Língua	Nº de falantes	Ranking	Alguns locais onde se fala
Português	240 milhões	6º	Em 8 países (CPLP), vestígios em Malaca, Macau, Comunidades lusófonas (emigrantes)
Castelhano	500 milhões	5º	América Latina e comunidades Hispânicas (emigrantes)
Francês	220 milhões	10º	África, Canadá e comunidades francófonas
Italiano	110 milhões	11º	Itália, dialectos na Europa (Suíça e França), comunidades Italianas (emigrantes)
Romeno	24 milhões		Roménia, Moldávia, Sérvia
TOTAL	1094 milhões		

No mundo existem 6 mil e 600 milhões de habitantes, entre os quais 1 em cada 6 fala uma língua derivada do Latim, isto é, uma língua NOVILATINAS

ANEXO 28 – visita de estudo a Coimbra (Criptopórtico de *Aeminium*)

Figura 35 – Prof. Leonor Sardinha e mestrandas

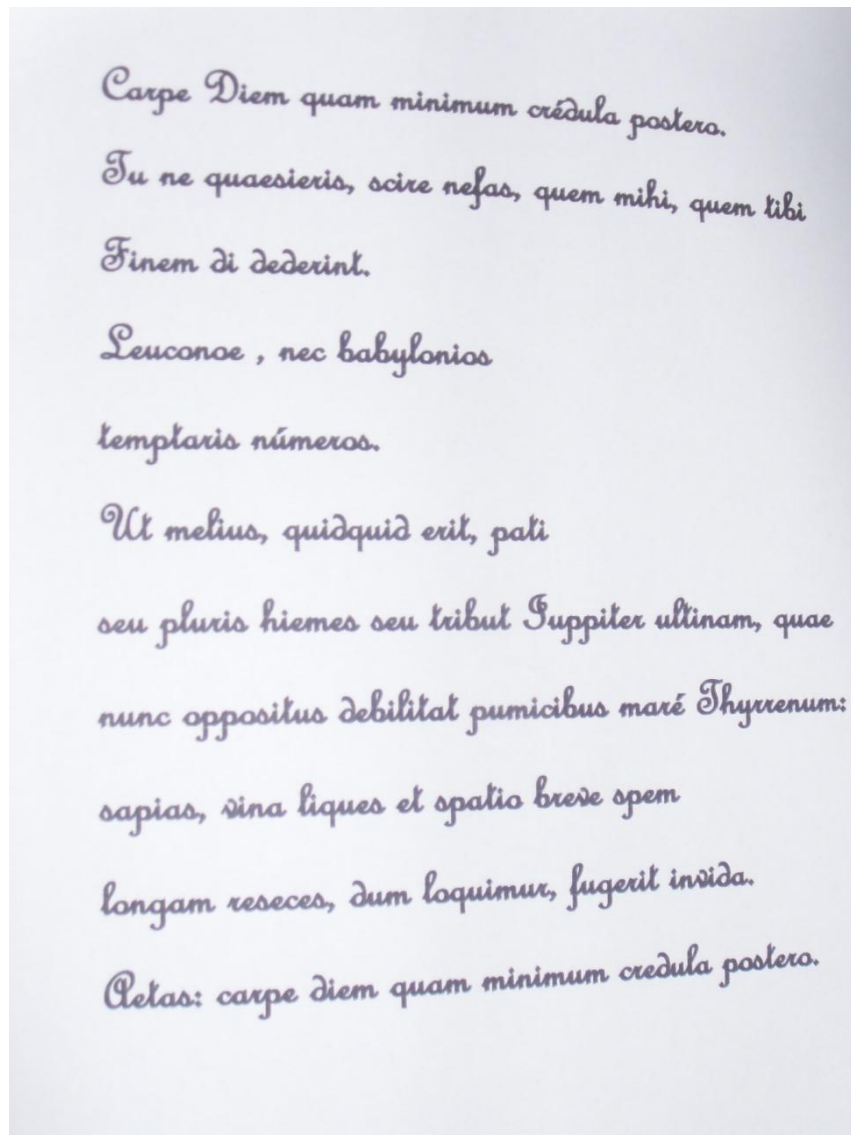


Figura 36 – *ara pacis* (*Aeminium*)



**ANEXO 29 – poema *Carpe Diem*, integrado na exposição de poesia em
língua portuguesa**

Figura 37 – poema *Carpe Diem*



ANEXO 30 – antologia poética: 28 *poemas para o 9º A* (em CD ROM)